

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação

HENRIQUE BATISTA ALMEIDA

A LEITURA LACANIANA DO CONCEITO FREUDIANO DE PULSÃO

Goiânia
2016

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

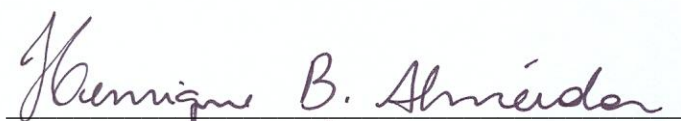
Nome completo do autor: Henrique Batista Almeida

Título do trabalho: A leitura lacaniana do conceito freudiano de pulsão

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do (a) autor (a)

Data: 07 / 09 / 2016

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

HENRIQUE BATISTA ALMEIDA

A LEITURA LACANIANA DO CONCEITO FREUDIANO DE PULSÃO

Dissertação apresentada para Exame de defesa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, na Linha de Bases Históricas da Psicologia, sob a orientação do Prof. Dr. Cristovão Giovani Burgarelli.

Goiânia

2016

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação

HENRIQUE BATISTA ALMEIDA

A LEITURA LACANIANA DO CONCEITO FREUDIANO
DE PULSÃO

Goiânia
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Almeida, Henrique Batista
A leitura lacaniana do conceito freudiano de pulsão [manuscrito] /
Henrique Batista Almeida. - 2016.
XCI, 91 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Cristovão Giovani Burgarelli.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação
em Psicologia, Goiânia, 2016.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. Psicanálise. 2. Pulsão. 3. Freud. 4. Lacan. I. Burgarelli,
Cristovão Giovani, orient. II. Título.

CDU 159.9

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
DE HENRIQUE BATISTA ALMEIDA**

Aos oito dias do mês de agosto do ano de dois mil e dezesseis (08/08/2016), às 14:30 horas, reuniram-se os componentes da Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado: Prof. Dr. Cristovão Giovanni Burgarelli, doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas; Prof.^a Dr.^a Angela Maria Resende Vorcaro, doutora em Psicologia pela PUC-SO e Prof.^a Dr.^a Susie Amâncio Gonçalves de Roure, doutora em Educação pela UFG para, sob a presidência do primeiro, e em sessão pública realizada nas dependências da Faculdade de Educação, procederem à sessão pública de defesa da dissertação intitulada: "A leitura lacaniana do conceito freudiano de pulsão", em nível de Mestrado, área de concentração em Psicologia, de autoria de *Henrique Batista Almeida*, discente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás. A sessão foi aberta pelo presidente da Banca Examinadora, Prof. Dr. Cristovão Giovanni Burgarelli, que fez a apresentação formal dos membros da Banca e deu início às atividades de apresentação, apreciação e avaliação da dissertação de mestrado. A Banca Examinadora, após a apreciação e avaliação do texto apresentado, decidiu considerá-lo **aprovado**. Os trabalhos foram até às 16:30 horas e eu, **Fernando Lacerda Júnior**, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FE/UFG, lavrei a presente ata que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora. **Goiânia, aos oito dias do mês de agosto de 2016.**

Prof. Dr. Cristovão Giovanni Burgarelli - (Orient.) _____

Prof.^a Dr.^a Angela Maria Resende Vorcaro _____

Prof.^a Dr.^a Susie Amâncio Gonçalves de Roure _____

Fernando Lacerda Júnior (Coordenador do PPGP) _____



Confere Com Original

Assina Embaixo
do Mestrado

Para meus pais, Paulo e Cleonice e
minhas irmãs, Bianca e Beatriz.

Agradecimentos

A Deus, pela proteção.

Ao Prof. Giovani, pela acolhida em seu grupo e pela disponibilidade em apresentar o denso campo teórico da psicanálise lacaniana.

A família, pelo apoio incondicional e a compreensão de sempre.

A FAPEG, pelo apoio financeiro.

Ao PPGP (Programa de Pós-Graduação em Psicologia), pela formação.

A coordenadoria, pelo empenho e dedicação na construção do projeto do PPGP.

As secretárias do PPGP, Layce e Andrea, pela disponibilidade, gentileza e ajuda.

Aos professores do PPGP, pela preciosa experiência formativa.

A Jaquelyne, pela parceria, por suportar generosamente estar ao meu lado nesse período, compartilhando angústia, comemorando conquistas e partilhando momentos de improdutividade produtiva. A sua presença tornou o percurso bem mais agradável.

Aos amigos de sempre, Anna Karollina, Amanda, Stéfany, Marylia, Maevy e Marialice, pelo suporte oferecido nos momentos menos felizes.

Aos membros do grupo de estudos, pela rica experiência formativa.

Aos colegas de orientação, Dayanna, Marcelo, Allan, Mariah, Bruno e Taty, pela receptividade e pelo compartilhamento da experiência.

As colegas do PPGP, Tainá, Maraiza, Ângela, Nathália, Jacqueline e Rafaela, pela acolhida e incentivo.

Aos meus alunos, instigadores do conhecimento.

A banca de qualificação, pelas preciosas orientações.

Sumário

LISTA DE FIGURAS	IX
RESUMO	X
ABSTRACT	XI
INTRODUÇÃO	12
1 O CONCEITO DE PULSÃO EM SIGMUND FREUD	16
1.1 PRIMEIRO DUALISMO PULSIONAL	16
1.1.1 <i>A mitologia freudiana</i>	17
1.1.2 <i>O conceito</i>	21
1.1.3 <i>Atividade/ passividade e libido</i>	28
1.1.4 <i>Exigência de trabalho</i>	29
1.1.5 <i>Representação</i>	31
1.1.6 <i>Pulsão do Eu x pulsão sexual</i>	39
1.2 SEGUNDO DUALISMO PULSIONAL	41
1.2.1 <i>Compulsão à repetição</i>	43
1.2.2 <i>Retorno ao estado anterior</i>	45
1.2.3 <i>Pulsão de destrutividade</i>	48
2 O CONCEITO DE PULSÃO EM JACQUES LACAN	53
2.1 PRINCÍPIO DE PRAZER E PRINCÍPIO DE REALIDADE	54
2.2 DAS DING	60
2.3 NECESSIDADE, DEMANDA E DESEJO	64
2.3.1 <i>A satisfação</i>	75
2.3.2 <i>O amor e a pulsão</i>	78
2.3.3 <i>Pulsões parciais</i>	80
2.4 PULSÃO DE MORTE	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89

Lista de Figuras

<i>Figura 1 - Grafo 1</i>	65
<i>Figura 2 - Grafo 2</i>	71
<i>Figura 3 - Grafo 3</i>	72
<i>Figura 4 - Esquema L</i>	73
<i>Figura 5 - Grafo completo</i>	74

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo investigar a leitura realizada por Jacques Lacan do conceito de pulsão definido por Sigmund Freud. Este estudo partiu da apreensão da teoria das pulsões na obra freudiana, perpassando por conceitos fundamentais relacionados à temática estudada. Em Lacan foram privilegiados o grafo do desejo e os seminários *o livro 7: a ética da psicanálise* e *o livro 11: os quatro conceitos fundamentais*. Nesse percurso verificou-se o desenvolvimento histórico freudiano do conceito pulsional expresso pelos dois dualismos pulsionais: pulsões do Eu (autoconservação)/pulsões sexuais e pulsão de vida e pulsão de morte. Já Lacan promove uma retomada do texto freudiano numa intricação radical com a teoria da linguagem, o que implica numa releitura da teoria das pulsões.

Palavras-chave: Psicanálise; pulsão; Freud; Lacan.

Abstract

This thesis aims at investigating Jacques Lacan's reading of the concept of instinct as defined by Sigmund Freud. This study started from the comprehension of the instinct theory in Freud's work, investigating fundamental concepts related to the subject studied. In Lacan, the privileged concepts were the graph of desire and seminars of book 7: the ethics of psychoanalysis, and book 11: the four fundamental concepts. In the course of this study, there was the verification of Freud's historical development of the concept expressed by the two instinctual dualisms: self drives (self-preservation)/sexual drives and life drive and death drive. Lacan promotes a resumption of Freudian text in a radical intricacy with the theory of language, which implies a new reading of the instinct theory.

Keywords: Psychoanalysis; Instinct; Freud; Lacan

Introdução

O conceito de pulsão no campo psicanalítico possui grande importância por descrever as relações dinâmicas, tópicas e econômicas do funcionamento do aparelho psíquico, possibilitando uma compreensão do homem que se opõe a várias outras concepções, principalmente no que diz respeito à identificação do sujeito à consciência racional e ao dualismo entre corpo e mente. Sigmund Freud já em suas descobertas iniciais, no trabalho clínico com as histéricas de Viena, desconstrói essas noções ao demonstrar as causas psíquicas dos sintomas que se apresentavam no corpo. Além disso, a teoria das pulsões inaugura uma nova forma de apreender a dinâmica psíquica, superando inclusive o paradigma normal-patológico, por meio da concepção da inexistência de um objeto predeterminado da pulsão. Isso justifica e legitima a diversidade na expressão humana. Além da ausência de objeto, a pulsão não teria em si nenhuma qualidade, seria apenas uma medida de exigência que levaria o homem a tomar e a assumir os mais diversos percursos.

Nomeado por Freud em alemão de *trieb*, este conceito foi tomado por diferentes acepções, distorcido muitas vezes pelos sucessores freudianos. Segundo Hanns (1996), a tradução do termo *trieb* na obra freudiana é um dos mais complicados, devido à polissemia da palavra e dos próprios sentidos que Freud atribuiu ao empregar esse vocábulo. Na obra freudiana, além de *trieb*, foram utilizados outros termos relacionados ao primeiro que também geraram polêmica entre os pós-freudianos, a saber, *instinkt* (instinto) e *drang* (pressão). Apesar de alguns autores não fazerem distinção entre *instinkt* e *trieb*, Laplanche e Pontalis (1991) ressaltam que a despeito de ambos os termos não terem sido definidos em explícita oposição, pela referência freudiana pode-se perceber a diferença entre eles, o que já é verificado na própria língua alemã. Dessa forma, no campo psicanalítico são assumidos diversos posicionamentos teóricos a respeito do conceito de pulsão, e, conseqüentemente, isso repercute na própria compreensão do funcionamento do psiquismo.

Lacan radicaliza o conceito de pulsão, com a preocupação de afastar a própria psicanálise da biologia, e conseqüentemente o conceito de pulsão de instinto. Ao cunhar o conceito de *pulsion*, na língua francesa, o autor estabelece um termo para a tradução e acoplado a ele um posicionamento teórico a respeito do *trieb* freudiano. Sua acepção influenciou e influencia um vasto número de praticantes e estudiosos da psicanálise, constituindo um campo específico desse saber.

São incorporados, na apropriação realizada por Lacan da teoria freudiana, saberes advindos da linguística, antropologia, filosofia, matemática entre outros, o que impulsionou o avanço teórico dos postulados freudianos, além de possibilitar o estabelecimento de novas

acepções. Assim, muitos psicanalistas tomam a teoria de Lacan em um *continuum* do desenvolvimento teórico de Freud. No entanto, vale desconfiar dessa forma linear e evolucionista com que muitos tomam a psicanálise freudiana e lacaniana.

Diante disso, cabem alguns questionamentos: a teoria lacaniana não apresenta uma ruptura ao pensamento freudiano? Em que medida as aproximações entre os pressupostos teóricos de ambos os autores se sustentam? Freud e Lacan apresentam uma mesma compreensão de sujeito de pulsão? A clínica freudiana e lacaniana são idênticas? Diante dessas indagações, a presente pesquisa tem como objetivo compreender a leitura realizada por Jacques Lacan do conceito de pulsão definido por Sigmund Freud.

A presente investigação configura-se como pesquisa teórica em psicanálise, podendo ser definida como “[...] o estudo das teorias por si mesmas, como conjunto de hipóteses, deduções e elaborações sobre certos fenômenos psíquicos que cada uma delas toma como objeto de reflexão” (Mezan, 1993 p. 60). Essa modalidade de pesquisa visa à contribuição na produção de construtos teóricos para compor o próprio campo teórico psicanalítico. O que garante sua especificidade é ter como ponto de partida a teoria e ir para a teoria, diferentemente das modalidades em que se parte da clínica para a teoria ou da teoria para a clínica. Além disso, a pesquisa teórica em psicanálise permite realizar contraposições, aproximações entre conceitos, teorias e autores. (Mezan, 1993)

No primeiro capítulo apresenta-se a concepção de pulsão em Freud, contextualizando historicamente os desenvolvimentos da teoria psicanalítica, assim como o desdobramento da própria teoria pulsional. Além disso, para explicitar o objeto estudado foram explorados os principais elementos que compõem ou estabelecem relação com a pulsão. Para isso, recorreu-se ao material bibliográfico de autoria de Freud, que apresenta de forma significativa a teoria das pulsões, além de recorrer a textos que expressam compreensões e conceitos que subsidiam a apreensão da temática.

Nessa empreitada, o percurso que se tomou seguiu os avanços históricos do conceito. Assim, subdividiu-se o primeiro capítulo em duas partes referentes aos dois dualismos pulsionais encontrados na teoria freudiana. O primeiro dualismo pode ser datado na primeira apresentação de Freud de noções do movimento pulsional expressos no texto *Projeto para uma psicologia científica* de 1895 até o texto *Além do princípio do prazer* de 1920. Nesse período encontram-se importantes proposições que permitem elucidar o conceito de pulsão. A primeira definição do conceito em questão foi desenvolvida nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de 1905, em que Freud apresenta a problemática da perversão e o desenvolvimento do aparelho psíquico nos seus estágios da libido.

A apreensão da teoria das pulsões em Freud exige a compreensão de outros conceitos. Nessa rede conceitual estão presentes a libido, a representação, a exigência de trabalho, os pares de oposto atividade e passividade, os princípios de prazer e de realidade e o narcisismo. Esse último, em especial, apresenta grande importância para a revisão do primeiro dualismo, pois no seu desenvolvimento, a descoberta do Eu como único reservatório de libido implicou na assertiva de que toda pulsão é a sexual.

O segundo dualismo, iniciado em 1920, foi elaborado pelas constatações de que haveria algo além do princípio do prazer expressos nos sonhos traumáticos, na compulsão à repetição apresentada na clínica, no sadismo infantil e nas repetições nas brincadeiras infantis. Esses fenômenos foram identificados por Freud como manifestações da pulsão de morte. Para apresentar a riqueza da teorização freudiana foram eleitos três movimentos pulsionais: a compulsão à repetição, o retorno ao estado anterior e a destrutividade.

O segundo capítulo apresenta a compreensão de Jacques Lacan da teoria das pulsões e os demais conceitos presentes nessa trama conceitual delimitados pelo *seminário, livro 7: a ética da psicanálise* de 1959-1960, o *seminário, o livro 11: os quatro conceitos fundamentais* de 1964 e o texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* de 1960. Nesses, Lacan promove uma releitura cuidadosa de Freud, à luz da teoria do significante, explorando elementos explícitos na letra de Freud, mas pouco explorados nas elaborações que tendem a um fechamento, problematizando apreensões simplistas e promovendo avanços teóricos significativos em relação à teoria pulsional freudiana.

Abordou-se a leitura que Lacan efetuou dos princípios freudianos de prazer e de realidade e a problemática da satisfação. Segundo a compreensão lacaniana, devido à lógica significante à qual o sujeito está submetido não é possível conceber uma realidade objetiva e externa. Dessa forma, a oposição entre esses princípios são tomados na sua relação com o Outro primordial, como *das Ding* conforme estabelecido no *seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Esse trajeto permitiu elucidar que a satisfação pulsional não ocorre a não ser na sua insatisfação, por isso o destaque da parcialidade pulsional. Além disso, o prazer não está no ato de alcançar o alvo, mas sim no contorno do objeto *a*.

Na teoria lacaniana o conceito de pulsão aparece em uma relação dialética com a demanda e o desejo. Diante disso, recorreu-se à tríade demanda, desejo e necessidade para explicitar como a fórmula da pulsão presente no grafo do desejo e as articulações que são possíveis estabelecer com os elementos que compõem esse grafo. Seguiu-se também a diferenciação posta pelo autor no que se refere ao campo da pulsão e do amor e da

necessidade. Essa delimitação conduz Lacan a estabelecer apenas uma pulsão, a pulsão de morte, considerando o segundo dualismo freudiano como aspectos dessa pulsão elementar.

Ao longo da pesquisa tomou-se o cuidado de não recorrer a comentadores da teoria freudiana e lacaniana para evitar possíveis leituras que aproximassem os autores trabalhados de forma acrítica, uma vez que isso comprometeria a identificação de possíveis divergências e convergências entre as teorias freudiana e lacaniana.

1 O Conceito de Pulsão² em Sigmund Freud

1.1 Primeiro Dualismo Pulsional

Na investigação dos sintomas histéricos, Freud se depara com a vida sexual de seus pacientes e as influências dessa na vida psíquica. Essa descoberta está nos pilares da própria psicanálise, fazendo com que o olhar do jovem médico se dirigisse para esse fenômeno. Dessa forma, a pesquisa freudiana se voltou para as patologias e os componentes sexuais que as compunham, investigando as expressões sexuais na infância e as aberrações. Esse percurso tomado fez com que Freud se deparasse com o fenômeno da pulsão, o que resultou em um acréscimo a sua metapsicologia. A pesquisa das pulsões e a sua elaboração teórica teve como propulsor o interesse em compreender as psiconeuroses e as manifestações sexuais consideradas anormais, como as perversões. Nesse trajeto foram explorados os caminhos que a pulsão toma nos desvios do objeto sexual, como a homossexualidade, a zoofilia e a pedofilia; e o trajeto irregular dos alvos sexuais, como a boca, o ânus, o olhar, o tato, o sadismo, masoquismo etc.

Devo primeiramente esclarecer, repetindo o que já disse em outras publicações, que essas psiconeuroses, até onde chegam minhas experiências, baseiam-se em forças pulsionais de cunho sexual. Não quero dizer com isso apenas que a energia da pulsão sexual faz uma contribuição para as forças que sustentam os fenômenos patológicos (os sintomas), e sim asseverar expressamente que essa contribuição é a única fonte energética constante da neurose e a mais importante de todas, de tal sorte que a vida sexual das pessoas em pauta expressa-se de maneira exclusiva, ou predominante, ou apenas parcial, nesses sintomas. (Freud, 1905/2006 p. 155)

Ao se deparar com a importância da vida sexual para os seres humanos por meio dos sintomas, Freud descobre que esses últimos são basicamente as atividades sexuais dos neuróticos. Adiante, demonstrou que as pulsões são causas dos sintomas, propiciando também a sua manutenção. Segundo Strachey (2006b), desde 1897 Freud tinha abandonado a teoria da sedução e começou seus estudos sistematizados a respeito da sexualidade infantil. Seguiu os caminhos do sintoma, fazendo uma investigação da sexualidade que foi expressa nos *Três*

² Em uma pesquisa realizada anteriormente (Almeida, 2013) foi verificado que a tradução do termo *Trieb* é controversa no campo psicanalítico. Muitos tradutores adotam o termo instinto, outros preferem o vocábulo pulsão. Essa escolha diz respeito às filiações institucionais, não se referindo apenas ao âmbito da terminologia, mas às questões éticas, ideológicas, teóricas etc. Portanto, a escolha dos termos não representa unicamente os postulados freudianos, mas também a leitura que se tem desses. Além disso, o termo pulsão afasta radicalmente a psicanálise de uma leitura biologicizante que o termo instinto poderia acarretar. Dessa forma, neste trabalho será adotado o termo pulsão para expressar o conceito freudiano *trieb*, entendendo que esse vocábulo comporta em grande medida a complexidade do conceito original. Ademais, vale ressaltar que as diferentes edições dos textos freudianos consultadas na realização dessa pesquisa apresentam ambos os termos, mas cabe ao leitor se remeter ao conceito original *trieb*, sempre que encontrar tais termos.

ensaios sobre a teoria da sexualidade de 1905. Nessa obra, Freud (1905/2006) alerta que a investigação das manifestações sexuais na infância permitiria compreender os elementos, a composição e o desenvolvimento da pulsão.

Investigar a pulsão permitiu elucidar sua importância para a compreensão do humano, não sendo possível mais, após sua descoberta, abordar nenhum fenômeno de ordem humana sem situá-la, pois a “[...] ação concorrente e mutuamente oposta dos dois instintos fundamentais dá origem a toda a variedade de fenômenos da vida” (Freud, 1940 [1938]/2006 p. 162). As pulsões básicas estariam presentes na origem de todas as atuações humanas e, portanto, são imprescindíveis para a compreensão do aparato anímico concebido por Freud.

1.1.1 A mitologia freudiana.

Com as teorizações a respeito da pulsão, a metapsicologia abarcou mais um conceito que descreve as relações dinâmicas, tópicas e econômicas do funcionamento do aparelho psíquico. (Freud S., 1915/2006; 1920/2004) No entanto, diferente do conceito de inconsciente, que também compõe a metapsicologia, Freud encontrou dificuldade em investigar e em expor suas constatações da vida pulsional. O autor demonstrou a existência do inconsciente por meio de suas manifestações nos sonhos, atos falhos e nos chistes. Essa mesma abordagem não poderia ser utilizada com a pulsão, o que exigiu uma outra forma de abordagem metodológica e teórica.

Freud (1915/2004b) inicia o texto *Pulsões e destinos da Pulsão* com a exposição a respeito da constituição de uma ciência, afirmando que nem mesmo as ciências duras têm em seu início postulados claros e precisamente definidos. Todo saber se inicia com uma certa indefinição, com a ausência de delimitação e a descrição de fenômenos que serão posteriormente organizados, ordenados e correlacionados. Esse procedimento permite agregar abstrações oriundas de experiências e de outras fontes teóricas. Assim, essas teorizações se constituem como convenções, mantendo uma estreita relação com a fonte empírica. Ademais,

é comum que imaginemos poder intuir tais relações antes mesmo de podermos caracterizá-las e demonstrá-las, mas só depois de termos investigado mais a fundo determinado campo de fenômenos é que poderemos formular com mais precisão seus conceitos básicos e modificá-los progressivamente, até que se tornem amplamente utilizáveis e, portanto, livres de contradição. É apenas então que talvez tenha chegado a hora de confinar os conceitos em definições. (Freud, 1915/2004b p. 145)

Nesse trecho o autor demonstra uma preocupação em sustentar e embasar a teoria das pulsões e, para isso, apresenta um percurso para a formulação do conhecimento que admite

especulações. Para forjar uma definição é necessário postular princípios que pelo trabalho racional serão caracterizados, articulados e livres das contradições, tornando-se passível de demonstração. Nesse percurso, há um trabalho racional intenso que coloca as suposições teóricas à prova diante do desenvolvimento de outros conceitos e da própria observação clínica e cotidiana.

Ao expor a dificuldade em sustentar teoricamente o dualismo entre libido do Eu e libido objetal, Freud (1914/2004) novamente afirma que seu saber se trata de uma teoria especulativa, sustentada pelo estudo das organizações psíquicas neuróticas e psicóticas, em oposição à ciência pautada em dados empíricos. A especulação freudiana se ancora e tem como ponto de partida a constatação oriunda da observação clínica, principalmente das perturbações psíquicas, que foram as principais fontes de dados para a pesquisa das pulsões (Freud S. , 1915/2004; 1920/2004).

Para definir as pulsões elementares, as pulsões do Eu e as pulsões sexuais, Freud evidencia, como próprio do método especulativo, que seus pressupostos podem ser substituídos e contrapostos por outras concepções caso a realidade ou outros achados não permitam mais fazer uso das ideias atuais. A respeito da teoria da pulsão o autor assevera que

[...] essa classificação não é uma premissa necessária, como, por exemplo, a hipótese a respeito da tendência biológica do aparelho psíquico. Ela é uma simples construção auxiliar que apenas será mantida enquanto se mostrar útil; sua substituição por outra fará pouca diferença nos resultados de nosso trabalho de descrição e categorização. (Freud, 1915/2004b p. 150)

Além disso, o método da psicanálise comporta o ato de recorrer a outros saberes e tomar de empréstimo deles noções que permitam elucidar os processos psíquicos. Quanto a isso Freud (1915/2004b) esclarece: “Penso também que seria desejável que pudéssemos tomar esses pressupostos emprestados de outro campo e transferi-los à psicologia. Nesse sentido, cabe mencionar que da biologia provém uma contribuição que corrobora a idéia de uma separação entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais.” (p. 150) Assim, Freud faz uso da mitologia, da filosofia, das artes, da biologia, da fisiologia, da antropologia e de demais conhecimentos para conceber e sustentar teoricamente postulados que elucidam o funcionamento psíquico, preservando, contudo, a radicalidade e especificidade própria da visão psicanalítica.

Na teoria das pulsões é recorrente o uso de noções da biologia para explicitar a dinâmica pulsional, principalmente das pulsões do Eu e a própria pulsão de morte. (Freud, 1920/2004) No entanto, a leitura cuidadosa dos textos freudianos permite entender que tal fato não incorreu em explicações biologicistas para o funcionamento psíquico. Na verdade, ao

lançar mão de pressupostos oriundos da biologia, Freud não biologicizou o psiquismo, mas apenas constatou a mesma lógica de funcionamento nos processos psíquicos. Assim, ao deslocar esse saber, o autor estabelece um novo campo de conhecimento, a psicanálise, que permite compreender o homem por meio de postulados radicalmente diferentes da noção biológica.

Ao se referir às explicações inatistas a respeito dos homoafetivos (invertidos), Freud (1905/2006) afirma que não há como supor que o “invertido” tenha algo biologicamente determinado que estabeleça o vínculo a priori entre a pulsão e o objeto sexual. Diante disso, torna-se claro que a compreensão biológica a respeito dos fenômenos humanos não é tomada pela psicanálise em sua totalidade. Isto é, ao recorrer aos outros campos do saber, Freud não quer trazer a compreensão de homem dessas áreas para a psicanálise, mas sim possibilitar conceber teoricamente, no campo psicanalítico, postulados, princípios, articulações, classificações etc. que permitam explicitar o funcionamento do inconsciente. O intuito para recorrer a esses outros saberes refere-se à tentativa de examinar exaustivamente e conceber possíveis desdobramentos, como expressa o trecho a seguir:

Entretanto, queremos deixar bem claro que a necessidade de fazer empréstimo da ciência biológica aumentou consideravelmente o grau de insegurança de nossa especulação. A biologia é, verdadeiramente, um réu de possibilidades ilimitadas, podemos esperar dela informações as mais surpreendentes, não há como adivinhar que respostas ela dará em algumas décadas às perguntas que hoje lhe colocamos. Talvez venham justamente aquelas respostas que implodem toda a nossa construção artificial de hipóteses. Mas, se existe essa possibilidade, então alguém poderia perguntar: qual é a finalidade de empreender trabalhos como os apresentados neste capítulo, e por que torná-los públicos? Bem, somente posso responder que algumas analogias, associações e relações me parecem suficientemente dignas de consideração para achar que valia a pena correr o risco. (Freud, 1920/2004 p. 179)

Em *Além do princípio do prazer*, Freud apresenta relações e semelhanças entre os processos psíquicos e os princípios básicos da embriologia, anatomia e fisiologia. Essas articulações permitiram que o campo teórico psicanalítico fosse estreado na biologia e em outros saberes, mas ao mesmo tempo apresenta uma apreensão de homem que marcou uma ruptura histórica no conhecimento, justamente por apresentar uma compreensão que diferia radicalmente das usuais.

Além disso, Freud reconhece a limitação da especulação e admite que a qualquer momento os postulados oriundos desse método podem ser abandonados, mas que é necessário reconhecer a potencialidade deles, sem, contudo, superestimá-los.

Poderiam me perguntar se, e em que medida, eu mesmo estou convencido das hipóteses desenvolvidas aqui. Minha resposta seria a de que nem estou convencido, nem peço aos outros que acreditem nelas. Para ser mais exato, eu diria que não sei até

que ponto acredito nelas. Contudo, não vejo razão por que o fator afetivo da convicção deveria ser considerado aqui. Penso que é perfeitamente lícito que o ser humano persiga o fio da meada de alguma hipótese até onde quer que seja, ou por simples curiosidade científica, ou no papel de *advocatus diaboli*, que nem por isso vendeu a alma ao diabo. (Freud, 1920/2004 p. 178)

Após elaborar um conceito, não é papel do investigador tomá-lo como verdade absoluta e colocar a teoria em supremacia frente à realidade. Freud sempre sustentou os pressupostos teóricos da psicanálise como suposições. Essa postura consiste em não tomar a teoria de forma acrítica e nem como verdade absoluta, mas como aporte e hipótese, o que permite ler a realidade e, ao mesmo tempo, caso seja necessário, usá-la para reformular as especulações anteriormente desenvolvidas.

O método freudiano de investigação comporta também os dados empíricos, oriundos da prática clínica e de observações cotidianas, que servem para confirmar ou fazer caírem, as especulações. Ao se referir sobre os avanços da teoria das pulsões no que se refere à ampliação da sexualidade e a proposição do narcisismo, Freud (1920/2004) afirma:

Essas inovações foram traduções diretas da observação para a teoria, e se nelas houver engano ele está na medida do habitual nesses casos. Quando afirmamos o caráter regressivo das pulsões, sem dúvida nos apoiamos também em material observado, a saber, nos fatos que se reportam à compulsão à repetição. Mas é possível que eu tenha superestimado a sua importância. Em todo o caso, para desenvolver essa idéia foi preciso combinar sucessivas vezes o que é da ordem dos fatos com o que é puramente especulativo, processo que, portanto, nos afasta muito da observação. Sabemos que quanto mais se procede assim durante a construção de uma teoria, menos se pode confiar no resultado final, embora não se possa determinar exatamente seu grau de incerteza. (p. 178)

As observações dos impulsos libidinais que insistiam nos sintomas, o masoquismo/sadismo infantil, os atos destrutivos dos homens para com a civilização, a crueza das perversões, a compulsão à repetição entre outros, foram fontes de dados, que juntamente com o material especulativo compuseram a teoria das pulsões. Com todos os cuidados tomados na investigação das pulsões, Freud afirma que essa parte da metapsicologia psicanalítica foi a que menos progrediu, mas, por outro lado, era indispensável apresentar suposições para conceber sua existência na vida psíquica. (Freud S. , 1930[1929]/2006; 1905/2006)

A teoria pulsional com sua natureza especulativa poderia ser facilmente rebatida, ainda mais pelo uso recorrente de saberes que partem de uma outra compreensão metodológica e teórica a respeito do homem. Freud chega a afirmar que “a teoria dos instintos é, por assim dizer, nossa mitologia” (Freud, 1933/2006 p. 98). Entretanto, os estudos exaustivos e atentos de Freud fizeram com que essa fragilidade de seu método ganhasse

consistência no método da observação da realidade. O abundante material coletado na clínica e o exame metucioso do cotidiano fizeram com que a teoria pulsional adquirisse substância e fundamentação.

A observação de crianças tem a desvantagem de trabalhar com dados facilmente passíveis de mal-entendidos, e a psicanálise é dificultada pelo fato de só poder chegar a seus dados e conclusões depois de longos rodeios; em cooperação, entretanto, os dois métodos obtêm um grau satisfatório de certeza de conhecimentos. (Freud, 1905/2006)

A metapsicologia da pulsão levou tempo para se estabelecer, sendo revisitada algumas vezes. Isso ocorreu pelas evidências encontradas e pelo próprio desenvolvimento da psicanálise que obrigou sua revisão. Além disso, o método adotado exigia que as suposições fossem postas à prova, o que leva tempo. Assim, o arcabouço teórico pulsional permitiu circunscrever conceitualmente o fenômeno e estabelecer pressupostos de sua topologia, dinâmica, e economia.

1.1.2 O conceito.

Ao longo da obra freudiana é apresentada em diversos textos a conceituação da pulsão. Vale ressaltar que há temporalmente uma diferença significativa em suas conceitualizações antes do estabelecimento teórico da pulsão de morte e depois. No que se refere a essa primeira teorização, os textos freudianos importantes que apresentam de forma consistente uma definição são: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de 1905, *Pulsões e destinos da Pulsão* de 1915 e *O inconsciente*, também de 1915, Nesses textos estão presentes definições muito semelhantes, que podem ser abarcadas pela definição apresentada em *Pulsões e destinos da pulsão*:

[...] do ponto de vista biológico, a “pulsão” nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo. (Freud, 1915/2004b)

Pautado em sua compreensão do desenvolvimento de um conceito, Freud recorre a outras áreas do saber para tentar definir a pulsão. A primeira delas é a fisiologia, da qual extrai a noção de estímulo. Esse por sua vez, só poderá se constituir como um estímulo pulsional para o psiquismo caso se torne perceptível para o aparelho anímico, diferentemente dos estímulos que desencadeiam arcos reflexos. Além disso, o estímulo tem origem no interior do organismo, atuando em uma frequência constante, sendo mais bem definido como

uma necessidade, que é incapaz de ser suprimida mediante a utilização da via motora. (Freud, 1915/2004b)

Ao utilizar a noção de estímulo para bordejar o conceito de pulsão, Freud faz uso da orientação localizacional interno e externo, diferenciando o estímulo pulsional por sua procedência interna. Inclusive, o autor concebe que o organismo ao experienciar a incidência de um estímulo desenvolve a capacidade para julgar a origem externa/interna dos estímulos subsequentes. Isso decorre do fato de o psiquismo obter, a partir da experiência, um ponto de referência no uso da atividade muscular, ou seja, caso a via motora permita a fuga do estímulo ele possui uma origem externa, em caso contrário teria uma fonte interna. (Freud, 1915/2004b)

Importante ressaltar que explicitar os conceitos, os elementos e os destinos da pulsão não implica demonstrar ou tornar passível de conhecimento a pulsão, uma vez que isso não é a própria pulsão, e sim o que é possível pela via teórica apreender desse fenômeno. São apenas construtos teóricos que permitem captar no campo simbólico o fenômeno que é da ordem da experiência. Como o próprio Freud afirma ao se referir às teorizações a respeito dos sonhos: [...] é lícito darmos livre curso a nossas especulações, desde que preservemos a frieza de nosso juízo e não tomemos os andaimes pelo edifício. (1900/2006 p. 567)

Freud (1915/2004b) define a pulsão apresentando os elementos que compõem a metapsicologia desse conceito e auxiliam na compreensão de sua participação na vida anímica, a saber, fonte, meta, pressão e objeto. Além disso, para se pensar a pulsão na obra freudiana é necessário conceber seu desenvolvimento.

A pulsão tem origem somática, oriunda de um órgão do corpo que produz excitações, que se diferem de um outro tipo de excitação por serem sexuais, ou seja, por emanarem de zonas erógenas. Essas são partes do corpo que possuem a qualidade de proporcionar prazer sexual. O prazer obtido com o chupar o dedo, sugar o leite materno entre outros atestam a característica da boca como zona erógena. Apesar de existirem órgãos com predisposições biológicas para se tornarem zonas erógenas, como a boca, o ânus e os genitais, essas só podem se tornar fonte de prazer devido à atuação de um outro, que confere à região, através dos processos de eroginização, essa qualidade. (Freud, 1905/2006)

Apesar de a fonte pulsional ser somática, cabe ao aparelho anímico receber e lidar com as excitações. Assim, o psiquismo recebe estímulos que são considerados a fonte da pulsão e advêm de três caminhos: do mundo externo, pela estimulação das zonas erógenas; do interior do corpo; e do próprio psiquismo, que capta impressões externas e excitações internas. Dessas três fontes emanam estímulos que são tomados pelo aparelho psíquico e pelo

corpo como excitações sexuais. Nessa primeira instância, a excitação é sentida como uma tensão insistente e urgente. (Freud, 1905/2006)

Quanto à origem da pulsão sexual é possível afirmar:

No esforço de rastrear as origens da pulsão sexual, descobrimos até agora que a excitação sexual nasce (*a*) como a reprodução de uma satisfação vivenciada em relação a outros processos orgânicos, (*b*) pela estimulação periférica apropriada das zonas erógenas, e (*c*) como expressão de algumas “pulsões” que ainda não nos são inteiramente compreensíveis em sua origem, como a pulsão de ver e a pulsão para a crueldade. (Freud, 1905/2006 p. 189)

Em determinadas circunstâncias a pulsão tem como origem as funções orgânicas. No caso da pulsão oral, por exemplo, que obtém satisfação com a estimulação da boca, é possível rastrear sua origem na função orgânica desse órgão. O prazer sexual, nesse caso, teve como fonte a função orgânica do órgão que ganhou independência e passou a ser repetida. Ao descrever o ato de chuchar, Freud (1905/2006) afirma que a criança está em busca de um prazer vivenciado e que nesse ato é revivido. O sugar o leite, segundo o autor, produz uma sensação prazerosa pela estimulação da boca, que atua como zona erógena. Essa satisfação sexual estaria apoiada em uma satisfação de outra natureza, como afirma Freud: “A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas.” (Freud, 1905/2006 p. 171)

Assim, a pulsão sexual estaria amparada na pulsão de autoconservação, ou dito de outra forma, o prazer sexual se desenvolve a partir da satisfação de uma necessidade. A pulsão sexual ganha independência da pulsão de autoconservação de tal forma que ela deixa marcas na vida psíquica, como Freud explicita ao se referir à pulsão de nutrição. A apreciação do beijo ou o hábito de beber e fumar podem ser lembranças do prazer obtido quando criança com a sucção. Assim, a zona erógena atua como fonte de prazer sexual e orgânico. Caso a zona erógena da boca seja recalcada a pulsão de nutrição também será, visto que esta zona serve a ambas as pulsões.

Tomar a fonte da pulsão como um órgão do corpo pode permitir com que se conceba uma aproximação e uma leitura biologicizante. No entanto, cabe ressaltar que a fonte pulsional, apesar de sua importância, tem pouco a oferecer à psicanálise, pois a constituição do psiquismo se dá justamente por aquilo que participa/incide nesse aparelho. Assim, como afirma Freud (1915/2004b): “[...] o estudo das fontes pulsionais já não compete à psicologia, e muito embora o elemento mais decisivo para a pulsão seja sua origem na fonte somática, a pulsão só se faz conhecer na vida psíquica por suas metas” (p. 149). Assim, não cabe à

psicanálise o estudo da fonte da pulsão, justamente por essa origem se referir a outro campo do saber. Assim, a psicanálise se dirige para compreender como o psiquismo lida com os estímulos que emanam do órgão e chegam até ele.

A supressão da excitação presente na fonte pulsional é tomada pelo aparelho psíquico como satisfação. Essa satisfação é a meta de toda pulsão, que ocorre mediante uma alteração adequada da fonte de onde se originam os estímulos (Freud, 1915/2004b). Essa busca de satisfação atende a um princípio que regula o funcionamento psíquico, o princípio de prazer. Esse princípio visa manter o estado de repouso psíquico que é desarranjado pelos estímulos provenientes do interior do corpo. Pode-se supor que “[...] desde o início exigências imperiosas oriundas de necessidades internas do organismo perturbam o estado de repouso psíquico (Freud, 1911/2006 p. 65).” Diante dessa perturbação que aumenta a tensão, o aparato anímico tem que se livrar da carga de excitação, uma vez que pela via da alucinação não é possível. Diante disso, torna-se necessário conceber e recorrer à realidade externa e a sua modificação para a supressão desses estímulos. Dessa forma, Freud (1911/2006) formula a inserção de um novo princípio que regula o aparelho psíquico, o princípio de realidade.

O prazer é sentido pela variação da quantidade de tensão, como o próprio Freud (1920/2004) esclarece:

Em psicanálise, relacionamos prazer e desprazer com a quantidade de excitação presente na vida psíquica – quantidade que de alguma maneira não está presa [*gebunden*] –, de modo que nessa relação o desprazer corresponderia a um aumento, e o prazer, a uma diminuição dessa quantidade. (pp. 135-6)

Freud (1920/2004) toma o princípio de prazer como idêntico ao princípio de nirvana. Concebido assim, o aumento de tensão é sentido como desprazer, e a diminuição como prazer. Dessa forma, esse princípio está conduzindo o organismo ao repouso psíquico, mantendo o nível de excitações o mais baixo possível e julgando tudo aquilo que possa aumentá-la como adverso. Nesse sentido, o psiquismo pode empreender uma série de atividades com vistas a fugir do desprazer, isto é, o princípio de prazer não conduz apenas à busca do prazer, mas também à fuga do desprazer.

Além disso, o desprazer pode não corresponder somente a desprazer, da mesma forma que o prazer pode não ser sentido apenas como prazer por todas as instâncias do psiquismo. Isso se torna claro ao conceber que uma “[...] pulsão que está submetida ao recalque poderia ter sido satisfeita e que tal satisfação seria, em si, sempre prazerosa; porém, ela seria incompatível com outras exigências e propósitos, e, desse modo, acabaria por gerar prazer em um lugar e desprazer em outro.” (Freud, 1915/2004a p. 178)

Freud (1924/2004) alerta que as sensações da série prazer-desprazer não podem ser restritas a uma visão quantitativa, e apresenta uma compreensão ampliada disso, afirmando que “tudo indica que os aumentos e as diminuições das magnitudes de estimulação são diretamente percebidos como uma seqüência de sensações de tensão e obviamente há tensões que são sentidas como prazerosas, como distensões percebidas como desprazerosas” (p. 106). Para ilustrar essa afirmação, o autor recorre ao exemplo da excitação sexual, em que nem sempre o aumento da tensão corresponde ao desprazer. Assim, não se pode conceber o prazer-desprazer como determinados por uma visão quantitativa, mas sim como da ordem qualitativa.

A presença do princípio de prazer regulando o aparelho psíquico pode ser atestada pelos processos psíquicos empreendidos para manter a excitação a mais baixa possível. Essa premissa está presente desde as primeiras formulações do funcionamento anímico. Freud (1900/2006) em *A interpretação dos sonhos* descreve a dinâmica e a economia do aparelho psíquico nomeando o processo primário como aquele que assegura a livre descarga das quantidades de excitação, enquanto o processo secundário garante a inibição da descarga, transformando a catexia em um estágio de quiescência. Ou seja, o processo primário é regido por uma mobilidade das cargas de investimento, com o intuito apenas de descarga. Já no processo secundário encontra-se a energia psíquica ligada, postergando a sua liberação de forma controlada, pois leva em conta a realidade externa. Assim, os processos primários do aparelho psíquico são regidos pelo princípio do prazer e do desprazer, ou seja, há uma tendência a buscar o prazer e a fugir do desprazer. O autor concedeu tamanha importância a essa proposição que afirma:

Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída no plano da ‘Criação’. O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas. (Freud, 1930[1929]/2006 p. 84)

Além da meta da pulsão, faz-se necessário conceber a pressão da pulsão, ou seja, o caráter incessante e insistente da força pulsional. O prazer decorrente da supressão da fonte da pulsão não passa de um alívio momentâneo para o aparelho psíquico que continua tensionado

por outros inúmeros processos libidinais ali presentes. Essa pressão é irremovível e tamanha que impõe ao aparato anímico, regido pelo princípio de prazer, que uma atividade seja empreendida para que o repouso psíquico retorne.

O prazer é obtido justamente pelo contraste, ou seja, caso o prazer se prolongasse por muito tempo a satisfação não seria sentida com tal. Essa característica demonstra que o psiquismo não pode ser concebido como estável ou equilibrado economicamente, mas possuindo flutuações decorrentes das fontes pulsionais e das descargas. Além da fonte pulsional, uma parte do corpo pode ser tomada como objeto. Freud (1905/2006) usa o termo pulsões parciais para se referir às pulsões que obtêm satisfação no próprio corpo, portanto, autoeróticas, e que são independentes umas das outras no que se refere à busca da meta. Com o desenvolvimento é esperado que as pulsões parciais se convirjam e fiquem sob o primado da zona erógena genital,

Até agora, destacamos como características da vida sexual infantil o fato de ela ser essencialmente auto-erótica (seu objeto encontra-se no próprio corpo) e de suas pulsões parciais serem inteiramente desvinculadas e independentes entre si em seus esforços pela obtenção de prazer. O desfecho do desenvolvimento constitui a chamada vida sexual normal do adulto, na qual a obtenção de prazer fica a serviço da função reprodutora, e as pulsões parciais, sob o primado de uma única zona erógena, formam uma organização sólida para a consecução do alvo sexual num objeto sexual alheio. (p. 186)

Diante disso, cabe salientar que o desenvolvimento postulado por Freud não possui um caráter normativo, ou seja, mesmo sob o primado da zona erógena genital as pulsões parciais continuam atuando na atuação sexual do psiquismo, e podem proporcionar tanto prazer quanto os genitais, ou ainda, se tornarem o próprio alvo. Além disso, o desenvolvimento do aparato anímico também determina os caminhos pelos quais a pulsão irá se satisfazer. Nesse processo, a presença de um outro é fundamental,

O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa – usualmente, a mãe – contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo. A mãe provavelmente se horrorizaria se lhe fosse esclarecido que, com todas as suas expressões de ternura, ela está despertando a pulsão sexual de seu filho e preparando a intensidade posterior desta. Ela considera seu procedimento como um amor “puro”, assexual, já que evita cuidadosamente levar aos genitais da criança mais excitações do que as inevitáveis no cuidado com o corpo. Mas a pulsão sexual, como bem sabemos, não é despertada apenas pela excitação da zona genital; aquilo a que chamamos ternura um dia exercerá seus efeitos, infalivelmente, também sobre as zonas genitais. Aliás, se a mãe compreendesse melhor a suma importância das pulsões para a vida anímica como um todo, para todas as realizações éticas e psíquicas, ela se pouparia das auto-recriminações mesmo depois desse esclarecimento. Quando ensina seu filho a amar,

está apenas cumprindo sua tarefa; afinal, ele deve transformar-se num ser humano capaz, dotado de uma vigorosa necessidade sexual, e que possa realizar em sua vida tudo aquilo a que os seres humanos são impelidos pela pulsão. (Freud, 1905/2006 p. 211)

Não há na compreensão de Freud, a respeito das formações do inconsciente, uma pulsão determinada a priori, por uma constituição biológica ou um desenvolvimento social esperado. A experiência de satisfação e excitação sexual empreendida pelo cuidador da criança imprimirá nela marcas únicas, despertará desejos singulares e meios de satisfação peculiares. Ao despertar a pulsão, o cuidador, por meio da educação, também tratará de instaurar na criança mecanismos que impossibilitem a realização pulsional.

Através da incidência do mundo externo, o desenvolvimento do aparelho psíquico vai moldando possíveis formas de atuação pulsional. Existem resistências que atuam na contenção das pulsões, como a vergonha e o asco. Essas resistências impedem que a pulsão encontre sua satisfação direta, cabendo ao psiquismo lidar com a descarga do impulso. O asco pode fazer com que o objeto sexual seja desvalorizado e concebido como repugnante. Da mesma forma age a vergonha, que impede o alcance do objeto sexual almejado.

No estabelecimento do desenvolvimento pulsional Freud (1905/2006) estabelece as fases oral, anal e fálica, cada uma se reportando a zonas erógenas específicas e também apresentando características particulares. Essas transformações são frutos da educação, que inclusive inibe temporariamente no período de latência as moções pulsionais sexuais, fazendo com que a criança dirija sua libido para atividades socialmente aceitas. A maioria das atividades que geravam prazer são abandonadas.

Durante esse período de latência total ou apenas parcial erigem-se as forças anímicas que, mais tarde, surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso à maneira de diques (o asco, o sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais). Nas crianças civilizadas, tem-se a impressão de que a construção desses diques é obra da educação, e certamente a educação tem muito a ver com isso. (Freud, 1905/2006 p. 167)

Freud constata que a pulsão passa por um desenvolvimento que leva em conta os ideais culturais. Esses são reguladores da atuação pulsional, que encontram seu representante interno, denominado de superego. Com isso há o estabelecimento das fases do desenvolvimento que constituem a forma de obtenção de satisfação pulsional.

1.1.3 Atividade/ passividade e libido.

Desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* Freud (1905/2006) apresentava uma ênfase ao caráter ativo e passivo dos destinos pulsionais. Para o autor, toda pulsão é ativa, pois impele o aparato anímico a se livrar das cargas de investimentos. No entanto, as pulsões podem assumir metas passivas ou ativas, mas essas se referem apenas às formas de obtenção de prazer, “[...] pois a pulsão é sempre ativa, mesmo quando estabelece para si um alvo passivo” (p. 207). Ademais, afirma ainda que a libido é masculina e explica isso asseverando que a pulsão é sempre ativa, mesmo quando elege um alvo passivo, ou seja, o autor equiva atividade a masculino e passividade a feminino.

As metas ativas e passivas da pulsão foram abordadas por Freud (1915/2004b) principalmente ao se referir aos destinos da pulsão na transformação em seu contrário e no redirecionamento contra a própria pessoa. Os destinos pulsionais devem ser encarados como forças que se contrapõem aos avanços da pulsão ou, como o próprio autor afirma, como defesas contra as pulsões.

A transformação em seu contrário pode ser subdividida no redirecionamento da atividade para a passividade e na inversão do conteúdo. Como exemplos do redirecionamento têm-se o sadismo-masoquismo e o *voyerismo*-exibicionismo. A meta ativa de provocar dor e olhar é substituída pela meta passiva de sentir dor e ser olhado. No caso da inversão de conteúdo a transformação do amor em ódio é um bom exemplo desse destino. Tanto no redirecionamento da atividade para a passividade quanto na inversão de conteúdo há uma mudança de percurso pulsional para que a meta seja alcançada.

O redirecionamento contra a própria pessoa é a alteração do objeto, elegendo como objeto último o Eu, sem a mudança na meta, ou seja, o masoquismo é um sadismo em que o Eu foi tomado como objeto, da mesma forma que o exibicionismo é um *voyerismo* em que o Eu tornou-se objeto.

Esse movimento de tomar como objeto algo externo ou o próprio Eu, explicitado pelo destino pulsional, reporta-se à dinâmica dos investimentos libidinais. Freud (1923[1922]/2006) afirma que a libido refere-se à manifestação da sexualidade, que seria o nome dado à expressão e à dinâmica da pulsão sexual. É a própria energia sexual. Nas palavras do autor:

Estabelecemos o conceito da *libido* como uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual. Diferenciamos essa libido, no tocante a sua origem particular, da energia que se supõe subjacente aos processos anímicos em geral, e assim lhe conferimos também

um caráter qualitativo. Ao separar a energia libidinosa de outras formas de energia psíquica, damos expressão à premissa de que os processos sexuais do organismo diferenciam-se dos processos de nutrição por uma química especial. (Freud, 1905/2006 p. 205)

A noção de libido tem estreita relação com a apreensão do aparelho psíquico do ponto de vista econômico, abarcando a dimensão da sexualidade por meio do aumento, da diminuição, do investimento, do deslocamento e do recolhimento da libido do Eu. Dessa forma, há no psiquismo um *quantum* de libido que economicamente e dinamicamente estão em constante atuação, definindo o que o quadro da vida propriamente dita apresenta. (Freud, 1905/2006)

Com a reconsideração das pulsões básicas, isto é, com a inserção da pulsão de morte, a libido não pode mais ser tomada como manifestação de toda atividade pulsional, mas apenas da pulsão de vida. Com essa reformulação a finalidade da libido é fazer fracassar a pulsão de morte. (Freud, 1930[1929]/2006)

1.1.4 Exigência de trabalho.

Como já supracitado, ao aparelho anímico é imposta a tarefa de lidar com as cargas de excitação que promovem o desprazer. Da biologia, Freud extrai que o sistema nervoso tem como finalidade se livrar dos estímulos que incidem sobre o organismo, mantendo o organismo livre desses ou pelo menos em um nível mais baixo possível. Para alcançar essa meta o organismo usa da atividade muscular. Já com os estímulos pulsionais não é possível fazer uso desse mecanismo.

Eles impõem ao sistema nervoso exigências muito mais elevadas. Incitam-no a assumir atividades complexas e articuladas umas com as outras, as quais visam a obter do mundo externo os elementos para a saciação das fontes internas de estímulos, e para tal interferem no mundo externo e o alteram. (Freud, 1915/2004b p. 147)

A pressão, um dos elementos da pulsão, pode ser compreendida como a força que impulsiona o aparelho psíquico para obter satisfação e/ou fuga do desprazer. Assim, para obter a meta pulsional, o aparelho anímico assume a realização de uma atividade para alcançar o objeto pulsional. Essa atividade/objeto pode ser dos mais variados possíveis, isto é, o caminho que leva à meta pode ser diverso e o objeto também, mas o fim é sempre o mesmo, a satisfação. (Freud, 1915/2004b)

Ao recorrer ao mundo externo para empreender o trabalho que suprimirá a tensão sentida, ocorre no psiquismo a captação dos estímulos através dos órgãos do sentido, que

lidará com eles internamente. Já os estímulos intensos serão evitados e haverá o armazenamento de experiências, que possibilitarão, juntamente com o que for aprendido, modificar a realidade externa para alcançar a meta pulsional. O percurso pela via motora, que outrora servia de escoadouro da carga acumulada, é insuficiente para descarregar a tensão oriunda de estímulos internos, por isso o organismo recorrerá às atividades. Esse último é o próprio trabalho imposto pela pulsão, que provocou a transformação do aparelho motor em ação. (Freud S. , 1911/2006; 1940 [1938]/2006)

Constatamos que ao nosso aparelho psíquico cabe sobretudo lidar com as excitações que, de outra forma, seriam sentidas como dolorosas ou provocariam efeitos patogênicos. Esse trabalho psíquico que o aparelho realiza presta um inestimável serviço ao escoamento interno de excitações que não podem sofrer remoção imediata para o exterior, ou cuja remoção imediata seria indesejável naquele momento. Mas, de início, não faz diferença se esse trabalho de processamento interno se aplica a objetos reais ou imaginários. (Freud, 1914/2004 p. 106)

A exigência de trabalho está submetida às experiências de prazer e desprazer, que por sua vez expressam a forma como o psiquismo lida com os estímulos. Com isso pode-se recorrer a outros objetos que podem estar distantes do seu alvo inicial. Em relação a esse movimento Freud afirma que “[...] é esclarecedor sobre a natureza da pulsão sexual o fato de ela admitir tão ampla variação e tamanho rebaixamento de seu objeto, coisa que a fome, muito mais energicamente agarrada a seu objeto, só permitiria nos casos mais extremos” (Freud, 1905/2006 p. 140).

Essa variação de objeto ocorre na medida em que há o impedimento ao alvo, e a tensão no psiquismo aumenta. Os diques construídos permitem que a pulsão seja barrada, mas ao mesmo tempo apresenta caminhos possíveis de satisfação. Freud (1914/2004) esclarece que a libido que originalmente é investida no Eu, com o seu desenvolvimento, passa a ser direcionada para fora, na forma de libido objetal. Esse deslocamento decorre do fato de o investimento do Eu ultrapassar determinada quantidade. Diante disso, o aparato anímico visando evitar o desprazer redireciona o investimento libidinal. Assim, diante do egoísmo, o aparato anímico tem que se proteger lidando com o represamento libidinal. O próprio delírio de grandeza é um modo de operar com o acúmulo libidinal no Eu.

Ademais, a diversidade do trabalho demandado pela pulsão possui uma origem quantitativa, pois as pulsões não podem ser concebidas em sua fonte como qualitativamente diferentes. A diferença entre elas e o caminho adotado até a meta e o objeto escolhido são justificados quantitativamente. É a intensidade das cargas de investimento que promove a diversidade pulsional, ou seja, “é preferível adotar a hipótese mais simples de que todas as pulsões são qualitativamente da mesma espécie e de que as diferenças de seus efeitos se

devem às magnitudes de excitação que cada pulsão veicula ou, talvez, a certas funções dessa quantidade.” (Freud, 1915/2004b p. 149).

1.1.5 Representação.

Como já dito, a pulsão é definida por Freud (1915/2004b) como o representante psíquico dos estímulos oriundos do corpo. Dessa forma, faz-se necessário compreender a importância da representação para a teoria das pulsões. O editor da *Standart Edicion of the complete Psychological Works of Sigmund Freud*, Strachey (2006a), problematiza essa temática questionando se a pulsão poderia ser tomada como a própria representação ou se haveria alguma diferença entre ambos. A noção de recalque original parece apresentar elementos importantes para se pensar essa questão.

O recalque originário constitui-se no impedimento da entrada no consciente do representante psíquico da pulsão. E continua Freud (1915/2004a): “Esse recalque estabelece então uma fixação, e a partir daí o representante em questão subsistirá inalterado e a pulsão permanecerá a ele enlaçada.” (p.179) Tal processo demarca a constituição do inconsciente no aparelho psíquico, que depois poderá empreender a segunda fase do recalque: afastar as representações que se vincularam ao representante pulsional rechaçado. Antes da demarcação psíquica, os impulsos pulsionais eram afastados da consciência por meio da transformação no contrário e pelo redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa.

Mas seja qual for o destino pulsional tomado, esse só será percorrido pelas manifestações psíquicas da pulsão que se apresentam ao aparelho anímico, pois

uma pulsão nunca pode tornar-se objeto da consciência, isto só é possível para a idéia [*Vorstellung*] que representa essa pulsão na psique. Mas, em rigor também no inconsciente essa pulsão só pode ser representada por uma idéia. Ou seja, se a pulsão não aderisse a uma ideia ou não se manifestasse com um estado afetivo, dela nada saberíamos. (1915/2006 p. 28)

O recalque originário permite então compreender que a pulsão seria algo não psíquico, mas que ganha expressão na vida anímica pela representação. Essa ideia é corroborada pela outra forma de expressão pulsional encontrada no psiquismo, o afeto. Dessa forma, a pulsão investe uma quantidade de energia pulsional em uma representação. Por isso a representação possui destaque na teoria das pulsões e é fundamental para a sua compreensão. (Freud, 1915/2004a)

Na obra freudiana, encontram-se diversas menções a respeito das representações, mas no texto *Projeto para uma psicologia científica* de 1895 está explicitado tal conceito de forma mais precisa e consistente. O objetivo desse texto é demonstrar o funcionamento psíquico por

meio de uma compreensão quantitativa dos processos neuronais que demarcam as funções psíquicas, como a percepção, memória etc.

Freud (1950[1895]/2006) concebe que o sistema nervoso tem duas funções principais: captar os estímulos externos e descarregar as excitações endógenas. Essas duas exigências fizeram com que o organismo se desenvolvesse e desse origem aos sistemas ϕ e ψ , que são as instâncias que auxiliaram Freud a conceber teoricamente esse primeiro aparelho psíquico. Diante disso, o grupo de neurônios ϕ lidaria com os estímulos externos, e o sistema ψ receberia as excitações endógenas. (Freud, 1950[1895]/2006)

Essas excitações endógenas referem-se aos primórdios da noção conceitual de pulsão, desenvolvido só 15 anos depois. Representado pela notação $Q\eta$, essas quantidades são diferentes das quantidades (Q) oriundas do externo. As $Q\eta$ são secretadas pelo os neurônios-chave e exigem uma outra forma do aparelho neuroanatômico lidar. No caso de uma dor sentida a $Q\eta$ é elevada gerando desprazer devido a uma estimulação das Q externas. No caso de uma repetição não há quantidades (Q) externas, mas apenas $Q\eta$. Todo aumento de $Q\eta$ será sentido pelo aparelho neurônico como desprazer. Já nessa descrição é possível notar a distância que Freud quis demarcar com a diferença entre um estímulo mental e o estímulo pulsional propriamente dito.

O desenvolvimento, a estrutura e as funções dos neurônios devem ser concebidos à luz de sua tendência de se livrar das quantidades (Q). O mundo externo é fonte de uma grande quantidade de energia e cabe o sistema ϕ descarregar essa quantidade, uma vez que ele está ligado à periferia do corpo. No entanto, esses neurônios não têm contato direto com o externo, pois suas terminações são revestidas de estruturas celulares que possuem a finalidade de amortecer a intensidade dos estímulos sobre ϕ . (Freud, 1950[1895]/2006)

Freud (1920/2004) postula, tomando de empréstimo da embriologia, e reafirmando a ideia acima, que o aparelho psíquico está protegido dos estímulos oriundos do exterior por uma camada mais externa e inorgânica que amortece o aparato. Os órgãos dos sentidos também atuam como protetores do aparato, uma vez que recusam estímulos inapropriados e se mantêm afastados de grandes quantidades de estímulos. Assim:

Do lado de fora ele está protegido pelo escudo protetor [*Reizschutz*], e, portanto, as quantidades de excitação que o atingem têm apenas um efeito reduzido; com relação ao seu interior, a situação é diversa, pois uma proteção contra estímulos internos é impossível, já que as excitações oriundas das camadas ainda mais profundas se transmitem diretamente a esse sistema, sem sofrer nenhuma redução. (Freud, 1920/2004 p. 153)

O sistema nervoso pode se manter livre das quantidades (Q) ao descarregá-las pela via motora, atendendo a uma função primária desse sistema. Além disso, pode ser feito uso de sua função secundária, que consiste na fuga do estímulo, sem a perturbação do princípio de inércia. Esse princípio consiste na redução das quantidades a zero. O sistema ϕ está diretamente ligado ao aparelho motor e sempre que uma quantidade atinge esse sistema ele descarrega, transformando-a em uma excitação motora. No entanto, o sistema ψ recebe energia dos neurônios ϕ e das células do interior do corpo, fazendo com que o organismo fique desprotegido e não consiga manter a inércia, pois os estímulos endógenos estão desde sempre atuando.

Esses estímulos se originam nas células do corpo e criam as grandes necessidades: como, respiração, sexualidade. Deles, ao contrário do que faz com os estímulos externos, o organismo não pode esquivar-se; não pode empregar a Q deles para a fuga do estímulo. Eles cessam apenas mediante certas condições, que devem ser realizadas no mundo externo (Cf., por exemplo, a necessidade de nutrição.). (Freud, 1950[1895]/2006 p. 348)

Assim, existem essencialmente duas classes de neurônios divididas em decorrência da capacidade que um desses grupos possui para se livrar da quantidade ($Q\eta$) através da descarga do movimento reflexo. Além disso, essa diferença pode ser estabelecida por meio do armazenamento da quantidade. Se existe um acúmulo de quantidade no neurônio, Freud conclui que há uma resistência oposta à descarga, o que levou o autor a teorizar sobre as barreiras de contacto. Então, existem duas categorias de neurônios: os permeáveis, que permitem a passagem de quantidades ($Q\eta$) sem serem alterados e que, portanto, não possuem barreiras de contato, e os impermeáveis, que permitem a passagem de quantidades ($Q\eta$) com dificuldade ou parcialmente, isto é, possuem barreiras de contato e se alteram depois da excitação. Essa primeira classe de neurônio Freud (1950[1895]/2006) classifica como responsável pela percepção e a denomina de ϕ . Já o segundo grupo são portadores da memória e são chamados de ψ .

Não se pode imaginar, de improviso, um aparelho capaz de funcionamento tão complicado; a solução, portanto, consiste em atribuir a uma classe de neurônios a característica de ser permanentemente influenciada pela excitação, ao passo que a imutabilidade - a característica de estar livre para excitações inéditas - corresponderia a outra classe. Daí surgir a atual distinção entre “células perceptuais” e “células mnêmicas” - distinção, porém, que não se aplica a nenhum outro contexto, e nada pode recorrer a seu favor. (Freud, 1950[1895]/2006 p. 351)

O sistema ψ , que abrange a memória, fica permanentemente alterado após o processo de excitação, ou dito de outra forma, as barreiras de contato se alteram para se tornarem com maior capacidade de condução e menor impermeabilidade. Assim, a memória depende da

magnitude da impressão e da frequência em que essa experiência se repete. A memória corresponde a uma modificação ocorrida no organismo decorrente do desenvolvimento que as condições de vida impuseram.

O aparelho psíquico, com a inserção do princípio de realidade, constitui

[..] uma função especial, a atenção, que deveria fazer uma busca periódica no mundo externo para que os dados fossem conhecidos de antemão caso uma necessidade interna inadiável se manifestasse. Assim, em vez de aguardar que as impressões sensoriais surjam, essa atividade psíquica, cujo papel é estar atenta, vai ao encontro delas. Com isso é provável que paralelamente tenha sido introduzido um sistema de notações – uma parte do que chamamos de memória-, com a função de armazenar os resultados colhidos durante essa atividade periódica da consciência. (Freud, 1911/2006 p. 66)

A memória é fruto do desenvolvimento do aparato psíquico que passa a levar em conta o mundo externo. A incidência da realidade no aparelho psíquico faz com que as barreiras de contato dos neurônios ψ se alterem. Com esse processo, o sistema nervoso aumentou o número de neurônios impermeáveis para que pudessem armazenar uma porção de quantidade. Seguindo o princípio que orienta o psiquismo, de manter o mais baixo possível as quantidades, o sistema nervoso recorre às facilitações. As facilitações são graus do estado das barreiras de contato, que definem se um neurônio possui ou não a capacidade de condução. Para aquele que possui essa capacidade o neurônio nada retém, é permeável. Em contrapartida, os neurônios que apresentam dificuldade na condução são caracterizados como impermeáveis e retentivos. (Freud, 1950[1895]/2006)

Nessa teorização a respeito do funcionamento psíquico, estão presentes as dimensões perceptivas e motoras, que são apresentadas na definição do aparelho psíquico forjado na *Interpretação dos sonhos*. Freud (1900/2006) estabelece o psiquismo partindo de um conjunto de sistemas. Esse conjunto apresenta em uma extremidade a esfera motora e na outra a esfera sensorial. Esses sistemas, localizados psiquicamente, mantêm relações entre si e possuem uma direção. As percepções que incidem sobre a extremidade sensorial promovem modificações no aparelho anímico, em um segundo sistema, gerando os traços mnêmicos que estão localizados psiquicamente no sistema de memória.

A percepção nada retém e as via de facilitações em que as excitações são transmitidas ocorrem de um neurônio para o outro mais próximo, em vez de ir para um terceiro mais distante. As percepções se encontram em associação na memória de acordo com a simultaneidade da ocorrência. Diante disso, o autor estabelece um sistema capaz de coletar estímulos, sem os armazenar, e de proporcionar toda a gama de qualidades sensoriais. (Freud, 1900/2006)

É o sistema Pcpt.[perceptivo], desprovido da capacidade de reter modificações, e, portanto, sem memória, que supre nossa consciência de toda a multiplicidade das qualidades sensoriais. Por outro lado, nossas lembranças - sem excetuar as que estão mais profundamente gravadas em nossa psique - são inconscientes em si mesmas. (Freud, 1900/2006 p. 570)

Freud (1950[1895]/2006) afirma que essa dinâmica descrita a respeito do funcionamento dos processos psíquicos é inconsciente. Daí, surge o problema então de compreender a origem das qualidades atribuídas às experiências na relação com o mundo externo e que são conscientes. Para responder a essa questão Freud estabelece outro sistema de neurônios, o ω .

Assim reunimos ânimo suficiente para presumir que haja um terceiro sistema de neurônios - ω , talvez [pudéssemos chamá-lo] - que é excitado junto com a percepção, mas não com a reprodução, e cujos estados de excitação produzem as diversas qualidades - ou seja, são *sensações conscientes*. (Freud, 1950[1895]/2006 p. 361)

Todo o processo psíquico está submetido ao princípio de eliminar as quantidades que incidem sobre o aparato. Dessa forma, as quantidades variam de sistema para sistema, de forma que nos neurônios ω as quantidades são menores do que nos demais neurônios. As telas de terminação nervosa permitem que apenas pequenas quantidades cheguem ao ϕ . O sistema ψ por não ter contato direto com o exterior estaria protegido e receberia quantidades menores do que o sistema ϕ . Já o ω recebe quantidades mínimas. Mesmo sendo mínimas, elas precisam ser descarregadas. Essa última ocorre como nos demais sistemas, pela via muscular, o que implica a perda dos atributos de qualidade e da natureza temporal. Como ω não possui ligação direta com ψ , a quantidade ($Q\eta$) que investe essa primeira é oriunda de ϕ . (Freud, 1950[1895]/2006)

Como já supracitado, a permeabilidade dos neurônios depende da intensidade das quantidades, então ω teria que ser ainda mais impermeável do que ψ , tendo em vista as mínimas quantidades que incidem sobre eles. No entanto, a natureza consciente de ω demanda que esse grupo seja permeável. Quanto a isso o autor esclarece:

A mutabilidade de seu conteúdo, a transitoriedade da consciência, a fácil combinação de qualidades simultaneamente percebidas - tudo isso só é compatível com uma completa permeabilidade dos neurônios ω , junto com uma total *restitutio in integrum* [restauração do estado anterior deles]. (Freud, 1950[1895]/2006 p. 361)

A facilitação do neurônio ω é atribuída por Freud (1950[1895]/2006) ao componente temporal, pois “[...] toda a resistência das barreiras de contacto se aplica somente à transferência de Q, mas [...] o período do movimento neuronal é transmitido a todas as direções sem inibição, como se fosse um processo de indução” (p. 362). Com isso, na

consciência são atribuídas as qualidades, ou seja, o sistema nervoso tem a tarefa de transformar as quantidades de origem externa em qualidades.

Além das qualidades sensoriais, é na consciência que são sentidas as sensações de prazer e desprazer. Já nessa primeira formulação do aparelho psíquico, Freud apresenta a atuação das sensações da série prazer-desprazer. Os processos psíquicos possuem uma tendência a evitar o desprazer atendendo ao princípio da inércia. Dessa forma, o autor equivale desprazer, como já mencionado, à elevação do nível de quantidade ($Q\eta$). Sendo assim, o prazer seria a descarga.

Dessa forma, os estímulos atingem as terminações do sistema ϕ e sofrem uma fragmentação e uma seleção realizada pelo próprio aparelho: “Os estímulos que realmente chegam aos neurônios possuem uma quantidade e uma característica qualitativa; no mundo externo, formam uma série da mesma qualidade e de uma quantidade que vai desde o limiar até o limite da dor”. (Freud, 1950[1895]/2006 p. 365)

O aparelho psíquico se ocupa também da diferenciação entre percepção e lembrança. Essa classificação é realizada pelo neurônio ω , que indica que se trata da realidade:

No caso de cada percepção externa, produz-se em ω uma excitação qualitativa que, na primeira situação, porém, não tem nenhuma importância para ψ . Deve-se acrescentar que a excitação de ω conduz a uma descarga de ω e que desta, como de qualquer descarga, chega a informação a ψ . Desse modo, a informação da descarga proveniente de ω constitui a indicação da qualidade ou da realidade para ψ . (Freud, 1950[1895]/2006 p. 378)

Então, ψ recebe geralmente pequenas cargas de investimentos vindas de ϕ por sua topografia, isto é, os órgãos sensoriais têm sua relação com ψ intermediada por ϕ . No entanto, em ψ incidem catexias oriundas do interior do organismo, dessa forma é necessário dividir o conjunto de neurônios ψ em dois grupos: os neurônios *pallium* e os neurônios nucleares. Esses primeiros recebem catexias de ϕ , já o segundo grupo são catexizados por vias endógenas.

Os estímulos endógenos têm sua origem no interior do corpo, mais precisamente intercelular, que possuem um fluxo contínuo e que de tempos em tempos se transformam em estímulos psíquicos. As quantidades no processo de condução enfrentam diversas resistências que só são superadas pelo aumento da quantidade. Segundo Freud (1950[1895]/2006), existe uma via que permite a condução das quantidades do interior do corpo para o núcleo de ψ . Assim, esse grupo de neurônios fica exposto às quantidades. Os neurônios ψ não são capazes de condução, mas eles são influenciados pela passagem de quantidade que durante esse

processo suprime qualquer resistência e depois volta ao estado anterior. No entanto, depois dessa suspensão momentânea das resistências se o aparelho for atingindo por uma quantidade muito menor que a anterior ela irá conseguir passar. Como as excitações endógenas são muito menores do que as provenientes do exterior, elas terão acesso sem nenhuma dificuldade.

Disso se conclui, porém, que as barreiras de contacto ψ são, em geral, mais altas do que as vias [endógenas] de condução, de modo que nos neurônios nucleares possa produzir-se uma nova acumulação de Q. No momento em que a via de condução é reajustada, nenhum limite adicional é fixado para essa soma. Aqui, ψ está à mercê de Q, e é assim que surge no interior do sistema o impulso que sustenta toda a atividade psíquica. Conhecemos essa força como *vontade* - o derivado das *pulsões*. (Freud, 1950[1895]/2006)

As quantidades que têm origem endógena e que alcançam o aparelho psíquico nada mais são do que o próprio fenômeno da pulsão nessa primeira formulação do aparato anímico. Não há como supor o funcionamento psíquico, seja por meio dos neurônios seja pelas manifestações do inconsciente (sonhos, lapsos, atos falhos, chistes etc.), sem recorrer à pulsão. Isso decorre do fato de ela se fazer presente e deixar seus vestígios em todas as ações humanas.

A própria busca da felicidade, postulada por Freud (1930[1929]/2006) como objetivo que muitas pessoas almejam, e que se refere à satisfação e à ausência de desprazer, dá indícios das moções pulsionais. E para isso é realizada uma série de ações. Freud (1950[1895]/2006) afirma que uma ação específica no mundo externo realizada por um outro possibilita que internamente se remova o estímulo endógeno, assim se obtém a satisfação. Esse processo pode ser assim descrito:

(1) efetua-se uma descarga permanente e, assim, elimina-se a urgência que causou desprazer em ω ; (2) produz-se no *pallium* a catexização de um (ou de vários) neurônio que corresponde à percepção do objeto; e (3) em outros pontos do *pallium* chegam as informações sobre a descarga do movimento reflexo liberado que se segue à ação específica. Estabelece-se então uma facilitação entre as catexias e os neurônios nucleares. (Freud, 1950[1895]/2006 p. 370)

Dessa forma, a satisfação promove a descarga de quantidades dos neurônios e também das imagens mnêmicas catexizadas. Com o desejo ou a excitação endógena as imagens mnêmicas são novamente catexizadas. A catexia é mais facilmente conduzida para um neurônio que já possui catexia do que um que não possui. Isso porque já houve uma facilitação de uma catexia simultânea. (Freud, 1950[1895]/2006)

A dor seria sentida em ω , esfera consciente, como uma grande elevação do aumento no nível de excitação que, por conseguinte, desencadeia uma propensão à descarga que é facilitada para uma imagem mnêmica do objeto que causa dor. Nesse processo o estímulo que

aumenta o nível do neurônio ψ é de origem externa. Se a imagem mnêmica do objeto que outrora causou dor seja novamente catexizada por uma percepção, os neurônios-chave entram em ação e estimulam o interior do corpo fazendo com que haja a produção de quantidades endógenas. Esse processo acarreta o desprazer no afeto.

Os resíduos dos dois tipos de experiências [de dor e de satisfação] que acabamos de examinar são os afetos e os estados de desejo. Estes têm em comum o fato de que ambos envolvem um aumento da tensão Q em ψ - produzido, no caso de um afeto, pela liberação súbita e, no de um desejo, por soma. Ambos os estados são da maior importância para a passagem [da quantidade] em ψ , pois deixam atrás dele motivações para isso, que se constituem no tipo compulsivo. (Freud, 1950[1895]/2006 p. 374)

O desejo, então, impele, atrai para o objeto desejado ou para sua imagem mnêmica agradável, uma vez que a excitação é maior do que se fosse uma outra percepção qualquer. Já a dor provoca a repulsão e a aversão à imagem mnêmica hostil, por isso a catexia é retirada o mais rápido possível. Isso ocorre no processo da dor devido ao mecanismo efetuado em ψ , na experiência primária de dor que acarretou na drenagem da catexia. No caso de um novo investimento na imagem mnêmica hostil o aparelho psíquico reproduzirá o mecanismo outrora utilizado. Esse processo é denominado de defesa primária ou recalçamento. (Freud, 1950[1895]/2006)

Na *Carta 52* Freud (1896/2006) afirma que o aparelho psíquico na verdade poderia ser nomeado de aparelho de memória. Esse aparelho está suscetível a reorganizações que ocorrem de acordo com novas inscrições e retranscrições. A carta 52 traz a ideia de inscrição, transcrição e signo, elementos esses importantes para a trama das representações. Com isso o aparelho psíquico passa a ser concebido como desubstancializado e um tanto quanto distante do aparelho neurológico apresentado no *Projeto para uma psicologia científica*.

Nesse texto Freud (1896/2006) apresenta três registros e as características da percepção para conceber o aparelho psíquico. Quanto à percepção, os neurônios responsáveis por essa são denominados de W , que são encarregados da impressão da realidade exterior, e que estão ligados à consciência, mas não possuem nenhuma capacidade mnêmica, portanto não atribuem nenhuma qualidade ao percebido. Wz é o primeiro registro do signo de percepção. Ele não possui ligação com a consciência e se arranja de acordo com as associações por simultaneidade. Ub , o segundo registro, é responsável pelas lembranças conceituais, possuindo uma organização de outro tipo, que leva Freud a hipotetizar que seria de causalidade. Esse registro também não possui conexão com a consciência. E o último registro seria Vb , vinculado às representações verbais, possui acesso à consciência segundo determinadas regras. Freud apresenta esse ato consciente como produto dos investimentos:

As catexias provenientes de Vb tornam-se conscientes de acordo com determinadas regras; essa consciência secundária do pensamento é posterior no tempo e provavelmente se liga à ativação alucinatória das representações verbais, de modo que os neurônios da consciência seriam também neurônios da percepção e, em si mesmos, destituídos de memória. (Freud, 1896/2006 p. 282)

A passagem do signo por esses registros ocorre de forma sucessiva, sendo retranscrito de um para o outro. Assim, algo pode ser percebido, mas não inscrito, ficando restrito ao W. Se houver a inscrição, essa será transcrita pelos registros sendo rearranjada de acordo com as regras de cada instância, carregando consigo as excitações e inibindo a anterior. Uma falha na transcrição é apontada por Freud como decorrente do recalçamento, defesa usada pelo aparelho psíquico diante da eminência do desprazer (Freud, 1896/2006).

Apesar desse aparelho postulado por Freud na *Carta 52* e no *Projeto para uma psicologia científica* ter como fundamento uma estrutura neuroanatômica, há aí muitas contribuições para a teoria das pulsões. Nele está expresso o circuito pulsional que se inicia com a excitação das fontes externas e se finda com a redução das quantidades. Nesse percurso está presente a fonte e a meta pulsional. Além disso, o ponto de vista econômico do psiquismo, premissa fundamental da teoria pulsional freudiana, expresso pelas quantidades (Q_η e Q), é extensamente trabalhado pelo autor. A pulsão é representada nesse aparelho pelas facilitações (trama de traços mnêmicos) que são incitadas pelo prazer. Cabe salientar também a definição do estímulo pulsional em contraposição ao estímulo mental presente nesses textos.

1.1.6 Pulsão do Eu x pulsão sexual.

Freud (1915/2004b) parte do pressuposto de que as pulsões podem ser divididas e classificadas de acordo com as necessidades que o contexto apresentar. As subdivisões específicas como pulsões lúdicas, pulsões gregárias e pulsões de destruição podem ser usadas. No entanto, em uma análise retroativa, buscando na origem o que há de elementar, em que as pulsões não podem mais ser divididas, verifica-se a existência de apenas duas, essenciais e que merecem importância: as pulsões do Eu (ou de autoconservação) e as pulsões sexuais.

Inicialmente é concebido que as pulsões sexuais se desenvolvem apoiadas nas pulsões de autoconservação e com o tempo se tornam independentes. Essa relação não se finda com a independência das pulsões sexuais, mas se mantém, uma vez que na escolha objetual as pulsões sexuais se valem dos caminhos deixados pelas pulsões do Eu, que se tornam evidentes nos quadros de sofrimento psíquico (Freud, 1915/2004b p. 147). No caso em que, por exemplo, a boca atende a ambas as pulsões, a alimentação promove prazer sexual, da mesma forma que,

se houver algum conflito pulsional que perturbe essa zona erógena, distúrbios alimentares poderão ser desencadeados. (1905/2006)

Segundo Freud, as pulsões do Eu e as pulsões sexuais constituem uma diferença que expressa a dupla função dos organismos, uma de manter a continuação da espécie e a outra de obter prazer. Por isso, em alguns textos Freud (1930[1929]/2006) faz alusão a uma passagem do poeta Schiller de que a fome e o amor movimentam o mundo. A fome e o amor expressam esse dualismo pulsional. Diante disso, a diferenciação entre essas pulsões elementares foram realizadas em decorrência de suas funções no psiquismo, que podem ser visualizadas nos conflitos que forjam os sintomas.

As pulsões de autoconservação teriam como finalidade proteger o Eu e promover a manutenção da vida apresentando necessidades ao psiquismo. Dessa forma, o Eu pode inclusive usar dessa pulsão para se proteger da sexualidade. Freud (1911/2006) estabelece que as pulsões sexuais estão sobre domínio do princípio do prazer e as pulsões de autoconservação estão sob domínio do desenvolvimento do aparelho psíquico que é determinado pelo princípio de realidade. Diante disso, fica explícito que por mais que a pulsão sexual esteja apoiada na pulsão do Eu e mantenha relações com essa, elas constituem um conflito de interesses.

Nossa atenção foi atraída para a importância dos instintos na vida ideacional. Descobrimos que cada instintos procura tornar-se efetivo por meio de idéias ativantes que estejam em harmonia como seus objetivos. Estes instintos nem sempre são compatíveis entre si; seus interesses amiúde entram em conflito. A oposição entre as idéias é apenas uma expressão das lutas entre os vários instintos. Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação, uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre os instintos que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e os demais instintos que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo - os instintos do ego. (Freud, 1910/2006 p. 223)

As pulsões de autoconservação promovem a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade, fazendo com que o organismo recorra à realidade externa para manter satisfeitas suas necessidades básicas. Mesmo assim, o princípio de realidade mantém como meta a obtenção do prazer, levando o aparelho psíquico a suportar uma postergação do prazer, a abdicção de possibilidades de satisfação e a tolerância temporária ao desprazer. (Freud, 1920/2004)

Assim, fica claro que o conflito pulsional entre pulsões de Eu e pulsões sexuais está atendendo ao princípio de prazer, pois a esse primeiro grupo de pulsões cabe preservar e afastar todo tipo de desprazer do Eu. Importante também ressaltar que a formulação do conceito de narcisismo reposicionará o dualismo pulsional e permitirá uma nova forma de

conceber a relação entre as duas pulsões básicas, sem contudo se contrapor a essas primeiras formulações.

1.2 Segundo Dualismo Pulsional

A constatação de que o narcisismo estaria presente em todas as estruturas e não somente nos perversos, como já havia sido identificado anteriormente em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, causa um impacto na teoria das pulsões. Ao analisar casos de *dementia praecox* e esquizofrenia, Freud (1914/2004) verifica que os neuróticos ainda mantêm uma relação erótica com as coisas e as pessoas na fantasia, substituindo e alternando entre a realidade e a fantasia, enquanto que na esquizofrenia há uma retirada libidinal dos objetos do mundo externo sem haver um investimento na fantasia, mas sim no delírio de grandeza. Esse delírio não passa de um redirecionamento da libido objetual ao Eu que se amplia e retorna a um estado da libido já vivenciado (narcisismo primário).

Dessa forma, Freud (1914/2004) introduz a noção de que o Eu é desde sempre objeto de investimento da libido: “Assim, chegamos à concepção de que originalmente o Eu é investido de libido e de que uma parte dessa libido é depois repassada aos objetos; contudo essencialmente, a libido permanece retida no Eu.” (p. 99) O estabelecimento do Eu como reservatório primeiro de libido promove uma reconsideração da divisão entre pulsões do Eu e pulsões sexuais, uma vez que a libido empregada em ambas as finalidades é a mesma. Diante disso, Freud (1914/2004) desloca o dualismo pulsão de autoconservação e pulsão sexual para a oposição entre libido objetual e libido do Eu. Essa constatação foi realizada por meio da observação dos investimentos direcionados aos objetos e recolhidos novamente em sofrimentos decorrentes de dores físicas, estados de sono, parafrenia etc. Desse modo, o Eu desde sempre é sede das pulsões e, portanto, não pode mais haver uma diferenciação elementar entre pulsão sexual e pulsão do eu.

Assim, a respeito da distinção das diferentes energias psíquicas, podemos dizer que, no princípio, as energias coexistem no estado de narcisismo e que são indiscerníveis para uma análise mais superficial. Somente quando passa a ocorrer um investimento nos objetos é que se torna possível distinguir uma energia sexual, a libido, de uma energia das pulsões do Eu. (Freud, 1914/2004 p. 99)

A diferenciação entre os estados da libido foi necessária devido a uma ampliação realizada do postulado anterior, pulsão do Eu e pulsão sexual, conforme explica Freud (1914/2004). A investigação psicanalítica demonstrou que a libido objetual na verdade é uma transformação da libido do Eu, que foi usada no investimento de objetos sexuais. Esses

investimentos podem se fixar, abandonar e substituir os objetos incessantemente, além de poderem ser recolhidos e reconvertidos em libido do Eu. Tal fato leva a conclusão de que: [...] “se as pulsões de autoconservação também são de natureza libidinal, talvez não exista nenhuma outra pulsão que não seja libidinal. Ou ao menos não conseguimos imaginar nenhuma outra.” (Freud, 1920/2004) Assim, a pulsão do Eu é também sexual.

Freud (1914/2004) já demonstrava em 1914 uma cautela exacerbada que dá indícios de que não estaria satisfeito com os postulados a respeito da pulsão até então desenvolvidos. Afirmou diversas vezes que suas teorizações eram suposições iniciais e que a qualquer momento poderia abandoná-las e recorrer a outra suposição mais apropriada. Na análise das neuroses de transferência ficou evidenciado um conflito entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu. Isso fez com que Freud antecipasse que

é sempre possível que um estudo mais exaustivo das outras afecções neuróticas (sobretudo das psiconeuroses narcísicas: as esquizofrenias) obrigue a uma modificação dessa fórmula e, com isso, a outro modo de agrupamento das pulsões originais. Mas, neste momento, não sabemos de nenhuma proposição a respeito desta questão, e ainda não encontramos nenhum argumento desfavorável à hipótese da oposição entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais. (Freud, 1915/2004b p. 150)

Neste trecho de 1915, além de explicitar seu método, o autor apresenta o caminho que o levou a não sustentar mais o dualismo pulsões sexuais e pulsão do Eu. As neuroses de transferência possibilitaram Freud chegar a uma oposição entre as pulsões sexuais dirigidas ao objeto e as pulsões do Eu. Com os estudos do Eu foi possível verificar que a libido não se restringia à pulsão sexual e que quando a libido era desinvestida do objeto havia um retorno ao Eu. Além disso, o próprio desenvolvimento da libido corrobora a afirmação de que o Eu é [...] “o verdadeiro e original reservatório da libido” (p.173). Decorre dessa constatação que o Eu é tomado também como um objeto, o mais importante, sendo sua libido também chamada de narcísica. Assim, a oposição entre pulsões do Eu e pulsões sexuais não se mostra mais tão importante, uma vez que elas não se diferem em sua qualidade. No entanto, Freud sustenta que essa divisão se mantenha, argumentando:

Reconheceu-se que uma parte das pulsões do Eu era de natureza libidinal, e provavelmente haveria também pulsões sexuais, além de outras, agindo no interior do Eu. Todavia, ainda assim justifica-se que mantenhemos nossa antiga formulação de que a psicose essencialmente consiste em um conflito entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais. Para tal basta caracterizarmos de outra maneira a distinção entre os dois tipos de pulsão: se no início a distinção foi concebida como sendo de ordem qualitativa, devemos agora entendê-la como sendo uma diferenciação de natureza tópica. (Freud, 1920/2004 p. 173)

As manifestações psíquicas que pareciam se contrapor ao princípio de prazer, juntamente com as constatações decorrentes do narcisismo, fizeram Freud (1920/2004) reconsiderar as pulsões elementares e supor a existência de algo a mais que estaria por detrás do funcionamento psíquico.

1.2.1 Compulsão à repetição.

Freud (1914/2006) em *Recordar, repetir e elaborar* de 1914 demonstra o movimento de repetir como uma expressão do funcionamento do aparelho psíquico. Para o autor, o paciente não consegue se lembrar das experiências que esqueceu, mas recorda delas em ato sem saber do que está se lembrando. O rememorar em ato acontece no processo de análise como uma compulsão à repetição, que ocorre na relação transferencial com o analista e em outras situações da vida. O analisando recorda os fragmentos psíquicos decorrentes do material reprimido, inclusive seus sintomas, mas com a intensidade de investimento libidinal atual. A descoberta desse fenômeno no contexto analítico antecipa teoricamente a compulsão à repetição como componente da pulsão de morte, desenvolvida somente em 1920. No entanto, como pode ser constatado nos avanços teóricos freudianos, o esclarecimento da compulsão à repetição não se contrapõe aos achados até então apresentados acerca do sintoma, pelo contrário:

[...] podemos agora ver que, ao chamar atenção para a compulsão à repetição, não obtivemos um fato novo, mas apenas uma visão mais ampla. Só esclarecemos a nós mesmos que o estado de enfermidade do paciente não pode cessar com o início de sua análise, e que devemos tratar sua doença não como um acontecimento do passado, mas como uma força atual. (1914/2006)

O recordar em ato, quando imposto pela compulsão à repetição em decorrência de um trabalho analítico, suscita um fragmento da vida real do paciente, fazendo com que efeitos sejam produzidos e que o recalcado seja passível de representação. Isso ocorre porque a análise permite que o paciente ressignifique seu sintoma, tomando-o como uma parte sua, e que sob influência do analista o analisando mantém nos domínios psíquicos as moções pulsionais que antes ganhavam vazão pela via motora.

Em *Além do princípio do prazer* de 1920, Freud (1920/2004) apresenta a compulsão como um mecanismo propriamente da pulsão e o aborda em um contexto para além do clínico, como um componente da vida psíquica, e que, portanto, se expressa nas ações humanas. Ao observar a manipulação de um carretel acompanhada pela emissão de sons (“o-o-o” e “dá”) de seu neto, Freud interpreta que a brincadeira se trata de um movimento de

desaparecer/aparecer. Assim, os sons emitidos, *fort* (foi-se) e *dá* (aí), puderam ser compreendidos e significados. Essa brincadeira expressava o movimento da criança que conseguiu suportar a partida da mãe sem oposição. No entanto, surge a indagação do que levaria a criança a repetir diversas vezes uma cena que teria lhe causado desprazer tendo em vista a tendência do psiquismo ao princípio de prazer.

Uma primeira explicação dada por Freud (1920/2004) refere-se ao fato de que a criança viveu passivamente a cena reproduzida e que, ao repeti-la, pela via da brincadeira, ela assumiu um papel ativo, estando a serviço de uma pulsão de apoderamento. Essa brincadeira da criança expressa também o que Freud denominou de assenhorar-se da vivência, ou seja, a criança tomou a cena no campo simbólico.

Ela estava passiva, foi atingida pela vivência, e eis que se engaja em um papel ativo repetindo-a como brincadeira, apesar de ter sido desprazerosa. Esse engajamento poderia ser atribuído a uma pulsão de apoderamento [*Bemächtigungstrieb*] que se autonomizou e independente de a recordação em si ter sido prazerosa ou não. (Freud, 1920/2004 p. 142)

Percebe-se que há uma passagem da passividade para a atividade nas brincadeiras em que as crianças estão repetindo cenas nas quais elas estavam presentes. Nelas ocorre a submissão de outras pessoas ao evento a que a criança estava submetida. Isso possibilita uma vingança por parte da criança dirigida ao outro que estava na cena original e que agora é representada por outra pessoa. (Freud, 1915/2006)

O aparelho psíquico está sob o domínio do princípio de prazer, mas mesmo assim repete o que é desprazeroso em forma de recordação e de “processamento psíquico”. Não é só um repetir, mas se trata de um trabalho psíquico de simbolização. Essas atuações levaram Freud (1920/2004) a supor que há em funcionamento no aparelho psíquico tendências primitivas e independentes do princípio de prazer.

Além disso, Freud concebe que há na repetição da experiência desprazerosa um prazer de outra ordem, que atende a um grupo determinado de pulsões. “[...] o garoto só poderia estar repetindo uma vivência desagradável na forma de brincadeira porque um ganho de prazer de outra ordem, porém imediato, se vincula a essa repetição.” (Freud, 1920/2004 p. 143). Esse prazer ocorre, em parte, porque a compulsão à repetição é a manifestação da força do recalado. É claro que quase tudo que a compulsão à repetição consegue fazer o paciente reviver outra vez causa muito desprazer no Eu, pois nesse processo as atividades de moções pulsionais recalçadas são expostas. Mas, como já dito, trata-se de um desprazer, pois é ao mesmo tempo desprazer para um sistema e prazer para outro.

Nesse processo, há uma coação devido à magnitude da pressão pulsional a repetição. Assim, “[...] realmente existe na vida psíquica uma compulsão à repetição [*Wiederholungszwang*] que ultrapassa o princípio de prazer. Estaremos também inclinados a relacionar essa compulsão [*Zwang*] aos sonhos que ocorrem na neurose traumática, bem como ao impulso [*Antrieb*] da criança para a brincadeira.” (Freud, 1920/2004 p. 148)

Dessa forma, Freud (1920/2004) recorre a outras atividades psíquicas que parecem não estar em conformidade com a lógica de funcionamento psíquico. Diante disso, o autor explora os sonhos traumáticos para postular que há algo para além do princípio de prazer, que ocorre atendendo às exigências anteriores e independentes a ele. Os sonhos traumáticos e os sonhos produzidos pelo trabalho analítico têm o intuito de recordar traumas infantis e estão a serviço da compulsão à repetição.

Além disso, o componente sádico/masoquista da pulsão sexual contribuiu para o estabelecimento da pulsão de morte, uma vez que era difícil conceber o masoquismo se o que regula o aparelho psíquico é o princípio de prazer, ou seja, se a dor e o desprazer são tomados como metas e não como alarmes do aparato psíquico, o princípio de prazer parece ter se tornado inócuo. (Freud, 1924/2004)

Para supor a tendência conservadora expresso pela pulsão de morte, Freud (1920/2004) vale-se da biologia, em consonância com seu método, que recorre a outros saberes para sustentar postulados da psicanálise e que ganham âncora ao invocar as expressões clínicas da compulsão à repetição, do sadismo, das repetições nas brincadeiras infantis e nos sonhos traumáticos. No entanto, vale ressaltar que existe uma outra classe de pulsões para além das pulsões conservadoras que compelem à repetição, que

[...] atuam de forma oposta e pressionam para a produção de novas formações e impõem ao progresso, mas só mais adiante essa objeção será incorporada em nossas considerações. Antes, cederemos ainda à tentação de seguir mais um pouco e levar às últimas consequências nossa suposição de que todas as pulsões visam restabelecer um estado anterior. (Freud, 1920/2004 p. 161)

1.2.2.Retorno ao estado anterior.

A partir da compulsão à repetição, Freud (1920/2004) reformula a teoria das pulsões, afirmando que essa “[...] seria, portanto, uma força impelente [*Drang*] interna ao organismo vivo que visa a estabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas” (p.160). Nesse acréscimo ao conceito, o autor

retoma o princípio de nirvana, enfatizando a inércia do psiquismo e realocando o primeiro dualismo pulsional:

Depois de muito hesitar e vacilar, decidimos presumir a existência de apenas dois instintos básicos, *Eros e o instinto destrutivo*. (O contraste entre os instintos de autopreservação e a preservação da espécie, assim como o contraste entre o amor do ego e o amor objetal, incidem dentro de Eros.) (Freud, 1940 [1938]/2006 p. 161)

Para apresentar essa tendência do psiquismo, Freud (1920/2004) postula uma origem mítica da pulsão de morte afirmando que havia uma substância inorgânica que foi perturbada, desencadeando uma alteração. Esse processo gerou uma tensão, que, desde então, tenta ser suprimido pelo organismo, que almeja seu próprio aniquilamento. Assim, teve origem a primeira pulsão: a pulsão de retornar ao inanimado. Diante disso, as pulsões de conservação foram adquiridas ao longo da história da espécie e se repetem no desenvolvimento ontogenético. Assim, muitas vezes os caminhos adotados pelas pessoas que aparentam ser tomados em virtude da mudança e do progresso são, na verdade, expressões do mecanismo que enseja em retornar ao seu estado inicial, na ausência de vida.

Se o objetivo da vida fosse chegar a um estado nunca alcançado anteriormente, isso estaria em frontal contradição com a natureza conservadora das pulsões. Portanto, esse objetivo deve ser muito mais o de alcançar um estado antigo, um estado inicial, o qual algum dia o ser vivo deixou para trás e ao qual deseja retornar mesmo tendo de passar por todos os desvios tortuosos do desenvolvimento. Se pudermos admitir como um fato sem exceção que todo ser vivo morre, ou seja, retorna ao estado inorgânico devido as razões internas, então podemos dizer que: o objetivo de toda a vida é a morte, e remontando ao passado: O inanimado já existia antes do vivo. (Freud, 1920/2004 p. 161)

Com o estabelecimento da pulsão de morte como pulsão elementar, surge uma contradição de objetivos entre essa e as pulsões de Eu (autoconservação). No entanto, não há oposição entre essas pulsões, uma vez que as pulsões do Eu conduzem o aparelho anímico a alcançar a sua própria lei interna de retorno ao inorgânico, ou seja, a morte deve ser alcançada a sua maneira, e as pulsões do Eu, a serviço da pulsão de morte, auxiliam nesse percurso. Dessa forma, ao proteger o psiquismo da morte, as pulsões do Eu na verdade afastam perigos que levariam o organismo a uma morte por um atalho ou por um caminho em desacordo com a pulsão de morte.

Além disso, Freud (1920/2004), conjectura que o princípio de prazer está a serviço da pulsão de morte, uma vez que Eros provoca uma perturbação no aparelho psíquico, e a redução da tensão gerada é sentida como prazer. Cabe ao princípio de prazer estar vigilante quanto aos estímulos externos, que apresentam perigo as duas pulsões, e atentar-se “[...]particularmente para o perigo representado pelo aumento da quantidade de estímulos

[*Reize*] procedentes de dentro, os quais visam a dificultar a tarefa da vida.” (p. 181). Vale ressaltar que em *O problema econômico do masoquismo* de 1924, Freud amplia a meta do princípio de prazer, que não se limita apenas a resguardar a vida psíquica, mas a vida propriamente dita.

Dessa forma, esse princípio está atendendo aos anseios da pulsão de morte, ou seja, buscando a estabilidade do inorgânico. No entanto, ao recorrer ao desenvolvimento do aparelho psíquico fica constatado que o princípio de Nirvana transformou-se no princípio de prazer devido à atuação de Eros. Dessa forma é possível conceber o conjunto de relações: o princípio de nirvana está a serviço da pulsão de morte, mas em seu percurso é enlaçado libidinalmente transformando-se em princípio de prazer, ao passo que o princípio de realidade expressa a influência do mundo externo no psiquismo. (Freud, 1924/2004 p. 106)

Freud (1920/2004) afirma que o grupo de pulsões sexuais é tão conservadora quanto o grupo das pulsões de morte, mas só que essa sua qualidade está a serviço de manter a vida por longos períodos e por desenvolver resistência no psiquismo aos estímulos externos.

Nós denominamos grupo de pulsões sexuais o conjunto de todas aquelas pulsões que zelam pelos destinos desses organismos elementares sobreviventes e que emanam do ser individual. São elas que cuidam para que esses organismos se mantenham em segurança quando estão a mercê dos estímulos do mundo externo; propiciam seu encontro com outras células germinativa, etc. (Freud, 1920/2004 p. 188)

O que a pulsão sexual almeja é a fusão, pois é somente assim que a vida pode se estender. A tendência de retorno de Eros (pulsão de vida) parte do pressuposto de que houve um desmembramento do organismo, por isso essa pulsão impele para a união. Além disso, a tendência da pulsão de vida de agregar em unidades maiores os organismos pode ter origem no anseio de atingir a completude, e se enganar com uma suposta imortalidade. (Freud, 1920/2004)

A pulsão de morte é, desse modo, estabelecida como primitiva e independente, atuando em oposição à existência da civilização. Ao contrário das moções oriundas de Eros, que impelem para a congregação e a reunião, constituindo assim a civilização. Desse modo, fica estabelecida uma oposição entre as pulsões que visam manter a vida por um período mais extenso e as pulsões que conduzem o organismo ao estado anterior.

É como se houvesse um ritmo alternante na vida dos organismos: um grupo de pulsões precipita-se à frente, a fim de alcançar o mais breve possível o objetivo final da vida; o outro grupo, após chegar a um determinado trecho desse caminho, apressa-se a voltar para trás, a fim de retomar esse mesmo percurso a partir de um certo ponto a assim prolongar a duração do trajeto. (Freud, 1920/2004 p. 164)

O que levou Freud a postular a existência da pulsão de morte é a participação do princípio de prazer no psiquismo, presente já desde a primeira formulação teórica do funcionamento do aparato anímico. A incessante e insistente tendência de suprimir ou pelo menos manter constante a tensão no psiquismo derivou do princípio de nirvana e fez com que uma nova faceta de sua origem fosse desvelada nas proposições a respeito da pulsão de morte.

1.2.3 Pulsão de destrutividade.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2006) estabelece que o sadismo incide originalmente no psiquismo e o masoquismo seria um processo de transformação deste primeiro. Além disso, presume que o sadismo/masoquismo seriam componentes agressivos da pulsão sexual que ganharam autonomia e poderiam ser deslocados.

Com independência ainda maior das outras atividades sexuais vinculadas às zonas erógenas desenvolve-se na criança o componente de crueldade da pulsão sexual. A crueldade é perfeitamente natural no caráter infantil, já que a trava que faz a pulsão de dominação deter-se ante a dor do outro - a capacidade de compadecer-se - tem um desenvolvimento relativamente tardio. É sabido que ainda não se teve êxito na análise psicológica exaustiva dessa pulsão; podemos supor que o impulso cruel provenha da pulsão de dominação e surja na vida sexual numa época em que os genitais ainda não assumiram seu papel posterior. (Freud, 1905/2006)

Ainda nesse momento, Freud (1905/2006) postula a origem da pulsão sádica na atividade muscular da criança, pois, ao desempenhar uma atividade física, em uma brincadeira, briga, luta, ocorre uma excitação sexual. Já a origem do masoquismo é definida como sendo os castigos físicos empreendidos pelos adultos nas crianças. Nesse mesmo texto, em uma nota acrescentada em 1924, mesmo ano de publicação do texto *O problema econômico do masoquismo*, o autor reconsidera, por meio dos desenvolvimentos teóricos a respeito da estrutura psíquica e das pulsões, que existe um masoquismo primário (ou erógeno).

Que a crueldade e a pulsão sexual estão intimamente correlacionadas é-nos ensinado, acima de qualquer dúvida, pela história da civilização humana, mas no esclarecimento dessa correlação não se foi além de acentuar o fator agressivo da libido. Segundo alguns autores, essa agressão mesclada à pulsão sexual é, na realidade, um resíduo de desejos canibalísticos e, portanto, uma co-participação do aparelho de dominação, que atende à satisfação de outra grande necessidade ontogeneticamente mais antiga. (Freud, 1905/2006 p. 151)

Freud verificou que desde o início, a pulsão sádica/masoquista tinha um caráter independente, afastando-se do amor da pulsão sexual. Com a descoberta de que o Eu é o

objeto de investimento libidinal original, o sadismo, na verdade, passa a ser concebido como secundário em detrimento do masoquismo. Assim, tem-se um masoquismo originário que pode se expressar por meio da libido na forma do sadismo, dirigido aos objetos. Assim, Freud (1924/2004) apresenta três tipos de masoquismo, o erógeno, o feminino e o moral. O primeiro é o substrato para o desenvolvimento das outras duas formas.

O masoquismo feminino pode ser reconhecido pela fantasia que alguns homens³ apresentam na impotência sexual. As expressões dessas fantasias referem-se em ser preso, maltratado, humilhado, apanhar, estar na condição de submissão etc. Nela verifica-se a assunção de uma postura de permanecer indefeso e dependente a um outro, semelhante à condição infantil. Isso leva Freud (1924/2004) a supor o seguinte:

Quando se examina melhor algumas das fantasias masoquistas que receberam uma elaboração psíquica [*Verarbeitung*] mais rica, constata-se, de maneira nítida, que a pessoa foi colocada em uma situação típica da condição feminina, ou seja, ser castrado, ser objeto de coito ou dar à luz. (p. 108)

No masoquismo feminino pode haver uma tendência que resulta na condição de fantasiar e experimentar processos dolorosos e torturantes. Essa tendência é denominada de culpa. Essa culpa tem origem no julgamento realizado e na condenação proveniente do fato de que alguma ação imprópria foi cometida e que por isso um castigo merece ser empreendido. Nesse ponto, o autor estabelece uma conexão com a masturbação infantil e com o masoquismo moral.

O masoquismo moral pode ser compreendido como uma introjeção da pulsão de morte que atua destrutivamente contra o próprio Eu. É possível encontrar componentes libidinais que participam desse movimento. A serviço do masoquismo, a culpa inconsciente pode levar ao sofrimento. Vale ressaltar a distinção que Freud (1924/2004) faz a respeito do sadismo superegoico e do masoquismo propriamente do Eu. Ambos se complementam e atendem ao mesmo objetivo, apesar de terem origens e percursos diferentes. Nos dois casos trata-se da relação entre Eu e Supereu. O sadismo do Supereu tem origem na introjeção dos pais, que consiste na dessexualização dos impulsos sexuais direcionados a esses, possibilitando a dissolução do complexo edípico. Além disso, ocorre uma defusão pulsional, que juntamente com o poder, a severidade e o controle dos imagos paternos internalizados ganham uma intensificação digna de causar sofrimento ao Eu. No masoquismo moral há um reavivamento do complexo de Édipo, no que diz respeito à forma inadequada, pecaminosa e imoral dos impulsos, para que haja condenação do juízo da consciência moral.

³ Freud deixa claro que não está restringindo a fantasia de impotência aos homens, mas usa o masculino como exemplo porque esse é o dado que possui em sua clínica.

O componente libidinal da pulsão de destruição redirecionada ao Eu, ou seja, o masoquismo moral, também gera prazer. Mesmo na destruição do Eu há satisfação, pois está atendendo ao princípio de reduzir a tensão interna. O sadismo redirecionado contra a própria pessoa é decorrente da coibição cultural da pulsão que reprime a possibilidade de direcionar a hostilidade e destrutividade para o externo. Recolhida, essa parcela de destrutividade se manifesta dirigida ao Eu. (Freud, 1924/2004)

No entanto, a destrutividade não pode ter somente como alvo o Eu, é necessário que outros caminhos de canalização externa estejam disponíveis para que esse não seja completamente aniquilado. Nesse processo,

caberia, pois, à libido a tarefa de tornar inofensiva essa pulsão destrutiva. Para tal, ela, contando com ajuda de um sistema especial de órgão, a musculatura, desviaria grandes parcelas da pulsão de morte para fora, dirigindo-as contra os objetos do mundo externo. Direcionada ao mundo externo, a pulsão de morte passaria, então, a atuar como pulsão de destruição, pulsão de apoderamento ou como vontade de exercer poder. Uma outra parcela ainda dessa pulsão também teria sido dirigida para fora, mas a serviço da função sexual. Seria esse o sadismo propriamente dito, o qual terá um importante papel a cumprir na vida sexual. Contudo, haveria uma parcela da pulsão de morte que não teria participado dessas transposições. Ela teria permanecido dentro do organismo, e lá, com a ajuda da solidariedade excitatória sexual – que já afirmamos existir – entre a dor e o prazer, teria sido fixada [*gebunden*] libidinalmente. Ora, é essa parcela fixada que denominamos masoquismo original e erógeno. (Freud, 1924/2004 p. 109)

O sadismo direcionado aos objetos externos não passa de uma transposição do masoquismo a serviço de Eros. Ainda assim, há um resto que permanece internamente, o que Freud (1924/2004) denomina de masoquismo erógeno. Esse masoquismo é um resquício de uma fase em que as pulsões estavam combinadas. Dessa forma, podem-se encontrar estados em que há um redirecionamento para si do sadismo, constituindo o masoquismo secundário e retomando uma condição originária.

Por meio da dinâmica sadismo/masoquismo é possível presumir que as pulsões de vida e as pulsões sexuais nunca agem sozinhas, mas sempre em estados combinados, o que dificulta a identificação da parcela de responsabilidade de uma delas nas atuações do psiquismo no mundo. Assim, “[...] temos de supor que, de algum modo, os dois tipos de pulsão sempre são amplamente misturados e amalgamados em variadas proporções. Assim, não teríamos pulsões de morte ou de vida puras, mas apenas combinações de diversas magnitudes.” (Freud, 1924/2004 p. 110)

A pulsão de morte atua enlaçada em Eros, por isso atua silenciosamente. Somente nesse enlaçamento é possível visualizar sua atuação. Como afirma Freud:

As manifestações de Eros eram visíveis e bastante ruidosas. Poder-se-ia presumir que o instinto de morte operava silenciosamente dentro do organismo, no sentido de sua destruição, mas isso, naturalmente, não constituía uma prova. Uma idéia mais fecunda era a de que uma parte do instinto é desviada no sentido do mundo externo e vem à luz como um instinto de agressividade e destrutividade. Dessa maneira, o próprio instinto podia ser compelido para o serviço de Eros, no caso de o organismo destruir alguma outra coisa, inanimada ou animada, em vez de destruir o seu próprio eu (*self*). (Freud, 1930[1929]/2006 p. 123)

O masoquismo-sadismo é um ótimo exemplo para verificar o enlaçamento das pulsões devido à externalidade que a pulsão de morte assume ao transformar o objetivo sexual de forma que também atenda às suas exigências. Além disso, em situações em que está discriminadamente marcada a sobreposição da pulsão de morte, o Eu obtém satisfação que é advinda dos desejos onipotentes arcaicos dessa instância. Esse prazer do Eu é sentido mesmo em ocorrências em que a pulsão de morte está inibida em sua finalidade.

A pulsão de morte na teoria freudiana não se sobrepõe à pulsão de vida em termos de importância para os fenômenos psíquicos, como o próprio autor afirma:

[...] nossa concepção desde o início sempre foi dualista, e hoje, quando os termos opostos não são mais designados como pulsões do Eu e pulsões sexuais, mas como pulsões de vida e pulsões de morte, ela é ainda mais rigorosa do que antes (Freud, 1920/2004 p. 174).

Assim, a teoria das pulsões possibilita uma compreensão do psiquismo, visto o seu grau de importância na constituição da vida anímica. Além da ausência de objeto que não permite conceber a priori a atuação humana, a pulsão não teria em si nenhuma qualidade, seria apenas uma medida de exigência. Nesse sentido, pode-se considerar a pulsão como desprovida de características, apresentando-se ao inconsciente unicamente como exigência de trabalho. Assim, é exatamente por causa da demanda ao psiquismo, por sua pressão e pela meta que esta se manifesta das mais diversas formas.

Diante disso, o objetivo da pulsão se configura como mais importante do que a sua qualidade. Tomando as duas pulsões primordiais, das quais todas as outras derivam, a de vida, que teria como meta manter a vida, adiando o percurso para o inorgânico, e a de morte, que conduz ao inorgânico, Freud conseguiu avançar nos conhecimentos da vida anímica.

A pulsão se apresenta enquanto um conceito que ajuda a entender esse homem a que a psicanálise freudiana se refere. O sintoma pode ser elencado como uma manifestação do obscuro que guarda a chave do entendimento da subjetividade. Nas aparições que dão notícia do inconsciente – lapsos, atos falhos, chistes, sonhos etc. – pode-se, por um instante, vislumbrar a trama que define o psiquismo, mas é nos sintomas, que possuem uma constância herdada da pressão pulsional, que este é revelado.

A pulsão escancara o inconsciente e evidencia que o homem não pode ser confundido com a consciência e nem tomado como puramente racional. O homem ao qual a psicanálise freudiana se refere é o sujeito⁴ marcado pelo desejo, desejo inconsciente, impulsionado e constituído por representações pulsionais, dos quais os sintomas são sua expressão. O desejo, advindo da pulsão, é o que dá vida e a mantém nos indivíduos. Com a incidência da realidade no psiquismo, uma quota das pulsões passa por processos de desenvolvimento, mas a outra que permanece afastada do externo permanece existindo e atuando, até mesmo nas sutilezas das ações humanas.

O psiquismo comporta desde os estímulos oriundos das fontes somáticas até a atividade empreendida para a supressão da tensão. O aumento na excitação em um órgão, parte do corpo, e se inscreve no psiquismo, demandando uma atividade com fins a manter o repouso, ou seja, a forma de se lidar com a redução/aumento da tensão no psiquismo é o que promove a animação, a organização psíquica e o destino do homem. O percurso pulsional na obra freudiana coincide com a formação da estrutura psíquica. Pode-se pensar que a pulsão, na psicanálise freudiana, figura enquanto causa, causa de um representante que instaura o simbólico; causa do inconsciente; do desejo; do ato; e da incompletude. Logo é causa do psiquismo.

⁴Indivíduo e sujeito na obra de Freud são termos usados e às vezes correlatos, mas tal emprego não se sustenta mais após a elaboração lacaniana, em que o termo indivíduo é abandonado enquanto que o termo sujeito é deslocado, passando cada vez mais a dizer respeito a um sujeito que não tem “nenhuma identidade, visto que nem sequer é idêntico a si mesmo”, embora esteja atado “ao deslizamento da língua e à parcialidade das pulsões corporais.” (Gaufey, 2015 pp. 52-53)

2 O Conceito de Pulsão em Jacques Lacan

Lacan (2008) lê em Freud o conceito de pulsão como distinto da necessidade e demonstra durante seu ensino que a dimensão simbólica uma vez tomada pelo sujeito perturba todo o seu funcionamento, fazendo com que o organismo se submeta à estrutura do Outro. Essa operação é para Lacan o que difere a pulsão da necessidade, a verdadeira pulsão parcial da pulsão de autoconservação. A própria condição de ser faltante à qual o humano está submetido apresenta em essência a morte do vivo no indivíduo, ou seja, é retirada do ser qualquer tendência natural. Além disso, o autor reforça essa ideia afirmando que a força constante do impulso pulsional difere radicalmente do ritmo cíclico assumido em uma função biológica.

Na teoria lacaniana há uma ênfase na demarcação e o afastamento da biologia do campo psicanalítico em resposta aos leitores de Freud que insistiam em uma aproximação desses saberes.

A pulsão – nunca é *demais* lembrá-lo à obstinação do psicólogo que, em seu conjunto e *per se*, fica a serviço da exploração tecnocrática – a pulsão freudiana nada tem a ver com o instinto (nenhuma das expressões de Freud permite essa confusão). (Lacan, 1998a p. 865)

Toda a concepção que fundamenta a diferença radical entre pulsão e instinto, ou seja, entre o que é da ordem psíquica e o que é da dimensão biológica está pautada nos efeitos da linguagem para a constituição psíquica, ou seja, para a sua fundação enquanto aparelho de linguagem. Segundo Lacan (2008), a sexualidade participa do psiquismo em decorrência de uma falta. Essa ausência do que é ser macho, fêmea, homem, mulher conduz ao processo de apanhar no mundo de significantes essas referências. Assim, pode-se afirmar a dependência, ou a própria condição de assujeitamento ao significante, que se encontra no campo do Outro. Diante disso, o sujeito, as formações inconscientes, os objetos e tudo o que diz respeito ao humano está em suplência ao campo da linguagem.

[...] o objeto humano, o mundo dos objetos humanos, permanece inapreensível como objeto biológico. Ora, verifica-se que esse fato, nessa conjuntura, deve ser estreita ou mesma indissolúvelmente relacionado com a submissão, a subdução do ser humano pelo fenômeno da linguagem. (Lacan, 1999 p. 53)

Assim, torna-se imprescindível na apreensão do conceito de pulsão proposto por Lacan manter no horizonte a teoria do significante, pois como será apresentado à frente a pulsão é uma construção de linguagem.

2.1 Princípio de prazer e princípio de realidade

Presentes ao longo de toda obra de Freud e cuidadosamente examinados em *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* de 1911 esses princípios apresentam grande relevância à teoria das pulsões, pois são reguladores da atividade psíquica e colocam em relevo o prazer e sua interdição. Lacan promove uma leitura desses princípios e apresenta proposições que avançam nas premissas freudianas e, conseqüentemente, movimentam a teoria das pulsões.

Para Lacan (1997) o princípio de realidade seria um prolongamento do princípio de prazer, a sua própria “aplicação”, ou seja, o princípio de realidade é uma modificação do princípio de prazer que visa garantir o êxito do primeiro. Nesse sentido, a oposição entre princípio de prazer e princípio de realidade não pode mais ser sustentada. Para demonstrar essa problemática, o autor recorre aos textos freudianos que apresentam o funcionamento do aparelho psíquico.

Lacan (1997) aponta três níveis do dualismo dos princípios que instauram três ordens. Primeiro, há uma substância/sujeito da experiência que coloca em oposição, no lado do prazer, o seu bem, e no lado da realidade *das Ding*. Em segundo, no nível do processo, há a oposição entre percepção, enquanto um processo de ficção (alucinação - princípio de prazer) e o pensamento, enquanto processo apetitivo, de busca e reencontro do objeto (realidade). Essa oposição é a própria realidade psíquica, que expressa a contraposição freudiana de prazer e realidade. E por último, no nível do objeto, a oposição entre o conhecido, que se conhece por meio das palavras e o desconhecido, que possui uma estrutura de linguagem. Esses são pontos de destaque importantes para a compreensão da objeção lacaniana à oposição freudiana dos princípios. Seguiremos com eles.

Em Freud, afirma Lacan (1997), por haver uma compreensão do aparelho psíquico por meio dos postulados neuroanatômicos, o que levou ao estabelecimento de um aparelho neurônico, o princípio de prazer é tido como um princípio de inércia, ou seja, a tendência do organismo em manter o estado de repouso. As facilitações ou trilhamentos (tradução proposta por Lacan), inicialmente desenvolvidos no aparelho psíquico, são preservados e atuam a serviço da tendência à descarga. Esse aparelho conduz a si próprio ao erro, tanto que a única satisfação que pode advir nesse estado é a pela via da alucinação. Por isso é necessário que um outro princípio entre em cena para corrigir, instaurar a ordem. O princípio de realidade se apresenta como um conserto a um aparelho débil, fadado ao fracasso:

[...] aquilo a que o funcionamento do aparelho neurônico deve, no fim das contas, sua eficiência, apresenta-se como um aparelho que faz muito mais do que um simples controle – trata-se de retificação. O modo pelo qual opera é apenas rodeio, precaução, retoque, retenção. Ele corrige, compensa o que parece ser a tendência fundamental do aparelho psíquico e, fundamentalmente, opõe-se a ela. (Lacan, 1997 p. 40)

Assim, o conflito está na origem do aparelho que objetiva viver, mas que possui em sua estrutura uma inadequação que deve ser reparada pelo desdobramento desse próprio aparelho. Lacan (1997) afirma que o que justifica a oposição postulada por Freud entre os princípios e que estão em toda sua obra são as quantidades incontáveis com que o aparelho tem que lidar. Essas quantidades são uma tentativa de Freud de alinhar seu saber aos ideais mecanicistas de Helmholtz e de Brücke. Como lembra Lacan (2008), os mestres de Freud “[...] são aqueles que procuram levar à realização, por exemplo, a integração da fisiologia aos conceitos fundamentais da física moderna, e especialmente aos da energética.” (p161)

No entanto, Lacan não pensa dessa mesma forma e demonstra que os achados freudianos podem, por outro lado, se aproximar da filosofia aristotélica. Em Aristóteles também há uma noção de que a satisfação deve ser postergada, como no processo secundário freudiano. Isso promoveria uma dor momentânea, mas levaria ao bem supremo, transcendendo o prazer outrora adiado. A premissa aristotélica é de que os sujeitos devem reconhecer o bem e guiar-se em direção a eles. Diante disso, tem-se uma diferença significativa entre os pensadores, pois para Freud o pensamento não pode ser tomado como objetivo, consciente e respondendo ao princípio de realidade, mas ao princípio de prazer.

Se o pensamento está para o princípio de prazer, conclui-se que a percepção está para o princípio de realidade. Há aí o equívoco de emparelhar a percepção com a realidade. Na percepção o que está em jogo também é o princípio de prazer. O processo primário, descrito por Freud, tende a se exercer enquanto uma identidade de percepção, podendo ser real ou alucinada. Já o processo secundário tende à identidade de pensamento, o que permite a compreensão de que

[...] o funcionamento interior do aparelho psíquico [...] se exerce no sentido de um tateamento, de uma prova retificativa, graças à qual o sujeito, conduzido pelas descargas que se produzem segundo os *Bahnungen* já trilhadas, fará a série de tentativas, rodeios que pouco a pouco o levarão à anastomose, ao ultrapassamento da prova imposta ao sistema circundante dos objetos presentes nesse momento da experiência. (Lacan, 1997 p. 44)

A identidade de pensamento refere-se ao percurso das facilitações, que aos poucos vão se expandindo, trilhando novas ligações orientadas por uma expectativa de satisfação que se realizará de maneira independente do exterior. O princípio de realidade, que guia o processo

secundário, não implica um abandono à tendência ao prazer; pelo contrário, esse processo descreve que o que está em relevo é o desejo (*Wunsch*) ou o prazer esperado (*Erwartung*), que enquanto expectativa de prazer prescinde do exterior, ocorre em um movimento oposto ao que é desencadeado. Essa descrição do aparelho também levaria ao erro de conceber o pensamento como da ordem do princípio de realidade. No entanto, Lacan (1997) esclarece que o aparelho forjado por Freud delimita o pensamento enquanto da esfera inconsciente, isto é, os trilhamentos ocorrem por via de aproximação e não são perceptíveis como tal. Diante disso, o pensamento encontra-se situado e submetido ao inconsciente, portanto, refere-se ao princípio de prazer.

Lacan (1997) afirma que Freud postula que são as palavras que possibilitam a apreensão do pensamento na consciência. Para exemplificar, o autor recorre ao exemplo freudiano do objeto hostil, que promove a dor que só pode ser noticiada através do grito. É essa expressão falada, esse grito que destaca da realidade o objeto maldito, a causa da dor. Sem essa expressão nada se saberia a respeito do que se passa nessa operação. O que se tem notícia a nível consciente são só sinais de prazer ou pena e não a totalidade do que ocorre supostamente no nível interno, inclusive da identidade de pensamento.

O princípio de realidade governa o que ocorre no nível do pensamento, mas é apenas na medida em que do pensamento retorna alguma coisa que, na experiência humana, ocorre ser articulada em palavras, que ele pode, como princípio do pensamento, vir à consciência do sujeito, no consciente. (Lacan, 1997 p. 46)

O inconsciente só é apreendido pela sua explicação, em sua articulação atravessada pelas palavras. O inconsciente tem a estrutura de uma linguagem, e isso coloca em destaque a fala. Por isso Lacan (1997) afirma que o objeto mais importante para o homem é o objeto falante, uma vez que permite ver “os processos que habitam efetivamente seu inconsciente no discurso dos outros” p. (45). O sujeito pode conhecer as ideias que se agenciam em seus pensamentos nas suas próprias palavras. O pensamento, quando tomado pelo princípio de prazer é da ordem inconsciente, mas na verbalização pode se dirigir ao princípio de realidade na pré-consciência/consciência. Essas ideias ganham na fala uma articulação aleatória, mas que nem por isso deixam de ter um sentido.

O pensamento, localizado por Lacan (1997) na esfera do princípio do prazer, demonstra a radicalidade com que a realidade é tomada pelo aparelho psíquico, pois o pensamento se põe a serviço da satisfação de forma independente da realidade. Os pensamentos são produtos das ideias que na fala ganham uma ordem artificial e que estão no campo do inconsciente. Lacan destaca em Freud a ideia de que é a audição da fala que

propicia o seu movimento, uma vez que é essa operação que entra no sistema ω e pode tornar alguma coisa conhecida, consciente. Caso essa operação se fizesse nos neurônios ϕ eles seriam descarregados no movimento para manter a tensão o mais baixo possível.

No aparelho neurônico o que deve passar pela descarga (*Abfuhr*) se faz presente na consciência, regida pelo princípio de prazer. Nesse processo, há um movimento centrípeto que promove a sensação de movimento para a fala. Assim, a fala instaura uma outra estrutura, que possibilita a entrada na consciência de tudo o que se refere aos pensamentos, no percorrer de representação em representação. “É na medida em que algo no circuito sensação-motricidade vem interessar, num certo nível, o sistema ψ que algo é retroativamente percebido, sensível sob a forma de *Wortvorstellung*⁵.” (Lacan, 1997 p. 65)

Para pensar a problemática posta pela oposição dos princípios, Lacan (1997) empreende uma releitura do texto *Projeto para uma psicologia científica* de Freud de 1895. Nessa releitura, o texto freudiano é cuidadosamente examinado e de lá são extraídas consequências da noção de realidade.

Para Lacan (1997), o aparelho psíquico forjado no texto freudiano de 1895 não tem simplesmente a função de circuito e de escoamento. Essas tarefas não estão desde a origem, mas são um desdobramento. O princípio de prazer não encontra nenhum correspondente biológico, ele é dado pelo outro, pelo complexo do próximo (*nebenmensch*). Da mesma forma ocorre com o princípio de realidade que não pode ser concebido como uma realidade universal, objetiva e verdadeira. A realidade só pode ser tomada como efeito do Outro, que impõe sua lógica ao funcionamento do humano. Nesse sentido, Lacan demonstra, seguindo o passo a passo dos aparelhos forjados por Freud, a contradição da leitura que se faz desses princípios.

Prosseguindo com a apreensão lacaniana do aparelho neurônico freudiano, o autor demonstra o quão problemático é a ideia de descarga do aparelho neurônico. Os sistemas ψ e ϕ compõem uma rede que pode encolher e estender e entre eles há um movimento de transposição, pois a quantidade transforma-se em outra coisa. Essa potencialidade de extensão e encolhimento transformam as quantidades Q oriundas do externo, no sistema ψ , em outra coisa regida pela estrutura da linguagem, justamente por essa estar entre a percepção e a consciência. Esse processo constitui a “[...] transformação do que é quantidade pura e simples em complicação, Freud utiliza mesmo o termo latino – *complicationes*.” (Lacan, 1997 p. 54)

⁵ Representação-palavra

Os neurônios-chave apresentam um outro modo de descarga, mas nem por isso menos problemático. Essa descarga ocorre no sistema ψ , e não faz nada além de aumentar ainda mais as tensões, pois ela ocorre no interior do sistema gerando excitações que desencadeiam movimentos que elevam ainda mais a tensão. Nesse sentido, a simples noção de descarga se torna complicada.

Abordar os princípios reguladores do funcionamento psíquico e a problemática da descarga é fundamental para se pensar o próprio movimento pulsional. Lacan (2008) questiona a compreensão de pulsão como impulso, apenas como princípio de inércia com ênfase no ponto de vista econômico. Essa noção simplifica o conceito e se afasta da noção freudiana: “Não só eu não penso assim, mas penso que num exame sério das elaborações que Freud dá da noção de pulsão vai contra isto. (p. 160)”

O princípio de realidade ajuda a compreender essa dimensão da descarga. Esse princípio isola o falante da realidade, como explicitado pela biologia no processo de homeostase, de tal forma que nem o quantitativo nem o qualitativo se apresentam. O que vem do exterior tem que passar pelo sistema ϕ , que é estruturado para barrar a quantidade Q , operando com a quantidade $Q\eta$ no sistema ψ . O texto freudiano *Projeto para uma psicologia científica* demonstra que o aparelho psíquico fica exterior, assim como o mundo exterior concebido nele. O próprio signo (*Qualitätszeichen*), proposto por Freud, não se remete à qualidade, mas é apenas um sinal da presença da realidade externa e é com o que a consciência tem que tratar.

A estrutura dos sistemas neurônicos e suas fontes de energia permitem pensar sobre a noção problemática da realidade posta em Freud.

Com efeito, não é da quantidade exterior que os neurônios ω recolhem sua energia, diz Freud, pode-se conceber no máximo que eles *sich die Periode aneignen*, apropriam-se ao período. É a isso que eu fazia alusão, há pouco, falando da escolha do aparelho sensorial. Ele desempenha aí um papel de guia em relação as contribuições que os *Qualitätszeichen* fornecem, permitir, ao mínimo movimento, todas essas saídas que se individualizam enquanto atenção sobre tal ou tal ponto escolhido do circuito, e permitirão uma melhor aproximação em relação ao processo do que aquela que o princípio do prazer tenderia a fazer automaticamente. (Lacan, 1997 p. 66).

O aparelho sensorial desempenha um papel de crivo com a qualidade do mundo exterior, o que implica a “[...] noção de uma profunda subjetivação do mundo exterior – alguma coisa tria, criva, de tal maneira que a realidade só é vista pelo homem, pelo menos no estado natural, espontâneo, de uma forma profundamente escolhida. O homem lida com as peças escolhidas da realidade.”(p. 63) Assim o princípio de realidade pode ser visto como

precário, pois o acesso e a via tomada nesse percurso em direção à realidade são regulados por postulados tirânicos.

No sistema ψ , onde as tensões são controladas para manter a homeostase do psiquismo, o que se busca na realidade é o que já se foi trilhado por esse sistema enquanto experiência de satisfação. A percepção não passa de um produto do aparelho, que na sua autonomia busca a imagem mnêmica de prazer. O sistema ψ , na qualidade de aparelho de memória não registra a realidade enquanto tal, mas segundo critérios regidos pelo princípio de prazer. Assim, a memória não corresponde com a realidade. O percebido não passa de uma alucinação. O que guia a escolha das peças da realidade com que o aparelho vai lidar é o princípio do prazer, que se faz presente mesmo após a entrada do princípio de realidade.

O importante é que tudo o que ocorre aqui apresenta o paradoxo de estar no próprio lugar onde reina o princípio da articulação pela *Bahnung*, o lugar onde se produz todo o fenômeno alucinatorio da percepção, da falsa realidade à qual o organismo humano é, em suma, predestinado. É nesse mesmo lugar que se formam, e de uma maneira inconsciente, os processos orientados e dominados pela realidade, uma vez que se trata de o sujeito reencontrar o caminho da satisfação. (Lacan, 1997 p. 56)

O princípio de realidade como desdobramento do princípio de prazer regula e promove seu êxito. A relação do prazer com a realidade não pode ser tomada como oposição, mas deve ser vista na sua continuidade paradoxal, pois “o prazer não se articula na economia humana senão numa relação com esse ponto, certamente deixado vazio, enigmático, mas que apresenta uma certa relação com o que é para o homem a realidade” (Lacan, 1997 p. 54). Dessa forma, o prazer só existe enquanto princípio regulador na medida em que a realidade se faz presente.

A realidade, nesse sentido como Lacan (1997) apresenta, não é natural, mas estruturada pelo simbólico que está orientado pelo princípio de prazer. É o cuidador (*nebenmensch*) que apresenta a realidade ao *infans*. Mas esse outro próximo é o Outro que instaura a dimensão propriamente humana. É na medida em que Outro se faz presente para o sujeito que o prazer se apresenta e guiará a apreensão da realidade.

Lacan (2008) afirma que é no nível do significante que está presente a estrutura social de funcionamento humano, que não tem nada de natural e que é por onde a realidade inconsciente se instaura como realidade sexual. “A integração dessa combinatória à realidade sexual faz surgir a questão de saber se não é mesmo por ali que o significante chegou ao mundo, ao mundo do homem.” (p. 149) Assim, os princípios de prazer e de realidade são efeitos da entrada significante na realidade humana, que instaura sua organização própria ao aparelho.

Lacan (1997) estabelece que para o aparelho psíquico pensado por Freud é necessário uma referência, mesmo que alucinada, para que a percepção se ordene enquanto da dimensão humana. A percepção depende dessa alucinação que é a própria *das Ding*. O aparelho psíquico não pode se organizar por meio dos signos de percepção caso não aja essa alucinação que funciona como uma referência de onde advêm os signos de qualidade que indicam o caminho da satisfação. Essa alucinação é *das ding* que apresenta justamente com o arranjo da satisfação.

2.2 Das Ding

Na releitura promovida por Lacan (1997) do texto *Projeto para uma psicologia científica* de 1895 de Freud há um grande destaque para *das Ding*. Dessa noção freudiana, Lacan tira consequências para seu registro do real e há também aí princípios das futuras elaborações do objeto *a*. No entanto, para esse trabalho interessam as articulações estabelecidas com a teoria das pulsões. *Das Ding* é concebido por Lacan (1997) como um primeiro externo que foi isolado e tomado como estranho pelo sujeito, processo esse que ocorre no *Nebenmensch*, no homem ao lado, que estaria próximo, no cuidado do *infans* (complexo do próximo). Esse acontecimento marca uma divisão com a realidade em que, através do julgamento pautado pela qualidade do objeto com atributo, há a inscrição no sistema ψ em forma de representações. Essas já passam a ser guiadas pelo princípio de prazer e desprazer. Essa realidade a qual o sujeito terá que recorrer para obter a satisfação em nada se parece com o primeiro exterior que estabelece a condição e a sua meta. Assim, *das Ding* é visto por Lacan como primórdio daquilo de que o sujeito é feito. Esse objeto ex-sistente orienta, controla e é a referência ao mundo dos desejos do sujeito.

Das Ding é o que – no ponto inicial, logicamente e, da mesma feita, cronologicamente, da organização do mundo no psiquismo – se apresenta, e se isola, como o termo de estranho em torno do qual gira todo o movimento da *Vorstellung*, que Freud nos mostra governado por um princípio regulador, o dito princípio do prazer vinculado ao funcionamento do aparelho neurônico. É em torno desse *das Ding* que roda todo esse processo adaptativo, tão particular no homem visto que o processo simbólico mostrasse aí inextricavelmente tramado. (Lacan, 1997 p. 76)

Das Ding é o interior excluído, ou seja, ao mesmo tempo em que é o mais íntimo e interior é o que é excluído, o que está fora do sujeito, é o que é excluído no interior. *Das Ding* abarca o que é de real, aquilo que existe antes da diferenciação entre interno e externo e que se remete ao *Real-Ich*, momento do aparelho psíquico em que não há organização nenhuma. Depois da primeira diferenciação, o *Lust-Ich* se desenvolve e o aparelho psíquico se organiza

por meio das representações. Nesse movimento, em que o *Lust-Ich* está presente em busca do prazer, *das Ding* é localizado como externo na medida em que não se inscreve.

Das Ding, enquanto estranho, é a Coisa que foi isolada na experiência com o Outro. Aquilo que permanece, mas sem ser apreensível na dimensão simbólica. Ele orienta o desejo, a busca pela satisfação que está localizada nesse vazio e que, portanto, é da ordem do impossível. Esse primeiro externo isolado na experiência humana com o Outro é o crivo, o teste de realidade.

O Ding como *Fremde*, estranho e podendo mesmo ser hostil num dado momento, em todo caso como o primeiro exterior, é em torno do que se orienta todo o encaminhamento do sujeito. E sem dúvida alguma um encaminhamento de controle, de referência, em relação a que? - ao mundo de seus desejos. Ele faz a prova de que alguma coisa, afinal, encontra-se justamente aí, que, até um certo ponto, pode servir. Servir a que? - a nada mais do que a referenciar, em relação a esse mundo de anseios e de espera orientado em direção ao que servirá, quando for o caso, para atingir *das Ding*. (Lacan, 1997 p. 69)

A arte primitiva que está localizada nas cavernas subterrâneas apresenta, segundo Lacan(1997), uma contradição, pois é o lugar da arte que impossibilita ou pelo menos dificulta a sua contemplação. Esses desenhos eram feitos uns sobre os outros, em um local consagrado que possibilitava a projeção e a criação, ao mesmo tempo em que apresentava uma relação com o mundo exterior ao registrar os caçadores. Esse fato foi usado por Lacan para estabelecer *das Ding* enquanto o vazio rodeado de uma organização, o vazio da parede que recebeu desenho após desenho na tentativa de registrar o “habitante invisível da cavidade”. (p.174)

Assim, *das Ding* é a Coisa que não pode ser tomada pelo simbólico, mas existem outras coisas que são. Nesse sentido, cabe uma diferenciação importante quanto à apreensão de *das Ding*, a distinção entre *das Ding* e *die Sache*. *Das Ding* não pode ser confundida com *die Sache*. *Sache* seria algo passível de linguagem, ou seja, é uma produção humana no registro simbólico. *Das Ding* é resultado da experiência do objeto inicial que se apresenta ao aparelho psíquico fora do campo mnêmico, sendo isolado e preservado durante as formações inconscientes. A representação é o elemento imaginário do objeto, o que se encontra ao redor de *das Ding*.

A *Sache* é justamente a coisa, produto da indústria ou da ação humana enquanto governada pela linguagem. Por mais implícitas que estejam inicialmente na gênese dessa ação, as coisas estão sempre na superfície, estão sempre ao alcance de serem explicitadas. Na medida em que é subjacente, implícita, em toda ação humana, a atividade, da qual as coisas são os frutos, é da ordem do pré-consciente, ou seja, de algo que nosso interesse pode fazer vir à consciência, com a condição de prestarmos bastante atenção a ela, de a notarmos. A palavra encontra-se aí em posição recíproca,

visto que se articula, que vem aqui explicar-se com a coisa, visto que uma ação, ela mesma dominada pela linguagem, até mesmo pelo mandamento, o terá, este objeto, destacado e feito nascer (Lacan, 1997 p. 61).

Das ding é diferente de *Sache* na medida em que esse último é passível de representação e se organiza ao redor de *das Ding* enquanto representação de coisa (*Sachvorstellung*) e tendo a possibilidade de acessar a consciência através de sua vinculação com a representação de palavra (*Wortvorstellung*). “[...] a coisa só se apresenta a nós na medida em que ela acerta a palavra, como se diz acertar na mosca (Lacan, 1997 p. 72)”.

Lacan (1997) ressalta a fórmula freudiana de que o sujeito se orienta na ânsia pelos objetos, buscando reencontrar *das Ding*. Esse objeto não é dito. É um objeto perdido que nunca existiu para que fosse perdido, mas que mesmo na ausência fornece a direção ao aparelho psíquico, que se organiza e se regula nas tramas de representações de acordo com os trilhamentos e as concatenações da materialidade simbólica. “O princípio do prazer governa a busca do objeto e lhe impõe esses rodeios que conservam sua distância em relação ao seu fim (p. 76).” A quantidade que passa de representação em representação demarca a distância em torno do alvo de sua busca, o (re)encontro com *das Ding*. Esse objeto instaura uma lei invisível, sem, contudo determinar os trajetos, que são regulados pelo princípio do prazer para a saciedade das necessidades vitais (*Not des Lebens*).

Lacan(1997) relendo o texto *O inconsciente* de 1915 de Freud coloca o objeto e a palavra (*Sache* e *Wort*) como um par, enfatizando a representação de palavra (*Wortvorstellung*) e a representação de coisa (*Sachvorstellung*). Ressaltando esses conceitos, o autor enfatiza a inacessibilidade, ou melhor, a impossibilidade de representação de *das ding*. Ou seja, ao se referir à representação palavra e representação coisa, Freud estaria situando *das ding* no lugar da falta, como um estranho.

Para acentuar o caráter real de *das Ding*, Lacan (1997) lê em Freud que esse objeto faltoso está no “nível inicial de instauração” (p. 81) das representações e, portanto, fora do mundo simbólico. Apresenta-se nesse registro como um nada que engendra o simbólico. Atestando sua posição, o autor explicita a função da mãe na sua relação inconsciente com a Coisa. Ou seja, na medida em que a lei fundamental interdita é a do incesto, a relação incestuosa, caso viesse a acontecer, não satisfaria o desejo do filho, pois a mãe ocupa o lugar de Coisa, esse Outro primordial, aquilo que se deseja reencontrar, mas não se pode ter.

Assim, *Das ding* é a experiência de um outro primordial que foi isolada no aparelho psíquico e que dá notícia do encontro com o cuidador (*Nebenmensch*) na sua dimensão de real, de Outro. “O mundo freudiano, ou seja, o da nossa experiência, comporta que é esse objeto, *das Ding*, enquanto o Outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar.”(Lacan,

1997 p. 69) Essa procura resulta no encontro com a saudade, na localização das coordenadas de prazer que servirá de mapa para a busca incessante.

Além disso, o sujeito se depara com os objetos imaginários que carregam traços dessas coordenadas de prazer e que por isso ganham investimento libidinal. “A busca encontra assim, pelo caminho, uma série de satisfações vinculadas à relação com o objeto, polarizadas por ela, e que, a cada instante, modelam, temperam, embasam seus procedimentos segundo a lei própria ao princípio do prazer.” (Lacan, 1997 p. 77) Mais a frente esclarece que:

Esse problema da relação com o objeto deve ser lido freudianamente. Vocês o veem emergir numa relação narcísica, relação imaginária. Nesse nível o objeto é introduzido na medida em que ele é perpetuamente intercambiável com o amor que o sujeito tem por sua própria imagem. (Lacan, 1997 p. 124)

É nessa relação imaginarizada que o objeto está para Freud. A libido do eu e a libido objetual estariam atendendo a diferença entre Eu ideal e o ideal de Eu, uma vez que esses ideais estão postos no imaginário, registro do objeto freudiano. No entanto, esse objeto não está na direção dos anseios. Há aí uma diferença entre o objeto imaginário e *das Ding*, o mesmo problema da sublimação que Lacan ressaltou, ou seja, é preciso não se enganar que o objeto imaginário traga a satisfação, da mesma forma que o objeto da sublimação não se encontra simplesmente na valorização social.

As explicações freudianas a respeito do narcisismo e os desdobramentos nas relações objetais, que estão no registro imaginário lacaniano, serviram de chave de leitura para não identificar o objeto à *das Ding*. O objeto diz do percurso, dos elementos atrativos, do direcionamento, uma vez que é o próprio reflexo do sujeito. Já *das Ding* está na origem da organização libidinal. Por isso Lacan (1997) propõe que a sublimação não deve ser tomada como elevação social do objeto, mas a elevação do “objeto à dignidade da Coisa” (p. 141).

Na leitura do texto freudiano *A negativa* de 1925, Lacan (1997) sublinha o teste de realidade como o mecanismo que entra em cena no momento em que o objeto está perdido, por isso a noção de reencontro, de uma busca para verificar a presença. A busca objetual se dá na tentativa de reencontrar *das Ding*. Toda demanda dirigida é para esse Outro primordial que está perdido para sempre.

Esse objeto estará aí quando todas as condições forem preenchidas, no final das contas evidentemente, e claro que o que se trata de encontrar não pode ser reencontrado. É por sua natureza que o objeto é perdido como tal. Jamais ele será reencontrado. Alguma coisa está aí esperando algo melhor, ou esperando algo pior, mas esperando. (Lacan, 1997 p. 69)

Para explicitar essa ideia Lacan (1997) faz uso do vaso para acentuar o caráter de vazio de *das Ding* e o bordejamento engendrado pelo simbólico em torno dele. É pela

construção em torno do vazio que o vaso passa a existir e noticiar a existência do nada, ou seja, o contorno simbólico dado em *das Ding* demarca a existência desse furo na experiência humana e impulsiona a busca para reencontrá-lo, o que pode ser encarado como uma tentativa de tamponar, preencher o vazio.

Ora, se vocês considerarem o vaso, na perspectiva que inicialmente promovi, como um objeto feito para representar a existência do vazio no centro do real que se chama a Coisa, esse vazio, tal como ele se apresenta na representação, apresenta-se, efetivamente, como um *nihil*, como nada. E é por isso que o oleiro, assim como vocês para quem eu falo, cria o vaso em torno desse vazio com sua mão, o cria assim como o criador *mitico, ex nihilo*, a partir do furo. (Lacan, 1997 p. 153)

Esse vazio orienta a organização das representações ao seu redor segundo a lógica de trilhamento predominante no sistema ψ de memória. O significante tem o funcionamento mesmo do vaso, que é tomado para abrigar o vazio, pois não tem significado a não ser por sua qualidade de nada significar. O significado é uma criação *ex nihilo*.

2.3 Necessidade, Demanda e Desejo

Lacan (1999) constrói o grafo do desejo para expressar a relação entre sujeito, significante e desejo. Esse grafo expressa a dialética desejo – demanda e o tempo mítico da necessidade. Essa construção se dá no *seminário, livro 5: as formações do inconsciente* de 1957-1958 e no texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* de 1960. O grafo apresenta na sua articulação com inúmeros outros conceitos a fórmula da pulsão: $\$ \diamond D$ (sujeito barrado punção de demanda). Para compreender a pulsão propriamente dita é necessário seguir o percurso que vai da necessidade ao desejo e situá-la nessa estrutura. Quanto a esse caminho Lacan (1998b) esclarece:

O desejo se esboça na margem em que a demanda se rasga da necessidade: essa margem é a que a demanda, cujo apelo não pode ser incondicional senão em relação ao Outro, abre sob a forma da possível falha que a necessidade pode aí introduzir, por não haver satisfação universal. (p. 828)

A necessidade é abordada por Lacan (1999) na diferença radical com o desejo e a demanda, afastando uma leitura de cunho biológico que a teoria freudiana poderia ter possibilitado. Lacan (2008) lembra a diferença posta por Freud a respeito dos estímulos oriundos do exterior e do interior e apresenta a consequência para a teoria das pulsões afirmando que a pulsão não se refere a uma necessidade como a fome ou a sede. A necessidade seria algo da ordem das pulsões de autoconservação em Freud, mas que para Lacan não são as verdadeiras pulsões.

Ficcionalmente é possível pensar que o *infans* em sua primeira experiência necessita de algo para que satisfaça e cesse o desconforto da fome. O alimento oferecido possibilita a redução da tensão sentida. Os impulsos da criança não se dirigiam ao objeto alimento, mas encontraram nele a possibilidade de se livrar das excitações corporais. Assim, ocorre o armazenamento simbólico dessa experiência no aparelho de memória. Quando a tensão se elevar novamente o que será buscado são as coordenadas de satisfação nos traços mnêmicos trilhados e não propriamente o alimento enquanto objeto. Essas coordenadas, como já apresentadas, são dadas pelo objeto perdido, *das Ding*. Por isso, a entrada no simbólico não permite mais conceber a necessidade no humano.

A necessidade apresenta um objeto definido para o qual se dirige (fome-alimento, sede-água etc.), além de um ritmo demarcado, o que difere radicalmente do objeto a^6 , enquanto objeto pulsional, e da pressão constante (*Konstant Kraft*) da pulsão. A satisfação nesses dois registros, da necessidade e pulsional, também são diferentes como salienta Lacan (2008): “Pois se se distingue, no começo da dialética da pulsão, o *Not* e o *Bedurfnis*, a necessidade e a exigência pulsional – é justamente porque nenhum objeto de nenhum *Not*, necessidade, pode satisfazer a pulsão.” (2008 p. 165)

A demanda e o próprio desejo são consequências da inserção da dimensão simbólica no humano. É preciso compreender no passo a passo o grafo do desejo, nos seus três tempos, para que essa articulação se torne compreensível.

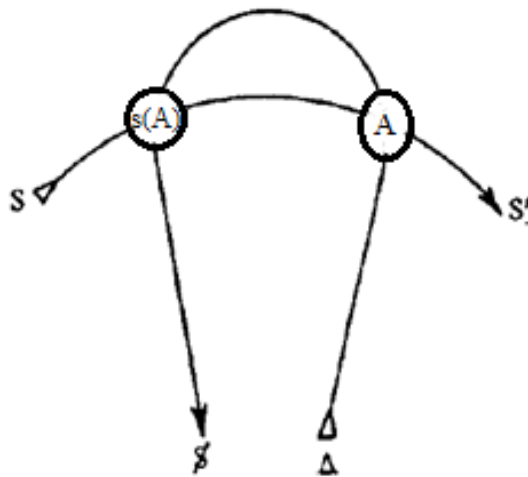


Figura 1- Grafo 1

⁶ Este conceito foi desenvolvido no *seminário, livro 10: angustia de 1962-1963* para designar o objeto causa de desejo, o próprio objeto da pulsão.

O grafo 1 expressa a relação do sujeito com o significante, que ocorre ao mesmo tempo em dois planos, no da intenção e no do significante. O vetor $S - S'$ representa o deslizamento significante. Esse primeiro vetor apresenta diacronicamente a produção de sentido no uso da linguagem, no corte efetuado pelo vetor $\Delta - \$$, que por sua vez expressa o discurso em sua intencionalidade. Esse corte, o ponto de basta, seria a operação no discurso em que o significante cola no significado, seria a própria busca de produção de sentido, onde o sentido da frase se completa. Nele há a antecipação e a retroação que são efeitos de corte, ou seja, é depois de articulados os significantes que o ponto de basta pode deslizar retrogradamente para a significação. Os pontos em que os vetores se cruzam são representados por A, o Outro, tesouro dos significantes e $s(A)$, significado do Outro (Lacan, 1998b).

O plano da intenção, impulsionado pela necessidade (Δ), põe em jogo a busca por significação, mas nesse percurso encontra o lugar do código (A), o Outro, que determina como a necessidade se apresenta no humano, no outro plano, o da cadeia significante. No primeiro tempo o sujeito apresenta sua necessidade (Δ) e ativa a cadeia significante para esse fim (I). No entanto, a necessidade não ultrapassa o ponto A, em que a frase se fecha e encontra a resposta do Outro. Nesse ponto ela é codificada pelo Outro, que no nível da cadeia significante expressa a demanda, e não mais a necessidade, dirigida a esse Outro primordial na busca pela satisfação. Esse é o segundo tempo, em que na fala está contida a demanda ao Outro, do objeto que o Outro deseja. Nesse movimento, a cadeia significante e a intenção ultrapassam A e $s(A)$, demarcando que a demanda está na base para a estruturação no nível significante do desejo. Com isso a mensagem é engendrada, ou seja, é dirigido algo em direção ao Outro que retoma a demanda na mensagem. A significação que daí advém não é mais da ordem da necessidade, uma vez que “[...] desde o começo, o que entra na criação do significado não é uma pura e simples tradução da necessidade, mas uma retomada, reassunção, remodelagem da necessidade, criação de um desejo outro que não a necessidade. É a necessidade mais o significante.” (Lacan, 1999 p. 95)

No grafo é notável que as linhas do discurso e da intenção não coincidem, ou seja, nessa operação o sujeito diz mais e diz menos do que intenta dizer. Além disso, o sujeito se encontra submisso ao significante, que por sua própria estrutura exige o lugar do Outro, onde o sujeito da fala sempre estará submetido. No Outro (A), diacronicamente, a frase se fecha e completa o sentido por meio do efeito retroativo. É somente com a conclusão da frase que se tem um mínimo de sentido. Vale salientar que na criação da mensagem há uma satisfação, o

prazer do exercício do significante, que, segundo Lacan (1999), “no caso ideal de sucesso, o Outro surge no próprio prolongamento do exercício do significante. O que prolonga o efeito do significante como tal é a sua resolução num prazer próprio, autêntico, o prazer do uso do significante.”(p. 96)

O Outro é um construto teórico fundamental para se conceber o sujeito em Lacan. Antes mesmo de seu advento, já existe no mundo uma realidade, realidade essa dos significantes que determinam, estruturam e modelam as relações humanas. Essa realidade é o Outro da linguagem. O sujeito só existe na referência a esse Outro, pois esse está no sujeito porque há fala e, ao falar, a mensagem já pertence ao Outro e é dele que retorna a mensagem emitida. A voz, diz Lacan (1999), é o intermediário do sujeito com a realidade, é através dela que passa a existir no mundo o significante. “Existe linguagem, há fala no mundo e, por causa disso, há toda uma série de coisas objetos, que são significados, e que de modo algum seriam se não existisse significante no mundo.”(p. 230) A primeira relação estabelecida pelo bebê já entra para o mundo simbólico, antes mesmo da fala, audição etc. da criança estarem desenvolvidos. O Outro é o lugar da linguagem que constitui o simbólico, ao mesmo tempo em que é o campo em que o sujeito se constitui, onde seu desejo é engendrado, mesmo a sua revelia. (Lacan, 1999)

Para acessar a necessidade, que é posta por Lacan(1999) como momento mítico, é preciso ir para além do sujeito, pois a entrada do significante já perverte todo o sistema de demanda, fazendo com que a satisfação não seja mais da ordem da necessidade, mas sim da demanda autenticada pelo Outro, pois, como já exposto, é esse Outro primordial que apresenta as coordenadas do prazer. (Lacan, 1999)

A estrutura significante impõe seu funcionamento simbólico à necessidade, que é despedaçada, moldada e transformada em outra coisa, de acordo com os mecanismos da metáfora e da metonímia.

Aqui encontramos uma coisa que se pode chamar de necessidade, mas que desde logo chamo de desejo, porque não existe estado originário nem estado de necessidade pura. Desde a origem, a necessidade tem sua motivação no plano do desejo, isto é, de alguma coisa que se destina, no homem, a ter uma certa relação com o significante. (Lacan, 1999 p. 227)

Diante disso, fica evidente que a teoria lacaniana afastou a necessidade do humano, enfatizando os efeitos do simbólico nesse processo. Vale retomar o grafo 1 e verificar que ele apresenta uma simetria no entroncamento dos dois vetores: de S é dirigido algo que alcança A no ponto de basta e retorna sobre si mesma, obtendo um sentido. Quando a necessidade burla a demanda expressa pela simetria e tenta alcançar o objeto diretamente, ela encontra a recusa

do Outro. Esse movimento fica claro no exemplo da relação sádico-masoquista. Quando esse último pede para o primeiro que o machuque e como resposta obtém o não.

Não é por maldade que o sádico responde *não*. Ele responde em função de sua condição sádica. E, a partir do momento em que se fala, ele é obrigado a responder no nível da fala. Portanto, é na medida em que somos transpostos para o nível da fala que aquilo que deveria, sob a condição de que nada fosse dito, levar ao mais profundo entendimento conduz ao que chamei há pouco de dialética da recusa, necessária para sustentar em sua essência de demanda o que se manifesta por intermédio da fala. (Lacan, 1999 p. 72)

No nível da fala, o sujeito necessariamente remete ao Outro e apresenta sua demanda sempre disfarçada, não podendo se apresentar de forma explícita. O sujeito pede algo que necessita visando a uma outra necessidade tomada pela demanda. Pela própria lógica da demanda o Outro se opõe a ela, até mesmo para que ela se sustente como tal. No atendimento à demanda se tem o que não se quer ou se recebe o que se cobiçou com ingratidão. Esse mecanismo demonstra o movimento da demanda de sempre se renovar.

Dessa forma, pode-se definir demanda como “[...] aquilo que, a partir de uma necessidade, passa por meio do significante dirigido ao Outro” (p. 91). Ao adentrar no campo da linguagem, a necessidade se reconfigura, fazendo uso do infinito da lógica significante. Por isso a demanda assume um caráter exorbitante. Ela noticia a dimensão pedinte do humano, que escancara a sua entrega. “Assim, a demanda se coloca no plano de uma comunhão de registro e de linguagem e efetua uma entrega de todo a si mesmo, de todas as suas necessidades, a um Outro de quem o próprio material significante da demanda é tomado de empréstimo, para adquirir uma outra ênfase.”(Lacan, 1999 p. 98)

Na formulação da demanda sempre se leva em conta o que é do Outro, ou seja, a demanda é forjada no nível significante que está no Outro, e por ele foi estabelecido. Para a melhor compreensão dessa assertiva é necessário recorrer às duas operações de causação do sujeito: a alienação e a separação.

A alienação se dá a nível significante, ou seja, ao emitir o grito de dor/desconforto a criança teria emitido uma mensagem que no Outro ganha um significado percorrendo assim a cadeia significante. Ao discorrer sobre a alienação Lacan (2008) recorre ao *vel* para expor a possibilidade de escolha em que o sujeito é posto, mas que tem como consequência “nem um, nem outro”. Para esclarecer esse fato o autor apresenta o exemplo sartreano da bolsa ou da vida. Nessa situação o sujeito teria que escolher entre um ou outro. Mas, se escolher a bolsa fica sem a vida e se escolher a vida fica sem a bolsa. Não há possibilidade de não perder e a escolha é que quando se guarda uma das partes a outra se perde.

A metáfora da bolsa e da vida expressa a escolha forçada primordial do sujeito, que implica em um viver decepado, em que na operação de reunião dos elementos para se forjar o sujeito algo se perdeu. Essa reunião, característica do *vel* da alienação, refere-se à utilização da teoria dos conjuntos por Lacan para a explanação do fenômeno. Nela há a união dos conjuntos “bolsa” e “vida” no que diz respeito aos elementos comuns, ou seja, a interseção representa os elementos que estão nos dois conjuntos e que são apresentados apenas uma vez, fazendo com que haja uma perda de referência da origem desses elementos. Como os elementos repetidos aparecem apenas uma vez como representação não é possível determinar sua ascendência. Esse impasse pode ser expresso hegelianamente através da vida e da liberdade. Escolhendo a liberdade se perdem as duas. Escolhendo a vida se perde a liberdade, tem uma vida decepada de liberdade.

Na alienação está em jogo o campo do Outro e o Ser. Para adentrar o mundo da linguagem, sendo essa sua escolha, pela vida, o sujeito terá que perder, se submeter à ordem significante posta pelo Outro, uma vez que escolhendo o seu Ser, não haverá possibilidade de viver. A escolha pela significação do Outro pode ser localizada no grafo do desejo onde a necessidade (Δ) é codificada pela inserção do Outro (A), sendo expressa já em forma de demanda pela cadeia significante.

Sua demanda, assim, começará a se formular a partir do Outro. Ela se reflete primeiramente naquilo que há muito tempo passou para o estado ativo em seu discurso, ou seja, o [Eu]. Este profere a demanda para refleti-la no Outro e, através do circuito A-M, ela se consuma como mensagem. Este é o apelo, a intenção, este é o circuito secundário da necessidade. (Lacan, 1999 p. 99)

Para que o estado ativo do discurso seja alcançado é necessário que uma operação simbólica aconteça. A criança é apresentada ao universo significante pelos sujeitos falantes que estão a sua volta, e é por efeito de um significante eleito, significante esse que expressa a potência simbólica (traço unário), que o sujeito se constitui nesse campo do Outro. Por isso Lacan (2008) afirma que “[...] o sujeito provém de seu assujeitamento sincrônico a esse campo do Outro” (p.178).

O significante unário presente no campo de interseção dos conjuntos é o que nomeia o sujeito, que está de certa forma cristalizado e só vai ganhar significação no deslizamento de sentido pelo movimento de anterioridade. “Se o sujeito é o que lhes ensino, a saber, o sujeito determinado pela linguagem e pela fala, isto quer dizer que o sujeito, *in initio*, começa no lugar do Outro, no que é lá que surge o primeiro significante.” (Lacan, 2008 p. 193) Dessa forma, o S_1 que pertence ao sujeito e ao Outro ganha significação no deslizamento com os outros significantes que demarcam a impossibilidade de um único significante representar o

sujeito, por isso ele é sempre apresentado a outros significantes. Nesse entre significantes tem-se o desejo, pois:

É no intervalo entre esses dois significantes que vige o desejo oferecido ao balizamento do sujeito na experiência do discurso do Outro, do primeiro Outro com o qual ele tem que lidar, ponhamos, para ilustrá-lo, a mãe, no caso. É no que seu desejo está para além ou para aquém no que ela diz, do que ela intima, do que ela faz surgir como sentido, é no que seu desejo é desconhecido, é nesse ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito. (Lacan, 2008 p. 213)

Antes de adentrar o campo do desejo faz-se necessário elucidar a segunda operação de causa de sujeito. A separação finda o movimento circular do sujeito ao Outro. A separação refere-se propriamente ao ponto de interseção que remonta ao recobrimento das duas faltas. Quanto a isso Lacan (2008) elucidada que a primeira dessas faltas diz respeito à dependência do sujeito ao significante que está no campo do Outro. Isto é, o sujeito precisa escolher o Outro e isso implica a perda de seu Ser. A segunda, que atualiza a primeira, é a falta real que é “[...] o que o ser vivo perde, de sua parte de vivo, ao se reproduzir pela via sexuada.” (p. 201)

Nessa falta encontrada pelo sujeito no Outro, o que é próprio da separação, há um jogo com a perda em que o sujeito a toma como objeto, ou seja, se coloca na sua falta como objeto diante do Outro. Esse movimento refere-se ao terceiro tempo da pulsão em que há um retorno ao outro para se fazer objeto dele, uma vez que a falta é própria do sujeito. Assim, o sujeito se coloca como objeto do desejo do Outro. (Lacan, 2008)

O efeito de linguagem está o tempo todo misturado com o fato, que é o fundo da experiência analítica, de que o sujeito só é sujeito por ser assujeitamento ao campo do Outro, o sujeito provém de seu assujeitamento sincrônico a esse campo do Outro. E por isso que ele precisa sair disso, tirar-se disso, e no tirar-se disso, no fim, ele saberá que o Outro real tem, tanto quanto ele, que se tirar disso, que se safar disso. (Lacan, 2008 p. 184)

Reconhecer o desejo no Outro é reconhecer a falta no Outro, e essa constatação possibilita a criação do desejo no processo de separação, implicando em ir além do Outro. O homem modela o significante e o coloca no mundo à imagem da Coisa que, é inapreensível no mundo do significante. Assim, o desejo carrega algo para além do significante, em um processo de excesso de prazer que só pode ser encontrado transcendendo o simbólico.

Vale recorrer a outro tempo do grafo do desejo para localizar esse processo.

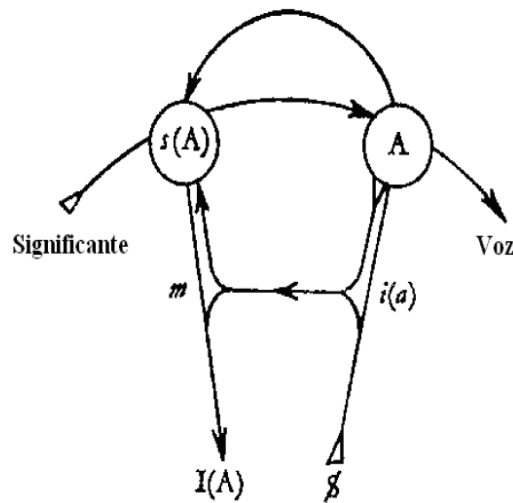


Figura 2 - Grafo 2

No grafo 2 é possível perceber que desde o primeiro tempo o ideal do Eu $I(A)$ substituiu o sujeito barrado $\$$, que por sua vez foi realocado no início do vetor do discurso da intencionalidade. Essa alteração se justifica pelos efeitos do complexo de Édipo, que resultam no encontro do sujeito, na realidade, com uma imagem virtual, que em certa medida está cristalizada (Lacan, 1999). Essa dimensão da lei instaura uma identificação do sujeito ao significante. Diante disso, “é essa imagem que se fixa, eu ideal, desde o ponto em que o sujeito se detém como ideal do eu” (Lacan, 1998b p. 823).

Nesse tempo do grafo encontra-se representado o processo de constituição da imagem espelhada do outro $i(a)$ e do eu (*moi*) no circuito imaginário $i(a) - m$. A criança se identifica com uma imagem refletida do outro imaginário $i(a)$, que promove a constituição do eu (*moi*). O eu (*moi*), representado no grafo pelo m , mascara sua duplicidade originária do Outro e do outro, tornando a imagem seu ponto de apoio, sua própria antecipação. A imagem do outro $i(a)$, assumida como imagem de si, cristaliza-se, e nesse processo expande e constitui o eu (*moi*). Ao mesmo tempo, a identificação simbólica $I(A)$ também participa dessa formação do eu (*moi*). Daí se tem a duplicidade do eu (*moi*) advindo de A e a , sendo escamoteada nesse processo.

O circuito do grafo de $m - I(A)$ demonstra a operação da alienação, em que o traço unário tomado pelo sujeito oferece uma saída pela via do ideal, de um significante do Outro estacionado. A outra saída, $s(A)$, é oposta a essa primeira, é o lugar de infinito deslizamento da significação. Esse processo de subjetivação leva ao terceiro tempo do grafo, em que a pulsão se apresenta na articulação com os demais elementos componentes do grafo do desejo.

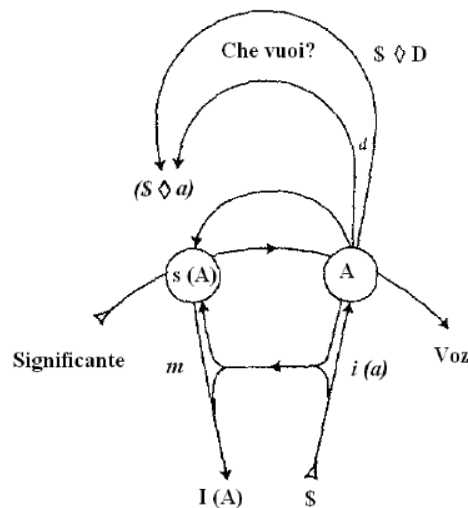


Figura 3 - Grafo 3

No grafo 3 percebe-se que na cadeia significante algo parte em direção a A e chega em s(A), o significado dado pelo Outro. Esse movimento é chamado de apelo ao Outro. Só assim há mensagem, nesse movimento de três tempos, que carrega a marca da alienação, uma vez que a mensagem parte do Outro, atravessa o circuito e vem expressar o desejo do Outro. No entanto, a mensagem já é desde sempre falha, porque parte do Outro e expressa o seu desejo. O desejo sempre terá resquícios deixados pela demanda do Outro.

Assim, o assujeitamento expresso pelo desejo, no patamar superior do grafo 3, do Outro, lugar de verdade, produz uma pergunta para o sujeito, *Che Vuoi?* (que quer você?) “Eis por que a pergunta do Outro, que retorna para o sujeito do lugar de onde ele espera um oráculo” (Lacan, 1998b p. 829). O Outro concebido como espaço da verdade convoca o desejo do sujeito. A resposta é dada no movimento em que o sujeito se coloca como um objeto para o Outro, objeto esse de desejo no remanejamento da questão: “Que quer ele de mim?” Essa indagação é resolvida pela constituição das estruturas imaginárias.

A resposta à pergunta *Che Vuoi?* (que quer você?) refere-se à separação e coloca o sujeito em uma posição expressa pelo circuito pulsional. “Que quer ele de mim?” expressa o movimento do sujeito tomando a si mesmo como objeto de desejo do Outro, no terceiro tempo pulsional.

O desejo, para Lacan (1998b), nada mais é do que o desejo do Outro, ou seja, “[...] o sujeito provém de seu assujeitamento sincrônico a esse campo do Outro” (Lacan, 2008 p. 178). O desejo, assim como o sujeito, é efeito do significante, da operação alienação/separação. É necessário o descolamento do Outro para que se possa construir o desejo, ainda que ele se constitua como desejo do desejo do Outro. “Toda uma parte do desejo continua a circular sob a forma de dejetos do significante no inconsciente.” (Lacan, 1999 p. 101) É isso que permite

afirmar que o inconsciente é discurso do Outro. É pela via significante, estabelecido no Outro, que o desejo vai ser subvertido e transformado em algo ambíguo, que é próprio da estrutura de linguagem. Assim,

[...] o desejo é definido por uma defasagem essencial em relação a tudo o que é, pura e simplesmente, da ordem da direção imaginária da necessidade – necessidade que a demanda introduz numa ordem outra, a ordem simbólica, com tudo o que *ela* pode introduzir aqui de perturbações (Lacan, 1999 p. 96).

A fórmula $\$ \diamond D$, (sujeito barrado punção de demanda) localizada no grafo 3, apresenta a pulsão articulada à demanda, pois ela tem sua origem nessa última quando o sujeito desaparece. Dessa fórmula é possível extrair a constatação de que não existe pulsão sem demanda, portanto, a pulsão é efeito de significante, uma vez que a demanda é a necessidade codificada pela articulação significante. Como pode ser visto no grafo, a demanda é um apelo que se dá no registro do imaginário, que busca um ideal nesse registro. O movimento pulsional toma o resto da demanda desprovida de sujeito em direção ao Outro na sua dimensão de real, no contorno de seu objeto propriamente, no seu trajeto de satisfação.

Faz-se necessário esclarecer que o símbolo \diamond refere-se à relação que a demanda apresenta, ou seja,

ele simplesmente implica – esse e todo o seu sentido – que tudo de que se trata aqui é comandado por essa relação quadrática que sempre colocamos na base de nossa articulação do problema, e que diz que não há $\$$ concebível – nem articulável, nem possível – que não se sustente na relação ternária $A a' a$. Isso é tudo o que o losango pretende dizer. (Lacan, 1999 p. 327).

Então, a punção se remete ao esquema L, que apresenta a relação entre o Outro, o sujeito, o objeto e o eu, conforme a figura 4 demonstra.

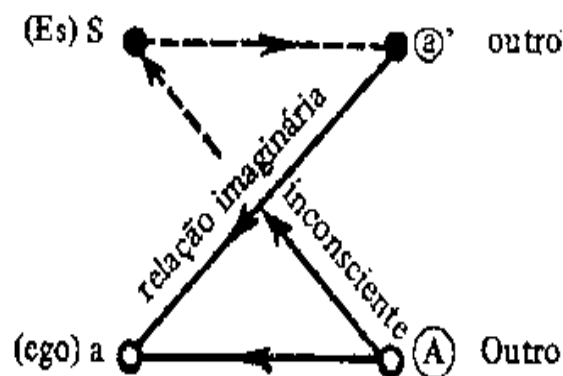


Figura 4 - Esquema L

Desse esquema depreende-se que o sujeito (Es)S não pode se assumir que não seja pela via do (Eu) a, em dependência à relação imaginária. Essa característica coloca o

imaginário intermediando a relação que o sujeito tem consigo mesmo (Eu) e com o outro a'. O Outro (A) está no esquema como lugar da linguagem em que o sujeito e suas imagens se constituíram. No *seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais* Lacan (2008) define o algoritmo losango (\diamond) como um processo de borda, um curso circular em que uma das etapas se configura como o *vel* da alienação.

Em todas essas passagens a punção (\diamond) está posta em articulação com o Outro e é nessa direção que a pulsão deve ser tomada, ou seja, pulsão é gramática, é uma construção de linguagem. Ela advém da demanda e por isso é posta por Lacan (1998b) como o tesouro dos significantes na diacronia.

No grafo 3 também está presente a fórmula $\$ \diamond a$ (sujeito barrado punção de outro), que expressa que o desejo é regulado pela fantasia. A fantasia dá o suporte para o desejo e se apresenta enquanto uma resposta ao desejo e à falta que a pergunta “que quer você?” aponta. Ou seja, a fantasia é a posição assumida pelo sujeito diante do desejo em resposta à demanda de amor. A localização da fantasia demonstra que ela influencia o significado do Outro $s(A)$. Sua função é mascarar a falta no Outro (\bar{A}), além de sua presença ali confirmar a inexistência da realidade, apontando a problemática do princípio de prazer, isto é, o sentido dado pelo Outro atravessado pela fantasia.

Essa fórmula fecha o grafo e proporciona uma significação do desejo do Outro, convocando o sujeito a assumir uma posição. Assim, torna-se necessário recorrer ao grafo completo e a seu último vetor.

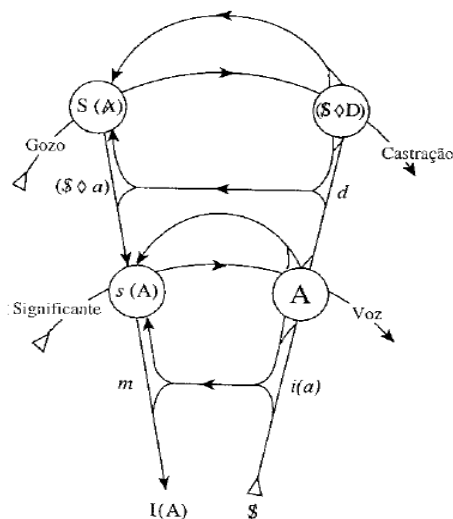


Figura 5 - Grafo completo

No último patamar está localizado o vetor gozo – castração. Nele é apontada a dimensão de falta, de uma impossibilidade de capturar efetivamente o que foi tomado da

ordem simbólica para o imaginário suficiente. O sujeito falante fala muito mais do que acredita ouvir. Essa mensagem dada em resposta a sua demanda é desconhecida, mas no sentido obtido da cadeia significante o desejo pode ser identificado. Nesse processo, a interpretação do desejo apresenta a falta no Outro. Isso ocorre devido à instauração da lei que barra o excesso, exatamente no ponto $S(\bar{A})$, que representa o significante de uma falta no Outro, demarcando assim sua articulação com a castração.

O $S(\bar{A})$ marca a falta no Outro, a falta de um significante que designe o sujeito, assim a necessidade codificada enquanto demanda vai se dirigir para o Outro numa relação significante, em que o que se aponta no final do circuito é a ausência de objeto. É o signo que manifesta a exigência da necessidade, mas ele não pode satisfazê-la, pois desde sempre há um excesso que ultrapassa a satisfação da necessidade. Lacan retoma o sonho da Anna Freud⁷ para demonstrar que na alucinação os desejos da criança são da ordem de um banquete, e não da fome natural. Na dimensão significante, o encadeamento apresenta o que é da ordem do proibido e a própria ausência. Anna deseja pudim porque esse é o objeto de seu desejo, que foi constituído na estrutura simbólica e imaginária, enlaçada pela fantasia, que põe o circuito a funcionar.

2.3.1 A satisfação

O que está em jogo na ação específica não pode ser totalmente alcançado. Essa assertiva leva Lacan (1997) a afirmar que o aparelho psíquico freudiano não comportaria a satisfação.

Para, hoje, concluir nesse ponto, dirigirei o pensamento de vocês para a analogia que existe entre de um lado, a busca de uma qualidade arcaica, diria quase regressiva, de prazer indefinível, que anima toda a tendência, inconsciente, e, do outro lado, o que pode haver nisso de realizável e de satisfatório no sentido mais completo, no sentido moral como tal. (p. 57)

Tomar o aparelho tal como demonstra Freud implica em repensar também a noção de meta da pulsão. Lacan (2008) acentua que a satisfação é da ordem do impossível na medida em que os objetos pulsionais não conferem satisfação. Há algo na origem da dialética

⁷ Este sonho refere-se ao descrito por Freud (1900/2006) no livro *A interpretação dos sonhos* e refere-se ao sonho de Ana Freud:

Minha filha mais nova, então com dezenove meses de idade, tivera um ataque de vômitos certa manhã e, como conseqüência, ficara sem alimento o dia inteiro. Na madrugada seguinte a esse dia de fome, nós a ouvimos exclamar excitadamente enquanto dormia: “Anna Freud, molangos, molangos silvestres, omelete pudim!”. Freud (1900/2006, p.164)

pulsional que diferencia a necessidade da pulsão e por isso os objetos dessa primeira não conferem satisfação a essa última. No nível das fontes as pulsões não podem ser satisfeitas. As exigências libidinais arcaicas são o pontapé para o primado genital, mas ao mesmo tempo é um núcleo que não se resolve em uma representação. Ou seja, conceber o encontro genital como objeto e meta do sujeito acarreta em desconsiderar o furo e as tramas de representações constituídas ao seu redor. O que é arcaico continua atuando, é algo irreduzível.

Lacan (2008) questiona a ideia simplista de que a pulsão poderia ser satisfeita alcançando seu alvo. Relendo Freud atentamente, estabelece que essa tese não se confirma no caso da sublimação. Esse destino pulsional é uma satisfação da pulsão mesmo sendo inibida quanto ao seu alvo, ou seja, há satisfação mesmo quando não se alcança o alvo. Assim, a pulsão coloca de forma categórica em questão a satisfação.

Para pensar a problemática da satisfação Lacan (1997) recorre ao que Freud apresentou em suas considerações a respeito da sublimação. A sublimação seria uma espécie de modificação da libido ou do objeto que ganha um valor social coletivo para a promoção de uma satisfação direta. Nesse sentido, o coletivo obteria prazer em uma satisfação individual. Essa conciliação deve ser tomada com cautela, pois uma satisfação de ordem direta saturaria a própria pulsão. Para problematizar o que é satisfação na sublimação, Lacan (1997) usa como exemplo um ornamento feito com caixas de fósforo vazias, afirmando que um objeto pode ocupar o lugar de Coisa (*das Ding*). Nesse caso, a satisfação provinha de uma organização ornamental que dava a impressão de um infinito, que transcendia sua utilidade. “O caráter completamente gratuito, proliferante e supérfluo, quase absurdo, dessa coleção visava, com efeito, sua coisidade de caixa de fósforos. O colecionador encontrava assim sua razão nesse modo de apreensão que incidia menos na caixa de fósforos do que nessa Coisa que subsiste na caixa de fósforos.” (p.144)

Não se trata da utilidade dada as caixas de fósforo vazias, mas da dignidade que o amontoado ganhou. Dignidade essa de *das Ding*. Então é nessa dimensão que a satisfação, a meta pulsional deve ser tomada. Para a obtenção do prazer, diz Lacan (1997), o sujeito contorna *das Ding*. Nas elaborações futuras Lacan (2008) vai postular que o contorno é realizado em torno do objeto *a*, mas cabe ressaltar que nessas proposições o que está em jogo é a impossibilidade da satisfação.

A satisfação pulsional é paradoxal na medida em que o impossível é almejado. “O caminho do sujeito passa entre duas muralhas do impossível”. (Lacan, 2008 p. 165) O objeto que proporcionaria satisfação é do registro do real, obstáculo ao princípio do prazer. Esse caminho é próprio do circuito pulsional que contorna o objeto perdido. A satisfação está em

das Ding, portanto, é impossível. No entanto, esse prazer também é evitado na medida em que a dialética posta em sua origem o posiciona como proibido ou intenso demais, o deslocando para a dimensão do gozo. O gozo se apresenta como a satisfação não de uma necessidade, mas da própria pulsão. (Lacan, 1997)

Esse objeto, *das Ding* não é um objeto simples da satisfação, mas o da insatisfação que sustenta a aversão na histeria e o prazer extremo na neurose obsessiva. O princípio de prazer funciona orientado pela relação estabelecida com *das Ding*, e portanto, com a escolha da neurose (*Neurosenwahl*). O sujeito mantém uma distância desse objeto perdido e das relações que possui com ele. Os afetos primários, ou seja, a posição que o sujeito assume diante de *das Ding* é para manter a distância ao mesmo tempo em que almeja alcançá-la. Assim, as pulsões se “[...] satisfazem pelas vias do desprazer.” (Lacan, 2008 p. 164)

A satisfação pulsional, com toda a problemática que ela carrega ocorre no trajeto estabelecido por Lacan como um circuito de três tempos ao redor de um objeto. Lacan (2008) ressalta da teoria freudiana que o objeto da pulsão não tem nenhuma importância, que é indiferente. Diante disso, radicaliza essa premissa e afirma que o objeto da pulsão é o objeto *a*, objeto causa de desejo. Além disso, esse objeto não é acessado, mas contornado.

A fonte pulsional, denominada também de zona erógena é definida por Lacan (2008) como borda. Na compreensão lacaniana a borda é o furo aberto por onde os objetos incidem e o traçado pulsional passa. A borda, fonte da pulsão, é também o seu ponto de partida e de chegada, é um orifício no corpo que está em constante troca com o meio externo, com o Outro e por isso apresenta-se como furo, hiância.

Essas zonas erógenas, que se pode bem considerar, até a mais ampla explicação do pensamento de Freud, como genéricas e que se limitam a pontos eleitos, a pontos de hiância, a um numero limitado de bocas na superfície do corpo, são os pontos de onde Eros terá de extrair sua fonte. (Lacan, 1997 p. 118)

Como é dessa borda que parte e chega o circuito pulsional, a satisfação tem uma relação de dependência com ela. É por essa fenda que a pulsão passa. O circuito pulsional parte da fonte (*Drang*) circunda o objeto *a* e retorna novamente à zona erógena. Essa fonte estabelecida por Freud é problematizada em sua dimensão de origem pulsional. Nesse movimento Lacan busca na língua inglesa as significações para demonstrar a problemática da satisfação. *Aim* e *goal* foram utilizados na releitura do alvo e da meta pulsional proposta por Freud. Nessa apreensão Lacan alerta que esses dois elementos não podem ser tomados como idênticos. O *aim* pode ser traduzido por trajeto, o percurso que se deve percorrer para alcançar o objetivo, que no caso da pulsão refere-se à satisfação. Já o *goal* diz de atingir a meta, atingir o alvo diretamente, é o próprio objetivo. Se a pulsão se satisfaz atingindo o alvo o movimento

pulsional seria melhor expresso por *aim*, pois a pulsão se satisfaz no contorno do objeto apesar de se enganar na direção de um objetivo.

Cabe salientar que o objeto *a* pode assumir várias formas, como o alimento para a pulsão oral, mas a sua dimensão é de vazio. Ou seja, a criança não vai se satisfazer com o alimento, uma vez que ele está no lugar do objeto faltante e que apenas se apresenta enquanto função para o contorno do objeto perdido. Esse contorno, e não o acesso direto ao objeto que marca a distância entre *Das Ding* e *die sache*, ou seja, o objeto impossível do possível, além de promover o seu retorno à fonte. (Lacan, 2008)

2.3.2 O amor e a pulsão

Seguindo os rastros freudianos, Lacan (2008) aborda a diferença entre a pulsão e o amor, acentuando sua especificidade. A estrutura do amor pode ser dividida em três níveis, o nível do real, o nível do econômico e o nível do biológico. No primeiro nível está o que é de interesse e o que é indiferente. No nível econômico encontra-se o prazer-desprazer. Por fim, no nível biológico está a passividade e atividade no sentido gramatical expresso da seguinte forma: ser amado e amar.

Lacan (2008) demarca uma diferença importante apresentada por Freud e que diz respeito às pulsões e o amor. “Freud, de um lado põe as pulsões parciais, e do outro, o amor. Ele diz – não é a mesma coisa.” (p. 185) O autor aponta ainda que há uma incoerência em Freud quando ele afirma que a ambivalência poderia ser tomada como o destino pulsional da reversão. No entanto, depois acaba estabelecendo a ambivalência e a reversão como elementos diferentes, pertencentes ao registro do amor e da pulsão respectivamente.

Para demonstrar os tempos do circuito pulsional, Lacan (2008) recorre aos pares de opostos sadismo/masoquismo. O autor explicita que a atividade e a passividade referem-se à reversão significativa e que esse movimento revela a escolha freudiana em usar dos recursos linguísticos (ativo, passivo e reflexivo) para expressar a estrutura pulsional de vaivém. O uso dos pares de opostos sadismo/masoquismo e exibicionismo/voyerismo não implica em nada mais do que inverter o sujeito e o objeto gramatical. A polaridade freudiana no uso do verbo (ver e ser visto / atormentar e ser atormentado) expressa o caráter pulsional de seu vaivém, da reversão fundamental e da circularidade.

Esse circuito pulsional se faz em três tempos e por mais que em Freud a pulsão esteja em pares, sadismo-masoquismo, voyerismo-exibicionismo ela contém esse terceiro que não se

mostra, mas que fecha o ciclo e faz aparecer o sujeito. Esses tempos pulsionais assemelham-se à alienação e a separação, movimento causa de sujeito.

Lacan (2008) afirma que no final do circuito pulsional o que se atinge é a dimensão do Outro. Como já expresso pelo grafo do desejo, a pergunta “que quer você?” e a formulação da resposta expressa pela indagação “Que quer ele de mim?” ocorrem no campo do Outro. Na pulsão escópica, por exemplo, o sujeito não está na ação de ver, mas enquanto estrutura que se mostra ao final do circuito, no se fazer ver. “Eu lhes disse, o sujeito não está lá enquanto tratando-se de ver, no nível da pulsão de ver. Ele está lá enquanto que perverso, ele só se situa no atingimento do fecho.” (p. 179) Esse movimento expressa o retorno ao sujeito daquilo que foi infligido ao outro. Na pulsão escópica o objeto não é o olho, mas o olhar. O que se procura ver é o objeto enquanto ausência, o objeto proibido. No retorno da pulsão, no exibicionismo o que está em jogo é o outro. O exhibir implica um outro para olhar e o prazer é daí extraído.

Ao abordar a pulsão, Lacan (2008) demonstra como essa opera sem sujeito. O objeto não tem qualidade, se dá no nível de uma subjetivação sem sujeito na dimensão da estrutura que demarca a topologia do circuito. No trajeto ao redor do objeto *a* o sujeito é excluído. Diferente do desejo, a pulsão não tem senhor em seu percurso, ocorre no desvanecimento do sujeito, mas ao final tem-se a produção de um sujeito que se dá a objeto.

A atividade é localizada por Lacan (2008) no “se fazer” da gramática pulsional: “se fazer ver” da pulsão escópica, “se fazer ouvir” da pulsão invocante, “se fazer chupar” da pulsão oral e “se fazer cagar” da pulsão anal. O amar no campo narcísico deve ter sua reciprocidade no ser amado. Ele diz da busca pela outra metade. Enquanto a pulsão, pelos seus próprios impulsos, corresponde à atividade para o sujeito. Mesmo no tempo passivo do circuito pulsional há um trabalho árduo.

A fabula de Aristófanes, retirada dos diálogos de Platão no *Banquete* e denominada por Lacan (2008) de mito da lâmina, aponta uma tendência nos sujeitos de buscarem suas metades para formar um completo perfeito. Esse movimento refere-se à parte perdida dos sujeitos por serem seres sexuados e não mais imortais. No entanto, essa busca se dá no nível da demanda de amor e não da pulsão. E por essa característica que “[...] a pulsão parcial, é fundamentalmente pulsão de morte, e representa em si mesma a parte da morte no vivo sexuado.” (p. 201)

Esse mito apresenta a falta decorrente do ser vivo de se reproduzir pela via sexuada. Essa condição implica na perda do ser de sua condição natural. É uma vida decepada da imortalidade, da necessidade e da liberdade. Submetido à lógica da reprodução sexuada, o que resta ao sujeito é a inscrição de uma falta na qual o simbólico bordeja e dá notícia. Nesse

sentido, o que diz respeito ao ser homem e o ser mulher depende do “drama” posto no Outro. Não há determinantes naturais próprio do ser. Essa parte do ser vivo foi arrancada. Assim, a tendência sexual enquanto função de reprodução não está representada na pulsão. No psiquismo não há representação de macho e fêmea.

Lacan (2008) afirma que com as noções de passividade e atividade Freud pôde tratar propriamente o que era da relação sexual. O que há de inexplicável da relação sexual, o que se refere a masculino-feminino foi abordado pelos representantes opostos atividade-passividade. No entanto, nessa tomada freudiana não se encontra o Outro e é aí que está a complicação. “Essa representação do Outro falta, precisamente, entre esses dois mundos opostos que a sexualidade nos designa no masculino e no feminino.” (p. 189). Essa denominação atividade passividade só pode entrar em jogo no que diz respeito às relações sexuais. Freud usa desse artifício para nomear o que é da ordem do masculino e feminino e que, portanto, para Lacan vai estar no domínio do Outro.

2.3.3 Pulsões parciais.

Retomando as noções de *Lust-Ich* e *Real-Ich* de Freud, Lacan (2008) afirma que no nível do *Ich* não há pulsões e que o que Freud denominou de pulsões do Eu (autoconservação) não são verdadeiras. As pulsões do Eu só tornam-se pulsões sexuais na medida em que são tomadas pelas pulsões parciais, ou seja, o sujeito toma de forma passiva o que vem do mundo externo e a atividade está no movimento dos estímulos do mundo externo contra a pulsão.

Além disso, Lacan (2008) ressalta a força constante (*Konstant Kraft*) da pulsão para pensar a sua impossibilidade enquanto impulso ao movimento e para trazer à tona a inadequação de uma aproximação com a função biológica. “A primeira coisa que diz Freud da pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É força constante.” (Lacan, 2008 p. 163)

Para Lacan (2008) as pulsões só participam da realidade psíquica enquanto pulsões parciais. O *Real-Ich*, sistema que visa garantir a homeostase do psiquismo, não permite seu total esvaziamento das cargas de investimento e por isso a pulsão sempre será parcial, ou seja, “É em razão da realidade do sistema homeostático que a sexualidade só entra em jogo em forma de pulsões parciais.” (p. 173) Dessa forma, a sexualidade só participa da vida humana por meio da pulsão, que em relação à finalidade biológica da sexualidade sempre será parcial.

Ou seja, a pulsão parcial é o que representa no psiquismo as consequências da sexualidade na dimensão humana, e portanto, a sexualidade adentra o mundo humano pela via da falta.

Lacan retoma um trecho das *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* para expor a ideia freudiana de que as pulsões possuem uma plasticidade, que permite que uma ocupe o lugar, a intensidade ou até mesmo a satisfação de uma outra. Essa dinâmica pulsional é apresentada em analogia a uma “[...] rede de canais intercomunicantes cheios de líquido [...]”. (Freud, 1917, p. 113 *apud* Lacan, 1997, p. 116) Dessa descrição, é extraída a impossibilidade de sustentar a ideia da primazia genital, ou seja, que as pulsões se desenvolvem e convergem para uma única, a pulsão genital. Essa proposição é insustável uma vez concebida a plasticidade da pulsão demonstrada pela analogia com a rede, que não pode ser resumida em uma única representação, portanto, é sempre parcial.

O Trieb deve ser traduzido o mais próximo possível do equívoco e comprazemo-nos, às vezes em dizer – a deriva. [...] Essa deriva, para a qual toda a ação do princípio do prazer se motiva, dirige-nos para esse ponto mítico que foi articulado nos termos da relação de objeto. (Lacan, 1997 p. 155)

A pulsão é tomada pelo ideal narcísico de completude da demanda de amor e impulsiona o sujeito desejante a buscar o estado mítico de completude. Ela está nessa hiância circundando o objeto perdido, nos rastros da satisfação que só ocorre pela via da insatisfação. Esse caráter de fenda da pulsão, a mesma do inconsciente, a torna impossível de ser apreendida no registro da razão. “A montagem da pulsão é uma montagem que, de saída, se apresenta como não tendo nem pé nem cabeça - no sentido em que se fala de montagem numa colagem surrealista.” (2008 p. 167) A montagem é engendrada pelo simbólico, na tentativa de alcançar o objeto perdido. Nesse sentido, é o Outro que regula a sua atividade, por isso não há como estabelecer de antemão a montagem pulsional, ou seja, qual será o percurso tomado para contornar o objeto *a*.

Lacan (1997) propõe que a leitura do conceito de pulsão não seja apenas de uma maneira ampla como a noção energética apresenta, mas do ponto de vista histórico, na sua insistência. A pulsão diz da memória, de algo que insiste em se presentificar na estrutura, que se refere ao Outro primordial, que tem sua existência histórica anterior ao sujeito. Além disso, a entrada na linguagem do *infans* demarca na história do sujeito a possibilidade da pulsão existir a partir da perda assumida em decorrência do assujeitamento ao campo do Outro.

Estou-lhes mostrando a necessidade de um ponto de criação *ex nihilo* do qual nasce o que é histórico da pulsão. No começo era o Verbo, o que quer dizer, o significante. Sem o significante no começo é impossível articular a pulsão como histórica. E isso basta para introduzir a dimensão do *ex nihilo* na estrutura do campo analítico. (Lacan, 1997 p. 261)

Em articulação com a pulsão parcial está a libido, tida por Lacan (2008) como a presentificação do desejo não substancializado presente no processo primário. O autor salienta que a libido não pode ser tomada como campo de forças, mas como um órgão irreal, que tem articulação com o real numa relação mítica. “[...] A libido deve ser concebida como um órgão, nos dois sentidos do termo, órgão-parte do organismo e órgão-instrumento.” (Lacan, 2008 p. 184) Essa apreensão da libido enquanto órgão-parte corresponde ao impulso do órgão de se satisfazer no próprio objeto, de transpor a lei e obter o gozo.

2.4 Pulsão de morte

Lacan (1997) propõe pensar a pulsão de morte como uma lei que estaria para além de toda lei, governando a relação do sujeito com o mundo, com a realidade. No entanto, diferente da teoria freudiana, postula apenas uma pulsão. “[...] a pulsão parcial é fundamentalmente pulsão de morte, e representa em si mesma a parte da morte no vivo sexuado.” (Lacan, 2008 p. 201) Essa demarcação de uma única pulsão não suprime as diferenças entre pulsão de vida e pulsão de morte. Esses são os dois aspectos da pulsão. A pulsão sexual se articula no nível das significações no inconsciente e nessa dimensão do significante se apresenta a morte.

Explico assim a afinidade essencial de toda pulsão com a zona da morte, e concilio as duas faces da pulsão - que, ao mesmo tempo, presentifica a sexualidade no inconsciente e representa, em sua essência, a morte. (Lacan, 2008 p. 194)

O *fort dá* descrito por Freud é retomado por Lacan (1998) para apresentar a morte da coisa. A nomeação no plano da linguagem atesta a ausência da coisa. O *fort dá* além de significar o ir embora e o voltar da mãe também toma o lugar real da mãe. É o jogo dos significantes que entram em cena na dinâmica do sujeito e não mais o próprio objeto. Assim, é “pela palavra, que já é uma presença feita de ausência, a ausência mesma vem a se nomear em um momento original cuja perpétua recriação o talento de Freud captou na brincadeira da criança.” (Lacan, 1998 p. 277)

No inconsciente a pulsão representa a morte mesma do objeto real. Essa premissa está de acordo com a estrutura do significante de pura diferença, ou seja, de que ele não significa e nem representa nada, apenas demarca que não há correspondência entre as representações e os objetos. Assim, a presença do significante atesta a morte da coisa que o registro imaginário tenta dar conta.

O simbólico carrega a morte consigo, pois ele dá notícia de que na operação de entrada do *infans* no mundo da linguagem algo foi decepado. A bolsa foi perdida. Como já

exposto, a organização do simbólico aponta a falta. É a organização dos representantes em torno de *das Ding* que demarcam sua ausência. A pulsão contorna o objeto *a* na ânsia de reconstituir o que foi perdido e impossibilita a satisfação. A palavra barra o prazer, e o sujeito padece disso.

Essa dimensão simbólica permite Lacan se contrapor ao modelo energético e acentuar o caráter histórico da pulsão. “[...] o instinto de morte exprime essencialmente no limite da função histórica do sujeito.” (Lacan, 1998 p. 319) A história se refere à própria cadeia significativa que instaura uma ordem que elimina a natureza no humano e impõe a sua trama. O psiquismo como um aparelho de memória traz em seu funcionamento o inconsciente como o capítulo de uma história em branco ou ocupado por uma mentira. Essa história pode ser significada graças ao encadeamento significativo que deixa seus rastros no próprio corpo, na forma de arquivo mnêmico da infância, no vocabulário semântico particular de cada um, na tradição e nos vestígios da retificação dos capítulos (Lacan, 1998).

Lacan (1997) lê em Sade, nas teorias do personagem papa Pio VI, que a pulsão de morte deve ser concebida como uma sublimação criacionista. Esse papa acreditava que os vícios são tão importantes quanto as virtudes, uma vez que essa última é apenas uma criação, um efeito do vício. A desordem era necessária para a manutenção do império dos três reinos. Sem a degradação as leis da natureza seriam destruídas, causando ausência de gravitação, movimento, enfim, do perfeito equilíbrio. Com isso é articulado pulsão de morte à criação.

A pulsão de morte deve ser concebida como destruição na medida em que conduz para a vontade de criar a partir do estado anterior, do nada, a recomeçar. “Essa dimensão é introduzida desde que a cadeia histórica é isolável, e que a história se apresenta como algo memorável e memorizado no sentido freudiano, algo que é registrado na cadeia significativa e suspenso à sua existência.” (Lacan, 1997 p. 260) Dessa forma, a pulsão de morte lacaniana está entrelaçada à noção de criação e sublimação. A criação do novo é *ex-nihilo*, a partir do nada que faz transcender a cadeia significativa.

A pulsão como pulsão de destruição deve ser compreendida na superação da ideia de retorno ao inanimado, ressaltando seu caráter destrutivo como vontade de destruição direta. “Vontade de destruição. Vontade de recomeçar com novos custos. Vontade de Outra-coisa, na medida em que tudo pode ser posto em causa a partir da função do significativo.” (Lacan, 1997 p. 259)

A afirmação de que toda pulsão é pulsão de morte traz de saldo para a discussão a aproximação do sexo com a morte. Sexo e morte dizem da perpetuação e do fim da vida. “[...]a pulsão sem dúvida representa, mas apenas representa, e parcialmente, a curva da

terminação da sexualidade no ser vivo. Como espantar-se que seu último termo seja a morte? Pois que a presença do sexo está ligada a morte.” (Lacan, 2008 p. 174)

Considerações finais

Este trabalho teve como ponto de partida investigar a leitura que Lacan realizou da teoria das pulsões concebida por Freud. Nesse percurso foi possível identificar ênfases e alterações estabelecidas por Lacan à teoria freudiana. Ancorado em outros campos do saber e dialogando com outros leitores de Freud a teoria lacaniana não poderia ser simplesmente uma releitura, mas uma cuidadosa revisão que pressupõe descartes, acréscimos e destaques de determinados elementos da letra freudiana.

A primeira alteração estabelecida por Lacan e que salta aos olhos diz respeito ao dualismo. O primeiro dualismo pulsional referente às pulsões do eu e pulsões sexuais é rechaçado na medida em que as pulsões do eu são concebidas como necessidades de cunho biológico e por isso não estão no campo pulsional, mas sim mítico. Freud mantém o dualismo ancorado na divisão da libido do eu e libido objetual, enquanto Lacan usa a denominação pulsão unicamente para as pulsões sexuais parciais e realoca o que pertence à conservação do indivíduo para o âmbito da necessidade. O campo da necessidade não pertence ao registro pulsional.

Além disso, Freud necessita do primeiro dualismo pulsional para sustentar que a pulsão sexual é um desenvolvimento que surge apoiada na pulsão do Eu. O processo de erogenização concede ao organismo a qualidade de corpo pulsional. Dessa forma, a pulsão sexual advém da pulsão do Eu. Para Lacan a sexualidade entra na dimensão humana pela falta que engendra a suplência do sujeito ao significante. Assim, a sexualidade participa do humano pelos desfiles do significante. É no Outro que está a possibilidade de significar o que é ser homem e mulher.

As pulsões de vida e as pulsões de morte são tomadas por Lacan como aspectos de uma única pulsão, a pulsão de morte. Dessa forma, não há uma oposição ou um conflito de interesses como expressos na descrição da teoria pulsional freudiana. Na teoria lacaniana a pulsão de morte é a única, há um monismo.

Lacan toma as pulsões do Eu como necessidades. Essa demarcação ganhou destaque na letra lacaniana e é acompanhada da diferença entre desejo e demanda. Ao longo do *seminário, livro 5: as formações do inconsciente* o grafo do desejo é construído e aí são estabelecidas as diferenças entre esses conceitos. Já em Freud além da necessidade ser considerada uma pulsão, o desejo também é confundido com os impulsos pulsionais, como pode ser visto no trecho a seguir:

A esse tipo de corrente no interior do aparelho, partindo do desprazer e apontando para o prazer, demos o nome de “desejo”; afirmamos que só o desejo é capaz de pôr o aparelho em movimento e que o curso da excitação dentro dele é automaticamente regulado pelas sensações de prazer e desprazer. (1900/2006 pp. 624-625)

Freud nomeia o que é denominado em outros momentos de pulsão. Essa indiferenciação persiste durante toda a obra freudiana e parece que a delimitação de um campo específico não foi alvo da preocupação metapsicológica freudiana.

Desconsiderar o primeiro dualismo pulsional freudiano implicou para Lacan rever os dois princípios do acontecer psíquico, uma vez que o princípio de prazer está para as pulsões sexuais assim como o princípio de realidade está para as pulsões do Eu. O princípio de realidade na teoria lacaniana é concebido como um desdobramento do princípio de prazer e funciona por meio do registro de realidade fornecido pelo complexo do próximo, na experiência do Outro primordial. O sujeito lida com as peças escolhidas da realidade e não com uma realidade objetiva e universal.

Esse remanejo dos princípios na teoria lacaniana foi possível graças a oposição a leitura puramente econômica das pulsões. São as quantidades que fizeram Freud estabelecer a oposição entre os princípios de prazer e de realidade. As cargas de investimento no Eu e no objeto reguladas pelo princípio de prazer e a tendência à redução total da tensão demarcam a natureza econômica do segundo dualismo pulsional freudiano. Lacan prescinde dessa noção e toma a pulsão como produto da linguagem. Deslocar a pulsão desse campo ocasionou não ser mais necessário conceber teoricamente como o psiquismo lida com as cargas de investimento, mas sim descrever seu funcionamento pela lógica significante.

Lacan ressalta ao ler Freud que não se deve conceber a teoria pulsional como uma teoria de energia cinética. A exigência de trabalho ou ação específica não são efeitos de causa energética. Tomar a pulsão como energia cinética implica em reduzir o funcionamento psíquico em um arco-reflexo. Lacan enfatiza que as quantidades uma vez pertencentes ao aparelho neurônico passam a ser regidos pela estrutura da linguagem e se transformam em uma outra coisa de natureza qualitativa. Ademais, a radicalidade com que Lacan toma a teoria da linguagem na apreensão do humano não permite esse tipo de compreensão.

A pulsão parcial em Freud denomina as pulsões dirigidas ao próprio corpo. Para Lacan a parcialidade da pulsão refere-se à finalidade biológica sexual, ou seja, a ausência de uma determinação que promove toda a problemática da inexistência da relação sexual e da inadequação do objeto. Além disso, a pulsão é parcial na medida em que o prazer só é experienciado parcialmente. Em Freud as pulsões parciais estão postuladas em uma perspectiva desenvolvimentista em que convergiriam para uma confluência genital. Essa

proposição é um tanto quanto complicada e não pode ser tomada de forma categórica na obra freudiana. Com o deslocamento empreendido por Lacan, Freud se vê livre desse reducionismo.

Em decorrência da elaboração dos três registros, em especial do registro do real a compreensão da meta pulsional se altera na teoria lacaniana. A satisfação para esse autor é da ordem do impossível, uma vez que não se pode alcançar o objeto pulsional. *Das ding* e o objeto *a*, tomados como metas pulsionais não alcançados demonstra a qualidade do registro do real de ex-sistir. É algo não representado, mas que tem como testemunha o circuito pulsional. Lacan define que o sujeito obtém satisfação na insatisfação. Em Freud a satisfação é alcançada através dos objetos que cessam a estimulação da fonte e reduzem a tensão gerada no psiquismo. Na teoria freudiana a satisfação é momentânea e limitada, mas é Lacan que põe em destaque sua impossibilidade.

Além disso, a teoria lacaniana problematiza a noção de que a satisfação advém no movimento de alcançar o alvo. Com o desenvolvimento teórico do objeto *a*, a satisfação para Lacan está no contorno realizado pela pulsão, sendo impossível alcançar o que é contornado. Diante disso, há o estabelecimento do objeto da pulsão: o objeto *a*. Em Freud o objeto da pulsão é indefinido, podendo ser externo ou uma parte do próprio corpo. A escolha objetual se dá em decorrência da capacidade que esse objeto tem de proporcionar prazer, avaliado pela aproximação com o alvo inicial. Assim, os objetos de satisfação postulados por Freud são estabelecidos no registro imaginário lacaniano.

Para Freud as zonas erógenas são regiões biologicamente determinadas para a obtenção do prazer, que no processo de subjetivação podem ou não sofrerem o processo de eroginização. Já para Lacan essas zonas são bordas com estrutura de furo que permitem o acesso ao externo/interno, ao Outro primordial. Baseado nessa compreensão o autor expande as zonas acrescentando o ouvido e o olho.

A pulsão de morte para Freud está como a morte do organismo, o retorno ao inanimado, a extinção de toda e qualquer excitação. São várias as expressões da pulsão de morte estabelecidas por Freud, seja voltada ao próprio Eu no masoquismo ou pelo Supereu ou dirigida para fora em direção a objetos específicos. Essa tendência seria o maior inimigo da civilização que é um alvo constante da pulsão de destrutividade. Para Lacan a morte é da coisa, do objeto real. Não há correspondência entre as palavras e as coisas. Na dimensão humana o que está em jogo é o significante e não mais a realidade concreta. Uma outra forma de pensar lacanianamente a morte seria como consequência da entrada do *infans* no campo da

linguagem. Essa operação implica a morte de uma parte do organismo, a sua natureza é decepada.

Além disso, a leitura lacaniana da pulsão de morte inova ao ressaltar o caráter criacionista, ou seja, para além do desinvestimento libidinal, da disjunção e da destruição a pulsão funciona como possibilidade de criar. A criação é tomada pelo autor na problemática da ideia criacionista advinda da igreja em que se toma Deus como criador do mundo e do homem. Deus criou a partir do nada e por meio dessa assertiva Lacan demonstra como a criação humana também respeita esse princípio da criação. A destruição da pulsão de morte abre a fenda do nada, de onde a criação parte. O *ex nihilo* é possibilidade de recomeçar, criar, inventar para além da cadeia significativa.

A condição de o sujeito se constituir no campo do Outro tem efeitos para a teoria das pulsões. Freud trabalha com a ideia de que a repetição seria um movimento pulsional que visa recordar em ato ou como possibilidade de se assumir uma posição ativa na cena lembrada. Em ambos há o prazer de um outra ordem, a satisfação da pulsão de morte. No entanto, a teoria lacaniana apresenta a repetição como um movimento próprio da cadeia significativa. A pulsão tem como percurso os trilhamentos que se repetem na forma de circuito. A repetição seria então algo da estrutura simbólica.

O intento da pesquisa foi verificar a leitura que Lacan promoveu da teoria das pulsões de Freud. Com isso foi possível apresentar indicadores para refletir até que ponto é possível conceber continuidades e rupturas entre as teorizações desses autores. O estudo demonstrou que é preciso ter cautela e rigor ao tomar os pressupostos desses autores. Isso porque existem diferenças consideráveis na apreensão de cada um no que diz respeito ao fenômeno da pulsão.

Referências Bibliográficas

- Almeida, H. B. (2013). O percurso pulsional freudiano (Trabalho de conclusão de curso). Goiânia: UFG.
- Freud, S. (1910/2006). A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. In: S. Freud, Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud ed., Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914/2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In: S. Freud, Escritos sobre a psicologia do inconsciente (L. A. Hanss, Trad., Vol. I). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1900/2006). A interpretação dos Sonhos (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920/2004). Além do princípio de prazer. In: S. Freud, Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (L. A. Hanss, Trad., Vol. I). Rio de Janeiro.
- Freud, S. (1933/2006). Ansiedade e vida instintual. In: S. Freud, Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud ed., Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1896/2006). Carta 52. In: S. Freud, Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços inéditos (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923[1922]/2006). Dois verbetes de enciclopédia. In: S. Freud, Além do Princípio do Prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud ed., Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1940 [1938]/2006). Esboço de Psicanálise . In: S. Freud, Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos (Standard brasileira ed., Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1911/2006). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: S. Freud, Escritos sobre a psicologia do Inconsciente (L. A. Hanns, Trad., Vol. I). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/2006). O Inconsciente. In: S. Freud, A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud ed., Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1930[1929]/2006). O mal-estar na civilização. In: S. Freud, O futuro de uma ilusão. o mal-estar na civilização e outros trabalhos (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud ed., Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1924/2004). O problema econômico do masoquismo. In: S. Freud, Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/2004a). O recalque. In: S. Freud, Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (L. A. Hanns, Trad., Vol. I). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1950[1895]/2006). Projeto para uma psicologia científica. In: S. Freud, Publicações pré-psicanalíticas e Esboços inéditos (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/2004b). Pulsão e destinos da Pulsão. In: S. Freud, Escritos sobre a psicologia do inconsciente (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freud, S. (1914/2006). Recordar, repetir e elaborar. In: S. Freud, O caso Schreber, Artigos sobre a técnica e outros trabalhos (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud ed., Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1905/2006). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: S. Freud, Um caso de histeria, três Ensaio sobre sexualidade e outros trabalhos. (Edição Standard brasileira ed., Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago.
- Gaufey, G. L. (2015). El sujeto según Lacan. Buenos Aires: El cuenco de plata.

Hanns, L. A. (1996). Dicionário comentado do alemão de Freud. Rio de Janeiro: Imago.

Lacan, J. (1998a). Do "Trieb" de Freud e do desejo do psicanalista. In: J. Lacan, Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem . In: J. Lacan, Escritos . Rio de Janeiro : Zahar.

Lacan, J. (2008). O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1999). O seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro : Zahar.

Lacan, J. (1997). O seminário, livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1998b). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: J. Lacan, Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1991). Vocabulário de Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes.

Mezan, R. (1993). Que significa "Pesquisa" em psicanálise? In: (. M. Silva, Investigação e Psicanálise. Campinas: Papirus.

Strachey, J. (2006a). Nota do editor em Instintos e suas vicissitudes. In: S. Freud, A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud ed., Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago.

Strachey, J. (2006b). Nota do editor em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: S. Freud, Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud ed., Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago.

